

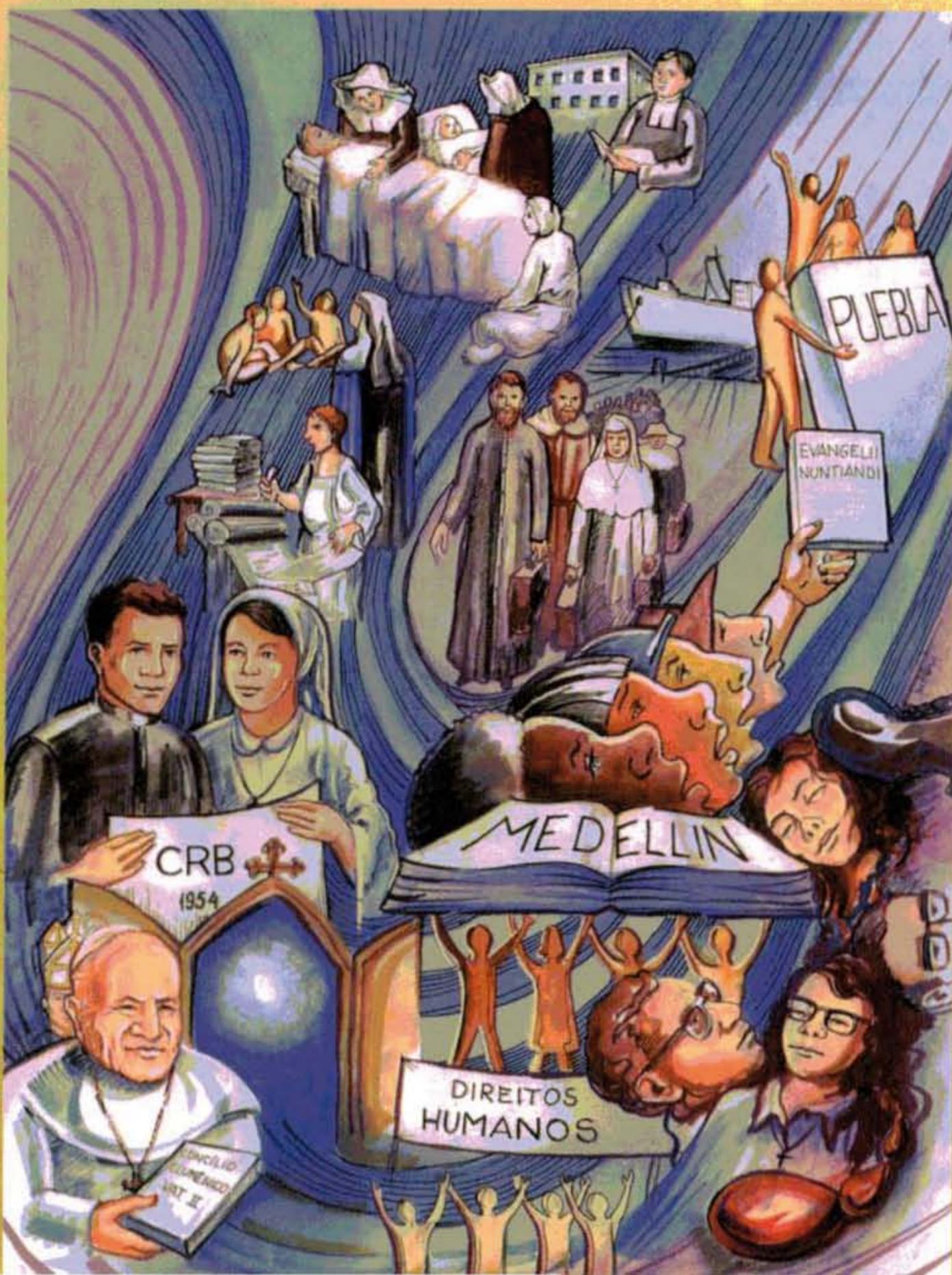
convergência

JUL/AGO ■ 1994 ■ ANO XXIX

Nº 274

ENCONTRO NACIONAL
DE FORMADORES

CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE
A VIDA CONSAGRADA



convergência

CRB
40
anos

SUMÁRIO

EDITORIAL

"NO LIMAR DE UM NOVO MILÊNIO" 321
Pe. Spencer Custódio Filho, SJ

PALAVRA DO PAPA

CARTA ÀS FAMÍLIAS - II 323

CARISMA E PROFECIA 327
Ir. Ana Roy

INCULTURAÇÃO E CULTURAS 333
Fr. Tito Figueirôa de Medeiros, O. Carm.

DESAFIOS DA MODERNIDADE PARA A
FORMAÇÃO NA VIDA RELIGIOSA 340
Pe. Spencer Custódio Filho, SJ

CONGRESSO INTERNACIONAL DA USG
SOBRE A VIDA CONSAGRADA —
CONVICÇÕES E PROPOSTAS 349

CARISMAS NA IGREJA PARA O MUNDO
SÍNTESE TEOLÓGICA APRESENTADA À USG .. 358
José Cristo Rey Garcia Paredes, CMF

UM OLHAR AO CONGRESSO DA USG NA
PERSPECTIVA DA VIDA RELIGIOSA
APOSTÓLICA FEMININA 371
Ir. Inés Laso González, FI

NOSSA CAPA

Detalhe do Painel sobre os 500 anos de Vida Religiosa no Brasil, dos artistas populares Anderson Souza Pereira, MSC, e Elda Broilo, SC. Após a restauração da Vida Religiosa, mediante vigoroso transplante de Congregações antigas e recentes da Europa para o Brasil, nasce uma nova caminhada. A criação da CRB, em 1954, preparou a Vida Religiosa para a marcha a que a Igreja se propõe na América Latina, nesta nova fase: participação do povo, ênfase em nossa realidade e olhos no Vaticano II, Medellín, Puebla, Direitos Humanos, Evangelii Nuntiandi... Religiosos (mulheres e homens) se misturam ao povo caminhando na mesma direção.

ASSINATURA PARA 1994:

BRASIL: taxa única

Terrestre ou aérea US\$ 25,00

EXTERIOR: taxa única

Terrestre ou aérea US\$ 85,00

Número avulso (Brasil) US\$ 2,50

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.



convergência

Revista Mensal da
Conferência dos Religiosos
do Brasil: CRB

DIRETOR-RESPONSÁVEL:

Pe. Edênio Valle, SVD

REDATOR-RESPONSÁVEL:

Pe. Marcos de Lima, SDB (Reg. 12679/78)

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO:

Coordenador:

Pe. Spencer Custódio Filho, SJ

Membros:

Pe. Atico Fassini, MS, Ir. Lima Boff, SMR e

Fr. Luis Fernando Peixoto, OFM

DIREÇÃO, REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO:

Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4º andar
Cinelândia — Tel.: (021) 240-7299
20038-900 — Rio de Janeiro — RJ

DIAGRAMAÇÃO E IMPRESSÃO:

Edições Loyola
Rua 1822 n. 347 — Ipiranga
04216-000 — São Paulo — SP
Tel.: (011) 914-1922

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do DPF sob o n. P.209/73

EDITORIAL

NO LIMIAR DE UM NOVO MILÊNIO

Pe. Spencer Custódio Filho, SJ

Faltam cinco anos e meio para chegar ao final de nosso milênio e abrimo-nos para um novo período da história. Por mais que esses referenciais de tempo tenham um caráter um tanto mítico, é evidente que nos tocam até psicologicamente, sensibilizando-nos para um novo começo, uma retomada de caminho a partir das próprias raízes.

Para a vida religiosa no Brasil nosso olhar é balizado desde já por um acontecimento que CONVERGÊNCIA gostaria de destacar: o Sínodo dos Bispos, aqui refletido na colaboração apresentada pelo Congresso da USG (União dos Superiores Gerais), em Roma no passado mês de novembro.

A vida religiosa experimenta hoje um momento particularmente significativo da sua história por causa da renovação exigente e vasta que as diferentes condições socioculturais, já no limiar do terceiro milênio da era cristã, lhe impõem. Como o próprio Papa João Paulo II pedia aos participantes do congresso da USG na audiência a eles concedida, é preciso "tomar consciência desta hora singular, de maneira a não perder a oportunidade de um real retorno à fonte evangélica: é de fato Jesus Cristo o supremo ponto de referência de todo o religioso. Para Ele se deve olhar como para o Consagrado por excelência que, enviado ao mundo, chama os discípulos a segui-lo na radicalidade do dom de si ao Pai celeste e aos fiéis". Para esse ponto referencial se volta o Sínodo: retomar o seguimento de Jesus de forma inculturada

e através de uma espiritualidade encarnada segundo os carismas diversos dos institutos que produza um novo ardor apostólico.

Ir. Ana Roy, com a delicadeza de estilo que lhe é própria, apresenta a introdução ao módulo de sua responsabilidade com o texto sobre "Carisma e Profecia". Destaca aí o tempo de novidade, no qual emerge uma nova consciência de consagração, e o tempo do carisma, entendido como tempo de graça, de gratuidade, de graciosidade da identidade ontológica, da identidade batismal e da identidade de consagração. Fr. Tito Figueirôa de Medeiros, o.carm., a quem coube o módulo sobre inculturação, após distinguir os diferentes termos (enculturação, aculturação, adaptação cultural e inculturação), volta-se para as respostas enviadas por diferentes formadores e formadoras na preparação do Encontro, tocando questões "vivas" do processo formativo. Pe. Spencer, a partir da escolha de três indicadores da modernidade (secularização, deliberação e centramento no indivíduo), procura tirar as conseqüências resultantes para a formação e possibilidades de um diálogo que possam daí surgir, até mesmo gerando efeitos positivos para a vida religiosa.

Quanto ao Congresso Internacional da USG sobre a Vida Consagrada, e que teve como tema "A Vida consagrada hoje: carismas na Igreja para o mundo", o primeiro texto que publicamos recolhe as convicções e propostas majoritariamente presentes no encontro. Não pretendem dar uma visão completa da extensa problemática da

VC hoje, mas fornecem elementos para uma ajuda aos padres sinodais. Segue-se a síntese teológica elaborada pelo Pe. José Cristo Rey Garcia Paredes, cmf, e ainda uma leitura na perspectiva feminina de uma das superiores gerais convidadas pela USG a participar do encontro.

Como lembrava João Paulo II, na audiência acima citada, "os fundadores souberam encarnar no seu tempo, com coragem

e santidade, a mensagem evangélica. É preciso que, fiéis ao sopro do Espírito, os seus filhos espirituais prossigam no tempo este testemunho, imitando a sua criatividade com uma amadurecida fidelidade ao carisma das origens, em escuta constante das exigências do momento presente". CONVERGÊNCIA faz seus estes desejos, esperando para eles contribuir através da presente edição.

PALAVRA DO PAPA

CARTA ÀS FAMÍLIAS – II

CIVILIZAÇÃO DO AMOR

“Ele criou homem e mulher”

6. O cosmos, imenso e tão diversificado, o mundo de todos os seres vivos está inscrito na paternidade de Deus como sua fonte (cf. Ef 3, 14-16). Naturalmente, está lá inscrito segundo o princípio da analogia que nos permite individuar, já ao início do livro do Gênesis, a realidade da paternidade e maternidade, e, conseqüentemente, da família humana também. A chave interpretativa está na expressão “imagem” e “semelhança” de Deus, que o texto bíblico acentua com grande relevo (Gn 1,26). Deus cria em virtude da sua palavra: “Faça-se!” (por exemplo, Gn 1,3). É significativo que esta palavra de Deus, no caso da criação do homem, seja completada pelos seguintes termos: “Façamos o homem à imagem, à nossa semelhança” (Gn 1,26). Antes de criar o homem, o Criador como que reentra em Si mesmo para procurar o modelo e a inspiração no mistério do seu Ser, que já aqui Se manifesta de algum modo como o “Nós” divino. Deste mistério deriva, por via de criação, o ser humano: “Deus criou o homem à sua imagem, criou-o à imagem de Deus; Ele os criou homem e mulher” (Gn 1,27).

Abençoando os novos seres, Deus diz-lhes: “Crescei e multiplicai-vos, enchei e dominai a terra” (Gn 1,28). O livro do Gênesis usa expressões já empregues no contexto da criação dos outros seres vivos: “Multiplicai-vos”, mas é bem claro o seu sentido analógico. Não é esta a analogia

da geração e da paternidade e maternidade que se há de ler à luz de todo o contexto? Nenhum dos seres vivos, à exceção do homem, foi criado “à imagem e semelhança de Deus”. A paternidade e a maternidade humana, mesmo sendo biologicamente semelhante à de outros seres da natureza, têm em si mesmas de modo essencial e exclusivo uma “semelhança” com Deus, sobre a qual se funda a família, concebida como comunidade de vida humana, como comunidade de pessoas unidas no amor (*Communio personarum*).

À luz do Novo Testamento, é possível vislumbrar como o modelo originário da família deve ser procurado no próprio Deus, no mistério trinitário da sua vida. O “Nós” divino constitui o modelo eterno do “nós” humano; e, em primeiro lugar, daquele “nós” que é formado pelo homem e pela mulher, criados à imagem e semelhança de Deus. As palavras do livro do Gênesis encerram em si aquela verdade sobre o homem, que corresponde à própria experiência da humanidade. O ser humano é criado, desde “o princípio”, como homem e mulher: a vida da coletividade humana — tanto das pequenas comunidades como da sociedade inteira — está marcada por esta dualidade primordial. Dela derivam a “masculinidade” e a “feminilidade” dos simples indivíduos, tal como daí recebe cada comunidade a própria riqueza característica, no recíproco complemento das pessoas. A isto mesmo parece aludir a citação do livro do Gênesis: “Ele os criou homem e mulher” (Gn 1,27). Esta é tam-

bém a primeira afirmação da igual dignidade do homem e da mulher: ambos são, igualmente, pessoas. Esta sua constituição, com a dignidade específica que daí deriva, define desde “o princípio” as características do bem comum da humanidade, em todas as dimensões e âmbitos da vida. A este bem comum, ambos, o homem e a mulher, dão o próprio contributo, graças ao qual se constata, nas raízes da convivência humana, o caráter de comunhão e complementaridade.

A ALIANÇA CONJUGAL

7. A família foi sempre considerada como a primeira e fundamental expressão da natureza social do homem. No seu núcleo essencial, tão pouco esta visão mudou hoje. Se bem que, em nossos dias, prefere-se ressaltar na família, que constitui a mais pequena e primordial comunidade humana, quanto provém do contributo pessoal do homem e da mulher. A família é realmente uma comunidade de pessoas, para quem o modo próprio de existir e viver juntas é a comunhão: comunhão de pessoas. Também aqui, sempre ressaltando a absoluta transcendência do Criador relativamente à criatura, emerge a referência exemplar ao “Nós” divino. Somente as pessoas são capazes de viver “em comunhão”. A família tem início na comunhão conjugal, que o Concílio Vaticano II classifica como “aliança”, na qual o homem e a mulher “mutuamente se dão e recebem um ao outro”.

O livro do Gênesis abre-nos a esta verdade quando, referindo-se à constituição da família mediante o matrimônio, afirma que “o homem deixará o pai e a mãe para se unir à sua mulher; e os dois serão uma só carne” (Gn 2,24). No Evangelho, Cristo, em polémica com os fariseus, enuncia as mesmas palavras e acrescenta: “Portanto, já não são dois, mas uma só carne. Pois bem, o que Deus uniu, não o

separe o homem” (Mt 19,6). Ele revela novamente o conteúdo normativo de um fato que existe já “ao princípio” (Mt 19,8) e que conserva sempre em si esse conteúdo. Se o Mestre o confirma “agora”, fá-lo para tornar claro e inequívoco a todos, no limiar da Nova Aliança, o caráter indissolúvel do matrimônio, qual fundamento do bem comum da família.

Quando, juntamente com o Apóstolo, dobramos os joelhos diante do Pai, do Qual toda a paternidade e maternidade recebe o nome (cf. Ef 3, 14-15), tomamos consciência de que o fato de se tornar pais faz com que a família, já constituída pela aliança conjugal do matrimônio, se realize “em sentido pleno e específico”. A maternidade implica necessariamente a paternidade, e a paternidade implica necessariamente a maternidade: é o fruto da dualidade obsequiada pelo Criador ao ser humano, desde “o princípio”.

Fiz referência a dois conceitos afins entre si, mas não idênticos: o conceito de “comunhão” e o de “comunidade”. A “comunhão” diz respeito à relação pessoal entre o “eu” e o “tu”. A “comunidade”, pelo contrário, supera este esquema na direção de uma “sociedade”, de um “nós”. A família, comunidade de pessoas, é, pois, a primeira “sociedade” humana. Ela surge no momento em que se realiza a aliança do matrimônio, que abre os cônjuges a uma perene comunhão de amor e de vida, e completa-se plenamente e de modo específico com a geração dos filhos: a “comunhão” dos cônjuges dá início à “comunidade” familiar. A “comunidade” familiar está totalmente permeada daquilo que constitui a essência própria da “comunhão”. Poderá haver, no plano humano, uma outra “comunhão” comparável àquela que acaba por se estabelecer entre a mãe e o filho, por ela primeiro levado no seio e depois dado à luz?

Na família assim constituída, manifesta-se uma nova unidade, na qual encontra

pleno cumprimento a relação “de comunhão” dos pais. A experiência ensina que esse cumprimento representa, no entanto, uma tarefa e um desafio. A tarefa empenha os cônjuges, na atuação da sua aliança originária. Os filhos, por eles gerados, deveriam — está aqui o desafio — consolidar tal aliança, enriquecendo e arraigando a comunhão conjugal do pai e da mãe. Quando tal não sucede, há que se perguntar se o egoísmo, que por causa da inclinação humana para o mal se esconde inclusive no amor do homem e da mulher, não é mais forte do que o amor. É preciso que os esposos estejam bem cientes disso. É necessário que, desde o princípio, eles tenham os corações e os pensamentos voltados para aquele Deus, “do Qual toda a paternidade toma o nome”, a fim de que sua paternidade e maternidade tirem daquela fonte a força de se renovarem continuamente no amor.

Paternidade e maternidade representam em si mesmas uma particular confirmação do amor, cuja extensão e profundidade original permitem descobrir. Isso, porém, não acontece automaticamente. É, antes, um dever confiado a ambos: ao marido e à esposa. Nas suas vidas, a paternidade e a maternidade constituem uma “novidade” e uma riqueza tão sublime que apenas “de joelhos” é possível abeirar-se delas.

A experiência ensina que o amor humano, por sua natureza orientado para a paternidade e maternidade, é às vezes afetado por uma profunda crise, que o deixa seriamente ameaçado. Há que tomar em consideração, nesses casos, o recurso aos serviços oferecidos pelos consultórios matrimoniais e familiares, mediante os quais é possível valer-se, entre outras coisas, da ajuda de psicólogos e psicoterapeutas especificamente preparados. Não se pode esquecer, todavia, de que continuam sempre válidas as palavras do Apóstolo: “Dobro os joelhos diante do Pai, do Qual toda a paternidade, nos Céus como na

Terra, toma o nome”. O matrimônio, o matrimônio-sacramento, é uma aliança de pessoas no amor. E o amor pode ser aprofundado e guardado apenas pelo Amor, aquele Amor que é “derramado em nossos corações pelo Espírito Santo, que nos foi concedido” (Rm 5,5). A oração no Ano da Família não deveria concentrar-se sobre o ponto crucial e decisivo da passagem do amor conjugal à geração e, por isso, à paternidade e maternidade? Não é precisamente então que se torna indispensável a “efusão da graça do Espírito Santo”, invocada na celebração litúrgica do sacramento do matrimônio?

O Apóstolo, dobrando os joelhos diante do Pai, implora-Lhe que “vos conceda (...) que sejais poderosamente fortalecidos pelo seu Espírito quanto ao crescimento do homem interior” (Ef 3,16). Esta “força do homem interior” é necessária na vida familiar, especialmente nos seus momentos críticos, ou seja, quando o amor, que no rito litúrgico do consentimento conjugal foi expresso pelas palavras: “Prometo ser-te fiel (...), por toda a nossa vida”, é chamado a superar um difícil exame.

A UNIÃO DOS DOIS

8. Somente as “pessoas” são capazes de pronunciar tais palavras; apenas elas conseguem viver “em comunhão” sobre a base da escolha recíproca, que é, ou deveria ser, plenamente consciente e livre. O livro do Gênesis, ao falar do homem que deixa o pai e a mãe para se unir à sua mulher (cf. Gn 2,24), põe em evidência a opção consciente e livre que dá origem ao matrimônio, tornando o marido um filho e a esposa uma filha. Como entender adequadamente esta escolha recíproca, se não se tem presente a verdade plena da pessoa, ou seja, do ser racional e livre? O Concílio Vaticano II fala da semelhança com Deus, usando termos muito significativos. Ele faz referência não apenas à imagem e seme-

lhança divina que todo o ser humano já possui enquanto tal, mas também e sobretudo a “uma certa analogia entre a união das pessoas divinas entre Si e a união dos filhos de Deus na verdade e no amor”.

Esta formulação, particularmente rica e sugestiva, confirma sobretudo o que decide a identidade íntima de cada homem e de cada mulher. Tal identidade consiste na capacidade de viver na verdade e no amor; melhor ainda, consiste na necessidade da verdade e do amor qual a dimensão constitutiva da vida da pessoa. Essa necessidade de verdade e de amor abre o homem quer a Deus, quer às criaturas: abre-o às outras pessoas, à vida “em comunhão”, em particular, ao matrimônio e à família. Nas palavras do Concílio, a “comunhão” das pessoas, em certo sentido, deriva do mistério do “Nós” trinitário e, por conseguinte, também a “comunhão conjugal” deve ser referida ao mesmo mistério. A família, que tem início no amor do homem e da mulher, dimana radicalmente do mistério de Deus. Isto corresponde à essência mais íntima do homem e da mulher, à sua constitutiva e autêntica dignidade de pessoa.

No matrimônio, o homem e a mulher unem-se entre si firmemente e tornam-se — segundo as palavras do livro do Gênesis — “uma só carne” (Gn 2,24). Homem e mulher por constituição física, os dois sujeitos humanos, apesar de somaticamente diferentes, participam de modo igual na capacidade de viver “na verdade e no amor”. Esta capacidade, característica do ser humano enquanto pessoa, tem uma dimensão conjuntamente espiritual e corpórea. É através do corpo também que o

homem e a mulher estão predispostos para formar uma “comunhão de pessoas” no matrimônio. Quando, em virtude da aliança conjugal, eles se unem de tal maneira que se tornam “uma só carne” (Gn 2,24), a sua união deve-se realizar “na verdade e no amor”, pondo assim em evidência a maturidade própria de pessoas criadas à imagem e semelhança de Deus.

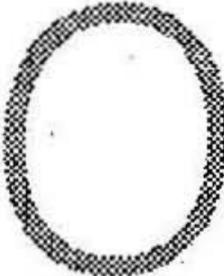
A família, que daí deriva, obtém a sua solidez interior da aliança entre os cônjuges, que Cristo elevou a Sacramento. Ela recebe a própria índole comunitária, ou melhor, as suas características de “comunhão”, daquela comunhão fundamental dos cônjuges que se prolonga nos filhos. “Estais dispostos a receber amorosamente da mão de Deus os filhos e a educá-los...?” — pergunta o celebrante durante o rito do matrimônio. A resposta dos noivos corresponde à mais íntima verdade do amor que os une. Assim a sua união, em vez de os fechar em si mesmos, abre-os a uma nova vida, a uma nova pessoa. Como pais, serão capazes de dar a vida a um ser semelhante a eles, não apenas “osso dos seus ossos e carne da sua carne” (Cf. Gn 2,23), mas imagem e semelhança de Deus, isto é, pessoa.

Ao perguntar: “Estais dispostos?”, a Igreja recorda aos noivos que eles se encontram perante o poder criador de Deus. São chamados a tornar-se pais, ou seja, a cooperar com o Criador no dom da vida. Cooperar com Deus no chamamento à vida de novos seres humanos significa contribuir para a transmissão daquela imagem e semelhança divina, de que é portador todo o “nascido de mulher”.

CARISMA E PROFECIA

Ir. Ana Roy
Utinga/BA

Num mundo que não dá ouvidos ao grito dos fracos e dos carentes, a obediência nos posiciona em atitude de "audiência" fraterna e serviçal com aqueles que tão pouco são atendidos e escutados.

 Os Jovens que batem hoje na porta de nossas casas religiosas são filhos e filhas da modernidade e levam consigo os marcos do tempo em que nasceram — valores e contravalores deste mundo moderno e pós-moderno construíram uma juventude cujo edifício de vida não deixa de ser frágil, inseguro, mesmo que generoso e até teimoso. Porém, não cessam de bater os ventos contrários, sejam desencadeados em furacão, sejam mais suaves e sutis que colocam a casa à prova, quando não a desabam.

Ideologias, escolas científicas no campo da psicologia, da genética, da sexologia proclamam com maior ou menor alarde que terminou a era de Jesus, o profeta.

Correntes de idéias pregam a valorização do "eu", a promoção individualista, o princípio da determinação pessoal, a permissividade sem alienação e entram de cheio em conflito com o Evangelho.

E a Vida Religiosa no âmago dessa confusão e conjectura histórica?

Tal insegurança suscita também entre os jovens, conscientes ou inconscientes, uma ânsia de critérios, uma busca de apoios a balizar os caminhos de amanhã.

Os próprios formadores(as) não passam imunes no meio de tanto desafio e questionam sua fé para reassentá-la sobre a rocha.

Como reencontrar e reexpressar hoje os elementos constitutivos da Vida Religiosa, o Carisma e a Profecia, na vivência dos votos, para abrir aos jovens caminhos capazes de forjar um futuro conforme a mística evangélica? Minha contribuição não tem nada de exaustivo. Eis aqui apenas algumas pistas que ofereço a sua reflexão para um aprofundamento posterior e necessário.

Deter-me-ei sobre três pontos que me parecem profundamente integrados e interdependentes uns dos outros:

Novidade — Carisma — Profecia.

Isso, mais uma vez, numa perspectiva aberta que chama pela colaboração de todos os formadores e formadoras.

O TEMPO DA NOVIDADE

O próprio do tempo é ser grávido de Novo, do qual a História é a grande parteira.

Isso não é descoberta, é mesmo evidência que todos experimentamos.

No entanto, tal ou tal novidade que aparece aqui acolá nem sempre nos encontra em condições de recebê-la.

Boa ou ruim, a novidade nos surpreende: cria confiança ou suspeita; nos ameaça

e nós a respeitamos ou nos seduz e lhes damos ouvidos complacentes; de qualquer modo exige um posicionamento, uma resposta.

Desde séculos, afinal, não se repete a mesma experiência?

No Tempo do Exílio, em que Israel estava confrontado com outras crenças e outras religiões, Isaías não teve medo de falar de Novidades, até boas:

“Agora, Eu lhe falo coisas novas, segredos que você não conhece... Foram criadas neste momento... antes do dia de hoje, você nunca ouviu falar, não soube e isso nunca chegou a seus ouvidos...” (Is 48, 6-7).

Embora diferente do nosso, o contexto de então não teria uma luz a projetar sobre o nosso hoje?

Duas épocas cujo denominador comum é o desafio.

Ambas sugerem uma postura aberta e benevolente para abordar e acolher “essas coisas” de que nunca antes “ouvimos falar”: linguagem nova de nossos jovens, novo jeito de apreender a realidade, de olhar o mundo... e mais!

Neles e nelas percebemos que o novo, sempre imprevisível, nos chega, está a nossa frente; e de fato se torna novo para nós quando o acolhemos sem autodefesa, sem armas, antes de questioná-lo.

Ademais, confessar conforme as palavras do profeta “não saber tudo”, no choque das idéias e das propostas, nos dispõe sem preconceitos, sem juízo imediato, a acolher os jovens como são, com seus questionamentos, suas ânsias de critérios, de segurança legítima.

Progressivamente e na paciência, iremos discernir com eles os elementos fundamentais de onde vem emergindo uma nova consciência de consagração, através de novas mediações que os ajudam a crescer.

Jesus, em seu tempo, foi o homem tanto da fidelidade como da novidade, duas realidades distintas, nunca opostas em sua vida. Ele assumiu introduzir tendências radicalmente novas na experiência religiosa do Povo de Deus.

Mateus explicita esse posicionamento em palavras incisivas que não deixam ambigüidades: “Ontem ouviram o que lhes foi dito... (Hoje) Eu, porém lhes digo”. E no mesmo tempo o hoje renovado não desvalorizava o ontem nem apagava o passado.

Jesus Formador e Pedagogo situa-se na tangente entre a continuidade e a descontinuidade.

Para que o novo apareça em todos os tempos, o moderno, o pós-moderno e além, uma ruptura com o antes será sempre necessária. Essa dialética, mais do que nunca, pertence à diaconia da formação.

Os formadores(as) estão “provocados” (chamados para frente) a um rigoroso discernimento, operação-triagem, entre aquilo que se pode questionar e mudar (portanto aquilo a que não se pode *apegar*) e aquilo que não se pode negociar na VR (ou seja que não se pode *apagar*).

A novidade introduzida por Jesus, em relação às leis e aos costumes, anima e legitima nossas buscas.

O Espírito Santo que sempre paira sobre todo o caos como agente incansável de todas as renovações quer associar todos os formadores(as) à sua tarefa própria: Construir a Novidade sobre o diferente e o contrário.

O TEMPO DO CARISMA...

Tempo de graça, de gratuidade, de graciosidade, já que essas palavras têm a mesma origem e vão se explicando umas pelas outras.

Tempo de graça, sim, não apenas um desenvolver numa sucessão linear mas uma realidade dinâmica, que transforme a dimensão cronológica da vida em existência criativa, vocacionada a uma realização solidária com os irmãos.

Hoje, parece-me importante ampliar o conceito "carisma", "Karis", sem limitá-lo a tal ou tal grupo assim qualificado ou restringi-lo ao específico da Vida Religiosa — carisma, dom gratuito é mais.

Nossa própria vida carrega consigo marcas "carismáticas" porque mergulhada num mistério de gratuidade que a envolve.

Por isso proponho três dimensões de carisma que tocam a nossa existência:

- O carisma da identidade ontológica
- O carisma Batismal da eleição comunitária
- O carisma da consagração religiosa

O CARISMA DA IDENTIDADE MASCULINA OU FEMININA

Numa época de supervalorização do sexo, com todas as suas ambigüidades, sensível a um novo tipo de relação homem/mulher, deve-se voltar com os formandos(as) ao carisma original, fundamental, único de uma existência pessoal sexuada.

Ninguém pediu para nascer e ninguém escolheu o seu sexo.

O corpo masculino ou feminino é o primeiro dom gratuito que recebemos.

Bem sabemos, hoje cientificamente, o quanto a relação com o próprio corpo tem um papel determinante sobre a estruturação de uma personalidade.

Não há crescimento possível e harmonioso sem aceitação sadia de um corpo sexuado, homem ou mulher.

Toda comunicação entre nós passa por uma epifania corporal. Os símbolos das primeiras páginas do Gênesis nunca deixaram de iluminar o sentido da vida humana sexuada e diversificada, independente das pesquisas científicas que trabalham em um outro nível.

A maioria dos jovens que se apresentam na vida religiosa não teve oportunidade e espaço para refletir sobre o significado do corpo apesar do liberalismo ambiente. Uns fizeram experiências que deixaram, às vezes, marcas e complexos.

Outros levam consigo conseqüências de uma espiritualidade dualista, corpo de um lado, espírito do outro, que prejudica o equilíbrio físico e psíquico.

O carisma ontológico é o primeiro a assumir antes mesmo de pensar em uma consagração batismal e religiosa.

O CARISMA BATISMAL DA ELEIÇÃO COMUNITÁRIA

Toda aventura propriamente cristã tem o seu início no Batismo, que introduz o candidato(a) na convivência comunitária dos filhos e filhas de Deus.

Esse carisma por excelência supõe e suscita a liberdade do sujeito, em resposta a criar ao longo do seu itinerário.

A pluralidade de respostas possíveis mostra a liberdade de Deus na distribuição de seus dons e liberdade do homem e da mulher, cuja condição não é mero destino marcado, já que tem a possibilidade de optar.

A diversidade das vocações cristãs manifesta a riqueza do carisma batismal, que possibilita uma escolha de vida radicalizada no evangelho, de forma diferente.

Hoje, por múltiplas razões aliás, muitos formandos e formandas não receberam uma catequese de base.

É difícil pensar em vida religiosa se o candidato(a) não tiver penetrado no sentido de seu batismo e na proposta que encerra.

Não é possível colocar o meio antes do fim. Será sempre primeiro da vida de um(a) cristão(ã) o compromisso batismal, qualquer que for depois a "etiqueta" social de sua vocação, seja no sacramento do matrimônio, seja no celibato consagrado.

O cultivo batismal é tarefa que se impõe hoje aos formadores(as) em todas as etapas, desde a preparação vocacional até a profissão.

Essa exigência sugere um novo tipo de relações: acolher juntos, formadores e formandos, a graça da liberdade batismal, a única que permite, se Deus quiser, a escolha ou a perseverança numa determinada forma de vida, inspirada pelo carisma de tal ou tal instituto.

O CARISMA DA CONGREGAÇÃO RELIGIOSA

Quando um formando(a) na gratuidade divina de seu batismo assentou seu desejo de radicalizar sua vida no seguimento de Cristo pobre, casto e obediente, ele(a) se torna capaz, então, de acolher livremente a "Karis" particular que lhe propõe um Instituto Religioso.

Aliás, em estrito rigor de palavras, seria exato falar de um carisma de Congregação?

Um carisma é sempre pessoal, e quem o recebe não pode apropriá-lo. A graça vem de Deus, que, pela mediação de homens e mulheres por Ele escolhidos, quer lembrar ao seu Povo tal aspecto do seu mistério e de seu Plano.

Daí, os membros de uma congregação, irmãos e irmãs, dotados de uma mesma sensibilidade espiritual e apostólica em afinidade com a graça própria do fundador(a), unem-se em torno da inspiração fundante.

Cabe, então, às gerações, no tempo e no espaço, atualizá-la em respostas inéditas e criativas. Tocamos aí o cerne da Vida Religiosa, a sua essência, seu mistério.

A educação progressiva para o carisma e a sua compreensão é que constitui pouco a pouco o espírito próprio de um Instituto num consenso, um "sentir com", comum com a graça fundadora, para retomar a expressão que Santo Inácio aplicava à Igreja.

Essa lenta iniciação ao carisma é sem dúvida a tarefa prioritária de um bom formador(a) e o melhor serviço que pode prestar a congregação.

Ao mesmo tempo, pressões e exigências dos jovens que querem às vezes tudo reformar antes de se formarem não deixaram de revelar uma generosidade indubitável.

Tal instância pode esconder uma Boa Nova para a vitalidade de um Instituto e merece atenção benevolente.

Aí entra o discernimento leal: na Vida Religiosa, o que pode ser negociável, o que permanece "inegociável"?

Negociar o carisma de um Instituto, jamais; seria solapar os alicerces e ver a casa desmoronar.

Mas as práticas e expressões concretas do carisma devem sempre ser revistas, como condições de vida.

Quando o carisma aparece com clareza no processo formador, então pode ressurgir, através de novas formas, com uma força surpreendente que permite procurar na paz e na confiança os caminhos de uma autêntica e permanente renovação.

Assim, a vida religiosa na multidiversidade de sua riqueza carismática será fielmente a "memória evangélica" viva no meio do Povo de Deus.

Percebe-se que a apresentação tripartida do carisma que escolhi visa simplesmente ampliar o conceito.

Não há separações entre a identidade de uma pessoa e da sua consagração, e sim uma profunda unidade.

O carisma diz respeito ao mistério de Deus e ao mistério do formando. É realidade de graça.

O TEMPO DO PROFETISMO E O PROFETISMO DE TODOS OS TEMPOS

A vida religiosa é essencialmente profética só porque adotou por normas as do Evangelho.

Nisso ela "subverte". Deus permita que seja sempre. Os valores da sociedade que vive a partir de outros critérios; e anuncia (contudo sem exclusividade) uma outra visão do mundo que dá rumo à existência humana.

Os próprios votos encerram uma mensagem profundamente profética e "subversiva".

Num mundo que não dá ouvidos aos gritos dos fracos e dos carentes a obediência nos posiciona em atitude de "audiência" fraterna e serviçal com aqueles que tão pouco são atendidos e escutados.

Num mundo de consumismo, gerador de injustiça e fome, a pobreza que profesamos pretende protestar contra o abuso e o escândalo da divisão dos bens e testemunhar da partilha dos mesmos.

Num mundo de hedonismo que valoriza o prazer e o sexo com alta realização, o celibato consagrado quer falar alto que a solidariedade é possível, que a convivência fraterna existe, que as relações humanas podem urdir um tecido de comunhão.

Essa profecia pertence à natureza místico-utópica da Vida Religiosa passando pelo realismo das situações do dia-a-dia. É o tempo do profetismo permanente.

É também profetismo para todos os tempos. Em todas as épocas de crise social

ou religiosa, Deus sempre suscitou e continua suscitando homens e mulheres a quem confiou uma missão profética adaptada à situação.

As mensagens proféticas de Jeremias e Segundo Isaías são próprias a inspirar novas atitudes, que, sem dúvida, de um modo ou de outro batem com nossos carismas.

O PROFETISMO DA LAMENTAÇÃO

Palavra que soa mal hoje a nossos ouvidos! Como muitas outras, a palavra se desgastou e se esvaziou do seu potencial, perdendo seu sentido original. Na Pessoa de Jeremias não se tratava de emoção superficial, e neste caso estéril.

Nele era a Força e a Ternura de Deus que passavam na sua capacidade de deplorar, de respeitar, de protestar contra a opressão e a destruição.

Lamentar não seria, antes do mal, ouvir, dar plena audiência e atenção a qualquer grito de dor, a ponto de configurar-se com o sofrimento do irmão, até derramar lágrimas de refúgio e de revolta (Lam 2,11).

Nosso tempo dá mais ênfase ao discurso (quantas vezes barulhento e vazio) do que à resistência silenciosa, firme, à ação não violenta e fecunda, altamente incomodante; mais valor ao ativismo desenfreado do que às lágrimas compassivas que nascem de uma visão espiritual da realidade.

"A mística profética da lamentação se propõe ser um espaço de compaixão em que os pobres e os excluídos sejam agentes da reconstrução da Esperança."

Jesus entrou nesse caminho ao derramar lágrimas sobre Jerusalém, na impossibilidade de reunir seus filhos.

Tal consciência vem suscitando, hoje, práticas coerentes e conseqüentes em forma de confronto com a injustiça, numa postura corajosa de denúncia; em forma

de protesto que participa da própria "côlera" de Deus ao ver a miséria de seu povo.

Longe de ser passivo, tal profetismo é perigoso e supõe atitudes altamente comprometidas que podem levar até ao exílio, o mártírio.

O MINISTÉRIO DA CONSOLAÇÃO

"Console, console o meu povo" foi dito a Isaías, e podemos hoje acolher este convite com urgência.

Esse tipo de consolação requer uma qualidade divina. Trata-se, nada menos, da proximidade de Deus com o povo sofredor.

Consolação sugere Presença: portanto sabe consolar quem sabe lamentar. Enquanto a lamentação profética lança luzes sobre situações, a consolação envolve mais as pessoas vítimas dessas situações. Daí o consolar profético decorrer do lamentar e manifestar-se por sinais e gestos criativos, imprevisíveis como toda surpresa do amor.

Se descermos mais fundo na palavra, a semântica nos oferece uma imagem concreta e muito sugestiva: consolar, na língua de Isaías, significa "suspirar com o outro". Isso nos leva logo à proximidade fraterna requerida.

Entramos fundo em nossa consagração carismática e profética: consolar é desposar o pranto calado, o grito perdido; consolar é fazer aliança com os sofredores.

Esse profetismo exige Kenose, ou seja, desapropriação de qualquer dominação, de qualquer interesse para nunca humilhar no encontro com o irmão, no chão de sua angústia.

Assim oferecida com humildade, a consolação pode proporcionar, para quem a recebe, uma visita de Deus que se aproxima: "Essa ternura, ponto alto de seu amor, traz em si um ímpeto de revolução capaz de arrombar o velho mundo como a seiva da árvore derruba um muro de concreto".

Esse duplo profetismo Lamentação-Consolação não seria hoje de uma urgente atualidade?

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL DO TEXTO OU DEBATE EM COMUNIDADE.

1. O próprio do tempo é ser gravido do Novo, do qual a História é a grande parteira. Boa ou ruim a novidade nos surpreende: cria confiança ou suspeita, nos ameaça e nós a respeitamos ou nos seduz e damos a ela um ouvido complacente. Na vida religiosa, atualmente, é comum falar-se do "novo" como algo necessariamente bom e significativo. Você julga isso correto? O que de novo, palpável, real, você observa sobre a vida religiosa atualmente?

2. A autora afirma que as práticas e as expressões concretas do carisma devem sempre ser revistas como condição de vida, ressurgindo através de novas formas de uma autêntica e permanente re-

novação. No transcorrer de sua vida religiosa, que mudanças na compreensão do carisma de sua congregação você pode lembrar objetivamente? Tente caracterizá-las.

3. "Num mundo de hedonismo que valoriza o prazer e o sexo como alta realização, o celibato consagrado quer falar alto que a solidiedade é possível, que a convivência fraterna existe, que as relações humanas podem urdir um tecido de comunhão." Você poderia concordar com esta afirmativa da autora? Será que o prazer e a sexualidade são incompatíveis com solidariedade, convivência fraterna, relações humanas em um tecido de comunhão?

INCULTURAÇÃO E CULTURAS

Fr. Tito Figueirôa de Medeiros, O.Carm.
Goiana/PE

Inicialmente faremos uma contextualização da questão das culturas no mundo de hoje, entendendo-a na realidade latino-americana e brasileira. Numa segunda parte, daremos uma rápida visão de como se articulam a enculturação, a aculturação e a inculturação no processo formativo.

1. INTRODUÇÃO

1.1. O Vaticano II na "Gaudium et Spes" consagrou um capítulo ao diálogo da Igreja com as Culturas.

1.2. Os Documentos das Conferências de Medellín e Puebla e Santo Domingo foram fazendo a leitura do diálogo com as Culturas na realidade sociocultural diversificada de nossos povos latino-americanos.

1.3. O Brasil se encaixa em cheio nesta realidade; pois somos um país pluriétnico, plurilingüístico (falam-se quase cento e sessenta línguas no dia-a-dia da vida brasileira), pluricultural, plurirreligioso. E, não poucos especialistas em diversas áreas do conhecimento humano afirmam que somos também um país plurinacional, admi-

tindo como **nação** os diversos povos indígenas.

1.4. Assistimos neste final de século XX a uma ressurgência mundial das reivindicações pela autonomia, recuperação e vivência livre da identidade das diversas etnias e culturas, por parte das chamadas "minorias étnicas e culturais". Exemplo flagrante disso é o que acontece hoje em dia em vários povos que faziam parte do sistema soviético.

Com sua implosão, as questões de identidade, autonomia sociopolítica e nacionalidade explodiram com muita força. Também nos sistemas capitalistas vêm se sucedendo diversas "quebras" ou crises: a dos anos 30, a dos anos 80 (a crise do petróleo e a economia neoliberal) e atualmente a crise da opção neoliberal em vários países do Primeiro Mundo, incluindo os países egressos do sistema soviético.

Nesse processo temos de sinalizar que as culturas e etnias são antigas e tradicionais. Mas o sentimento de autonomia e cidadania é **moderno**. Por exemplo, os negros e ameríndios chegaram a se conscientizar de que são culturas oprimidas a partir dos **referenciais da modernidade**.

1.5. Esse movimento parece apresentar-se como uma reação à **tentativa acentuada** de homogeneização e globalização em escala mundial, **imposta** pelo capitalismo multinacional neoliberal em suas áreas de influência e dominação, como também pelo sistema totalitário soviético.

Essa tendência tem sido veiculada pela indústria cultural massificadora e os MCS a seu serviço. Resultando disto temos os processos de marginalização e ameaças de

extinção dessas culturas e etnias e, às vezes, até de povos inteiros.

1.6. No Brasil, o empreendimento das lutas pelo reconhecimento social das culturas e etnias negras, mestiças e indígenas, além do engajamento de tantos grupos civis e religiosos pela sobrevivência destas últimas como povos, vem se firmando faz algum tempo.

Junto a isso, grupos organizados no meio rural e nas Regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sul, etc, reivindicam preservação, respeito e reconhecimento de seus valores culturais e que as populações sejam tratadas como **cidadãos** de pleno direito.

1.7. A VR no Brasil como na América Latina, pelo seu carisma profético, reconhecendo nesses fatos um "sinal dos tempos" importantes, busca aprofundar à luz da Fé isto que descobre ser um apelo forte do Espírito, agora afirmado e assumido na Assembléia de Santo Domingo: o diálogo com as Culturas e o mergulho no processo teológico da inculturação tanto ao interno da VR como ao externo, na missão dentro e fora das fronteiras de nossos países.

1.8. Ora, todos sabemos ou ao menos desconfiamos que tanto o diálogo como a prática da inculturação — sobretudo quando aliada à inserção nos meios populares e nas novas formas de pobreza — são bastante difíceis e complexos, necessitando de muita oração e discernimento comunitário e pessoal.

Daí que, desde a formação inicial, é preciso estar atentos a esses desafios e entrar na dinâmica do aprendizado para a aculturação e a inculturação; isso vale tanto para formandos(as) como para formadores(as).

2. ESCLARECENDO ALGUNS TERMOS

Diversas Regionais e Congregações pediram para clarear e aprofundar os con-

ceitos de: **Enculturação, Aculturação, Adaptação e Inculturação**. Mas antes é preciso relembrar a noção de **Cultura**.

Dentre as muitas definições de Cultura, algumas muito genéricas, preferi uma mais operacional, empregada por grandes antropólogos contemporâneos pós-estruturalistas, que a concebem como a **capacidade de expressar em símbolos, de simbolizar, para si e para os outros, as reações e relações do indivíduo e dos grupos humanos para com o meio ambiente e a interação com o mesmo**.

"Somos fruto de muitas encruzilhadas, ao longo da vida", como escreveu Lévi-Strauss. Daí que a capacidade do ser humano de expressar através de símbolos (que são: religiosos, artísticos, organizacionais, místicos e outros) essas encruzilhadas e sua interação com elas constitui em nós a *dimensão cultural*. Esta proporciona as bases para o surgimento dos sistemas culturais diversos, existentes nas sociedades e nos grupos distintos que vivem numa mesma sociedade. Como escreveu a antropóloga Ruth Benedith, "a cultura é como uma lente através da qual o ser humano vê o mundo".

Essa conceituação se completa e aprofunda com algumas das características da CULTURA:

— A cultura é *aprendida*. É fruto do aprendizado ou socialização.

— A cultura *se origina* — *embora não automaticamente* — dos componentes biológicos, ambientais, socioeconômicos, históricos e psicológicos da existência humana. Neste sentido, ela *qualifica, influencia e justifica* os comportamentos e realizações humanas.

— A cultura é *estruturada* e apresenta *regularidades* que permitem seu estudo, identificação e demarcação das diferenças entre culturas distintas.

— A cultura é o instrumento por meio do qual o indivíduo e grupos *se adaptam*

aos diversos ambientes e os transformam criativamente.

— A cultura é *dinâmica*. Está sempre em mudança. Isso se percebe sobretudo nas *sociedades complexas*, possuidoras de múltiplas organizações sociais, como a nossa.

— A cultura é *variável*. Isso se evidencia pelas muitas maneiras que os povos e comunidades humanas inventaram para resolver problemas idênticos de sobrevivência, conservação etc.

— A cultura, mesmo nas sociedades complexas — e muito mais nas sociedades tradicionais —, é um *processo acumulativo*: ela engloba o conjunto das experiências históricas das gerações anteriores. “Conserva o antigo, apesar da aquisição do novo”, como explica Roque Laraia.

2.1. A experiência de aprendizagem da cultura de origem é chamada de **ENCULTURAÇÃO**. Muitos antropólogos preferem dizer endoculturação. Consiste no processo de *assimilação consciente e inconsciente dos padrões e traços da cultura do meio onde o indivíduo nasceu*. Isso é decorrência direta da primeira característica da cultura: *toda cultura é aprendida*.

Os sociólogos chamam, às vezes, de sociabilização este processo de integração do ser humano em sua sociedade de origem; mas impropriamente, porque muitas espécies animais também possuem certo mecanismo de sociabilização. Só a espécie humana, no entanto, é capaz de conscientizar e simbolizar esse processo.

Mediante a aprendizagem, o ser humano adquire todos os usos, costumes, crenças, tecnologias básicas de sua cultura de origem, a tal ponto que grande parte de sua conduta consta de respostas automáticas e inconscientes aos estímulos culturais que lhe ocorrem no dia-a-dia. Mas não se pode dizer que os indivíduos sejam apenas receptores passivos da enculturação. O

antropólogo Herskovita, por exemplo, distingue entre a endoculturação da primeira infância e meninice e a endoculturação posterior, que se dá com a entrada dos indivíduos na idade adulta. No primeiro caso, a conduta vai sendo condicionada e a aprendizagem é, em grande parte, inconsciente. Mais tarde, à medida que os indivíduos crescem em idade, dá-se o *recondicionamento* para a assimilação de novas experiências; este está situado no nível consciente. O processo de recondicionar proporciona os mecanismos que possibilitam as mudanças de comportamento. Só que, normalmente, o indivíduo aceita os novos padrões culturais *assimilando-os nos termos de sua experiência anterior*. Aceitando novos valores ou comportamentos, deve *recondicionar* suas respostas conscientes à mudança. Noutras palavras, *deve reenculturar-se a si mesmo*.

Portanto, todo processo de reenculturação é fruto, em grande parte, de decisão, de escolha pessoal. Assim, o indivíduo ou um grupo todo pode escolher: ou ficar na sua cultura de origem, ou aderir a outro sistema cultural. Esse ponto faz a passagem para o seguinte:

2.2. A **ACULTURAÇÃO** é consequência direta do *dinamismo inerente a toda cultura*. Significa a mudança cultural que é operada num determinado sistema cultural por conta de *contatos, permanentes ou transitórios, com outro sistema*. A diferença entre a *aculturação* e o *recondicionamento da reenculturação* é que, neste segundo caso, as mudanças são *internas*, provenientes da própria dinâmica do sistema; no primeiro caso, as mudanças são *externas* ao sistema, provêm de fora.

Tais mudanças externas ao sistema podem ocorrer de maneira lenta, através de contatos mais ou menos prolongados de uma cultura com outra, ou acontecer de modo rápido, brusco. “No caso dos índios brasileiros — escreve Roque Laraia — tal

fato representou uma verdadeira catástrofe”, tão violento foi o processo da aculturação imposta pelos conquistadores. O mesmo se reconhece que aconteceu com os negros deportados para as Américas, em regime de escravidão forçada.

Pe. Marcelo Azevedo lembra que “na relação entre grupos culturais distintos, a aculturação pode implicar uma assimetria entre as culturas, relacionando-se assim culturas dominantes com culturas dependentes”. Daí o perigo, adverte ele, de se entender a Evangelização da cultura no sentido de se tentar impor o feitio ou sistema cultural do grupo evangelizador, de modo consciente ou inconsciente, sobre a cultura que se quer evangelizar.

2.3. O conceito de **ADAPTAÇÃO** significa o *ajustamento* de indivíduos ou grupos a uma cultura diferente. Não é mudança profunda; pode ter até uma finalidade tática, conforme o ditado popular: “Em terra de sapos, de cócoras com eles”. Ou a confissão de São Paulo, que se fez tudo para todos, para ganhar todos para o Cristo. Tal ajustamento pode ser permanente ou passageiro. Existe tanto em grupos ou sistemas culturais dominantes, para atrair as simpatias dos vencidos, como também entre estes, com o fim de obter vantagens ou diminuir os rigores da dominação.

2.4. Agora, passemos para a **INCULTURAÇÃO**. Este conceito é teológico e se situa na fronteira da Antropologia, pois continua a lidar com a cultura. Sabe-se que o termo foi usado pela primeira vez, em textos oficiais da Igreja, no Documento “Catequesi Tradendae”, de João Paulo II.

O processo de inculturação é *consequência direta da dinâmica interna tanto dos sistemas culturais como da mensagem cristã*. Possui duas direções: é ao mesmo tempo “transformação da cultura pela mensagem cristã, mas também transformação da embalagem cultural (da mensagem cris-

tã) pela cultura que a recebe”, escreve Pe. Marcelo Azevedo. Por isso que é muito importante a dimensão da acolhida e do diálogo, para que haja verdadeira inculturação. Trata-se de uma *relação dialogante existencial e permanente* entre as duas culturas: a que oferece a evangelização e a que se dispõe a recebê-la.

Pode valer para a inculturação na formação o que Pe. Antônio Aparecido diz sobre este processo na evangelização: esta “começa não quando o pregador inicia a falar, mas quando o interlocutor começa a responder. Ora, a resposta não depende do mensageiro. Por isso, o ponto de partida da evangelização é a resposta do outro”. O sujeito da inculturação é o *receptor*. Ele é quem introduz na sua cultura de origem os elementos de mudança marcados pela mensagem cristã, ao mesmo tempo que realiza o processo de modificações na embalagem cultural da mensagem, de acordo com o rosto da sua cultura.

No caso do processo da formação, temos dois momentos: o da *inculturação do carisma da Vida Religiosa e do Instituto* por parte do formando/a, *sujeito* do seu processo formativo; e o da *inculturação do Instituto e da Vida Religiosa nas culturas dos/das formativo e o da inculturação do Instituto e da Vida Religiosa nas culturas dos/das formandos/as*, sejam as culturas da modernidade, sejam as culturas oprimidas. Assim, tanto a VR adquire os rostos dessas culturas, como os/as formandos/as fazem a experiência de introduzir os valores do carisma da VR e do Instituto em sua própria cultura de origem.

3. ANALISANDO E COMENTANDO A PARTIR DAS RESPOSTAS

— Os termos “desenculturar” e “desinculturar” não são sinônimos, mas foram empregados no primeiro texto com a mesma significação, *de propósito*. Isso teve a

finalidade de chamar a atenção para o fato seguinte: nossas populações rurais e de periferia urbana, sobretudo as de migração recente e as que permanecem em ligação freqüente com seus locais de origem, guardam e praticam ainda, embora de modo fragmentário, elementos do catolicismo tradicional.

Esse catolicismo, de índole medieval e tridentina, europeu/ibérico, imposto aos ameríndios e depois aos negros nos diversos ciclos da evangelização do Brasil, foi, no entanto, assumindo um rosto brasileiro de diversos matizes, de acordo com a composição étnica e/ou cultural de cada região ou ciclo econômico. Foi ele inculturado ao longo dos séculos XVII e XVIII. Mas sofreu um rude golpe com a romanização, que o relegou à condição de suspeito, fruto da "ignorância religiosa", supersticioso etc. No entanto, muitos dos seus elementos e práticas continuam vivos em nossas populações. Não foi "desinculturado" de todo.

O mesmo se pode dizer das culturas de origem dos nossos jovens formandos e formandas, carregadas de marcas populares/tradicionais, rurais e urbanas, como também influenciadas por elementos da cultura moderna, através dos MCS e dos contatos com os usos, costumes e linguagem dos grandes centros urbanos.

— É importante salientar que não existem — nem podem existir — culturas "puras" em nossa sociedade pluralista, em processo acelerado de urbanização e modernização e, além disso, com um terço de nossa população, mais ou menos, vivendo em regime de constantes migrações. A própria tomada de consciência atual das *culturas oprimidas* só foi possível por conta do pluralismo e do desejo de autonomia e auto-expressão, já existentes no meio sociocultural brasileiro.

— Outro dado importante: só é possível uma vivência autêntica e saudável de *reenculturação* de alguém em sua cultura de origem ou de *aculturação* em outro

sistema cultural, nas seguintes condições: primeiro, se a pessoa aceita e assume a sua cultura de origem, o meio socioeconômico de onde veio, a sua história pessoal e de sua família; segundo, se a reenculturação ou a aculturação foram fruto de uma *escolha pessoal, livre e consciente* e o processo da passagem se dê *de forma gradual*.

— Daí que nunca será demais insistir no elemento pedagógico do *diálogo permanente* dentro da comunidade formadora, como uma farta troca de experiências entre formadores e formandos/as das diversas proveniências e influências socioculturais. Além disso, "um coerente processo formativo exige atenção a cada pessoa como sujeito em processo e a consciência e a prática de uma convivência solidária, igualitária, participativa e de serviço", como expressou o Módulo sobre Formação, no Mutirão sobre a Vida Religiosa, de 04-07 de setembro p. passado. Portanto, a história pessoal de cada formando/a tem de estar na ordem do dia da metodologia da formação.

— Dentro ainda do que foi dito nas respostas, como sugestões: é importante que o processo formativo privilegie o contato pessoal dos/as formandos/as com o povo, este sendo parte integrante e constituinte da formação. Mas não é necessário, achamos, que se estandardize o modelo da formação exclusivamente em comunidades inseridas, quanto mais que existem hoje várias formas de inserção, correspondentes às diversas formas de pobreza e de carências, na sociedade brasileira. O elemento determinante nessa metodologia é a *proximidade com o lugar social* do pobre, do excluído, das culturas oprimidas, levando ao exercício da *solidariedade efetiva*. Além disso, que sejam permitidas várias experiências em diversos tipos de inserção, ao longo do processo formativo.

O contato com as diversas culturas proporciona uma visão do pluralismo cultural e educa para a dimensão do discernimento cristão, como diz São Paulo:

a
i
c
i
a
é
n
c
i
a
b
b
e
r
e
v
e
n
o
o

“Experimentai tudo e ficai com o que é bom”. Dessa maneira se evitarão modismos na formação, ou seja, uma assimilação ou aculturação superficial dos elementos culturais recém-conhecidos, levada pela moda ou mania do novo-porque-novo.

— Quanto aos possíveis conflitos entre os projetos pessoais, os comunitários e o carisma da Instituição, várias Regionais contribuíram com boas reflexões, às quais acrescentaremos as nossas.

— Reavaliar o carisma, atualizando-o para o momento histórico e a realidade onde se vive.

— Romper a assimilação do carisma com o contexto sociocultural e histórico no qual aquele se originou. Se não houver esse cuidado, o carisma corre o risco de se *petrificar* em vez de continuar a ser uma fonte permanente de inspiração para o Instituto. Neste sentido se pode afirmar que *não há* oposição entre o carisma e a dinâmica e mudança culturais: tanto o carisma como o evangelho são “valores transculturais”. Outra Regional lembrou que todos os carismas fundacionais surgiram voltados para escutar um determinado grito da humanidade. De modo que tanto a Congregação como os/as candidatos/as têm de ter clareza quanto ao carisma fundacional e à sua inculturação no hoje da vida da sociedade e da Igreja.

— Uma Regional formulou a pergunta: a aculturação na VR poderia ser chamada de evangelizadora da cultura original? Em primeiro lugar, a VR *em si mesma* é evangelizadora e é chamada a sê-lo vivencialmente. Por outro lado, é de supor-se que a cultura de origem do meio do/a candidato/a tenha elementos evangélicos, visto ter dado condições para o surgimento da vocação religiosa.

O processo evangelizador autêntico é sempre *inculturativo*: “Toda evangelização há de ser inculturação do Evangelho” (SD 13). Supõe interação dinâmica entre o agen-

te e o receptor da evangelização. Na formação, tal processo realiza o interagir entre formadores/as e formandos/as, um grupo se deixando evangelizar pelo outro.

Convém não esquecer que cada cultura ou subcultura traz consigo ambigüidades, que constituem desafios à evangelização. Contudo, nenhum grupo isoladamente — seja o de formadores/as, seja o de formandos/as — pode ser o “juiz” da cultura do outro; tal discernimento deverá ocorrer pela prática do diálogo, evitando-se, sempre que possível, os dualismos e oposições maniqueístas.

— É necessário, enfim, um esforço no sentido de formadores/as e formandos/as conhecerem teórica e vivencialmente a sua própria cultura de origem e as dos outros, por meio do estudo, do diálogo constante, do cultivo do senso da alteridade e, principalmente, do discernimento pessoal e comunitário, tentando identificar o que são elementos autênticos das culturas ou subculturas e o que são elementos ideológicos destilados de fora para dentro daquelas. ATENÇÃO, porém, para não tomar os valores e ideologias da modernidade como se fossem elementos estranhos às culturas. Repetimos: a cultura da modernidade, da urbanização, já penetrou, embora em doses diferentes, até nas mais longínquas aldeias ameríndias, quanto mais no mundo rural brasileiro.

— Dentro do quadro acima, diversas Regionais e Congregações destacaram a atenção que se deve dar à interação dos/as formandos/as na sua cultura de origem. A partir do que falamos anteriormente sobre a importância de cada um/uma assumir o seu passado, a sua história e de se abrir ao novo, (igualmente reenculturação e aculturação), o processo formativo ajudaria a desenvolver uma tal flexibilidade — plenamente possível ao ser humano — que todos nós pudéssemos nos sentir bem e interagir de modo saudável, tanto entre pessoas e grupos de cultura mais tradicional, “pré-moderna”, como entre os já

aculturados aos valores e espírito da modernidade.

— Outro ponto importante é não desanimar diante das dificuldades reais em se obter uma síntese coerente da identidade cultural do povo brasileiro. Tal identidade, achamos que ainda não existe — será que vai existir? Só para citar três exemplos de intelectuais que pensam assim: Oswald de Andrade situava a identidade sociocultural brasileira na própria “*contradição*”. Roberto da Matta se refere ao que chama “*dilema*” nacional. Rubem César Fernandes coloca a perspectiva de nossa identidade no “*ser mais do que um*”. De modo que se nós também não achamos uma resposta acabada, pelo menos coerente, *não estamos sós nesta procura*. Qualquer atitude de busca séria será válida; o que não se deve fazer é fugir do problema; esses questionamentos nos encontrarão fatalmente em nosso refúgio.

— O Documento de Santo Domingo dedicou o Capítulo III à questão cultural

na Evangelização. Mas as referências à inculturação e às culturas se encontram espalhadas em todo o texto. Prudentemente, a Conferência não elaborou em profundidade um conceito de inculturação. Apresenta-a sempre ligada aos desafios da Evangelização. Esta tem “a inculturação como o centro, meio e objetivo” da mesma (SD 229). Na oração final, se pede e se compromete com “uma evangelização inculturada que se encarne nas culturas indígenas e afro-americanas” (SD 302). Mas a modernidade não fica de fora das preocupações: é preciso “evangelizar os ambientes marcados pela cultura urbana e inculturar o Evangelho nas novas formas da cultura emergente” (SD 30) e se insiste em “promover o conhecimento e discernimento da cultura moderna, visando a uma adequada inculturação” (254). A Vida Religiosa é convocada para “estar na vanguarda da evangelização das culturas” (SD 91) e a “ocupar lugar de destaque no trabalho da Nova Evangelização para a promoção humana e a inculturação do evangelho” (SD 87).

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL DO TEXTO OU O DEBATE EM COMUNIDADE.

1. Procure formular para você e no seu grupo os conceitos de enculturação, aculturação, adaptação e inculturação. Qual lhe parece mais significativo na realidade cultural onde se realiza o seu trabalho apostólico?
2. No trabalho formativo parece sumamente importante o diálogo permanente dentro da comunidade formadora através de farta troca de experiências entre formadores e formandos das diversas proveniências

e influências socioculturais. Como você percebe isso acontecendo dentro de sua congregação? Que diferentes grupos culturais parecem nela coexistir?

3. O autor afirma que não é necessário, segundo seu ponto de vista, que se estandarize o modelo de formação exclusivamente em comunidades inseridas, quanto mais que existem hoje várias formas de inserção. O que você pensa desse posicionamento?

DESAFIOS DA MODERNIDADE PARA A FORMAÇÃO NA VIDA RELIGIOSA

Pe. Spencer Custódio Filho, SJ
Rio de Janeiro/RJ

Dizer modernidade é dizer crise, conflito permanente, pois TUDO é discutível, negociado, arranjado de novo, no entrelaço de opiniões diversas. Ninguém se prevalece da legitimidade do poder sobre ninguém se esta não lhe tiver sido reconhecida e conferida pelos demais.

Há certas coisas inevitáveis na vida e com elas temos de aprender a nos acostumar. Uma delas, quer queiramos ou não, é que a vida religiosa não é problema para a modernidade, e sim esta para nós. Creio mesmo que, para um mundo de modernidade, a vida religiosa, tal como se apresenta hoje em muitos lugares, não faz muita diferença existindo ou não. A situação do presente texto é, portanto, da vida religiosa tentando pensar(-se) diante da modernidade e de seus possíveis reflexos no processo formativo dos jovens religiosos (as) neste final de milênio. Não teremos, assim, uma atitude de leitura combativa mostrando falhas e dificuldades da modernidade. Isso

já está feito alhures e de modo bastante completo. O autor gostaria de contemplar a modernidade como um tempo de graça para a vida religiosa e para a formação, forçando-nos a deslocamentos que, sem dúvida, teríamos dificuldades em fazer se não fora o desafio que se apresenta diante de cada um de nós. Para isso, pretendo num primeiro momento recuperar alguns traços, escolhidos de forma arbitrária, e que parecem estar afetando mais diretamente, e agora, o trabalho da formação para a vida religiosa. Na continuação, projetar esses traços no concreto do processo formativo, com as conseqüentes implicações de transformação de conteúdos, de relações, de níveis de participação, de estruturas.

I. TRAÇOS SIGNIFICATIVOS DA MODERNIDADE

A modernidade é, sem dúvida, um dos maiores desafios que o cristianismo já enfrentou em toda sua história, principalmente por representar um mundo totalmente diverso daquele onde a experiência da fé cristã foi elaborada e explicitada. O universo da Sagrada Escritura é de natureza marcadamente *rural*, enquanto o da modernidade é *urbano*. Por essa razão o fenômeno pode ter sua origem situada por volta do século XII, na Europa Ocidental, justamente quando se multiplicam e crescem as cidades. É uma época extremamente

interessante, particularmente pela atuação de quatro fatores importantes:

a) atenção à realidade observável — já que as idéias não seriam inatas mas dedutíveis a partir da observação dos fenômenos;

b) valorização das realidades mundanas — em que a cultura não se volta para a interioridade para ser cristã. Sinal perceptível nas artes, por exemplo, é o gótico, deixando a luz colorida filtrar-se nos vitrais para o interior, até então escuro, dos templos;

c) a inovação democrática — o poder deriva do bem comum e não de Deus;

d) racionalidade discursiva e autonomia mundana — o mundo tem um contínuo de causa e efeito que lhe dá coerência autônoma.

Esses quatro fatores vão estar presentes na lenta elaboração da modernidade (palavra utilizada já no século II — *modus hodiernus*) e sua progressiva universalização. Hoje já é possível afirmar que a modernidade representa muito mais do que um novo sistema ideológico, alteração do quadro de idéias dominantes, modificação na escala de valores, escolha de outros sistemas econômicos. Não se prende necessariamente, como parecem pensar alguns, a um determinado sistema político, mas constitui *um modo global de relacionar-se com a realidade individual e social, organizando-a segundo princípios experimentados em uma linha de racionalidade.*

Embora nascida no mundo ocidental e europeu, a modernidade percorre o caminho de todas as culturas, adaptando-se por seu caráter pouco dogmático e, principalmente, por trazer uma proposta de relação com o real na qual as diferentes culturas parecem reconhecer um patrimônio comum. Diante dos desafios da modernidade, os grupos pré-modernos reagem, em geral, pela defensiva fundamentalista.

A Igreja católica não reagiu de forma diferente. Em uma primeira etapa, firmou-se na recusa e total condenação, particularmente no século passado e começo deste. Acreditava-se que era apenas uma crise passageira, em especial quando o movimento agudizou-se a partir do século XVII e com a seguinte revolução industrial. A título de exemplo basta que recordemos a encíclica “*Quanta cura*”, de Pio IX, que afirmava “seja anátema quem disser que o Romano Pontífice pode e deve reconciliar-se com o progresso, com o liberalismo e com a civilização moderna”. Somente o Vaticano II trouxe, pela primeira vez em um documento oficial da Igreja Católica, uma abertura dialogal ao reconhecer a “justa autonomia das realidades terrestres” (*Gaudium et Spes*). Mais recentemente, e de modo acentuado na vida religiosa, a posição de muitos é a crítica constantemente negativa, o acento sobre efeitos maléficos da modernidade, a confusão de idéias (entre modernidade e modernização, por exemplo), num clima de desconfiança e defesa, condenação e repulsa, medo e fuga.

Não é de espantar, portanto, que o próprio processo da “promoção vocacional” busque seus candidatos não na cidade, lugar da modernidade, mas nos lugares onde predomina o “pré-moderno”. Um percentual bastante alto da vida religiosa brasileira é proveniente do mundo rural ou do mundo transferido para a periferia das grandes cidades. Isso provoca, como é evidente, inúmeros conflitos num processo formativo que não consegue assimilar nenhum dos dois mundos.

A constatação no concreto do que seja um país de modernidade ou de pré-modernidade não é algo por si evidente. Quando se fala de um país de modernidade, simplesmente se afirma que há *predominância* de sinais de modernidade, sem eliminar uma parcela, por vezes significativa, de situações pré-modernas. Da mesma forma, embora a modernidade tenha tido co-

mo um dos seus elementos constitutivos de expansão o desenvolvimento tecnológico, a existência de um aparato avançado não torna um indivíduo, grupo ou país, participante da modernidade. Moderno não é sinônimo de modernidade. Podemos assim dizer que o Japão não é um país predominantemente de modernidade.

A realidade brasileira, neste contexto, mostra-se predominantemente pré-moderna. Vários sinais de modernidade, entretanto, já são observáveis no concreto dos dias, em particular entre os mais jovens que procuram a vida religiosa, daí resultando as dificuldades que os formadores enfrentam em sua tarefa.

Seria interessante que examinássemos agora alguns desses sinais de modernidade que parecem estar tocando mais de perto a vida religiosa. A escolha é arbitrária e parte da observação que o autor tem a partir do contato com a formação nos últimos dez anos.

1. Secularização

Nas sociedades de tipo pré-moderno o divino constitui o referencial único ou privilegiado para a compreensão do real. Se há chuva ou não, se as colheitas são boas, a doença, a morte, a vida, tudo é atribuído a uma ação divina atuante e protetora. A partir da experiência da racionalidade, o homem da modernidade busca a *explicação* dos fenômenos afirmando a autonomia da razão. De igual forma a emergência de novas técnicas e da complexificação das diferentes participações na construção societária foi se impondo um *real diferenciado* na elaboração do qual as pessoas contribuem a partir de competências próprias. Não ter alguma competência reconhecida, implica ser deixado de lado, constituindo-se parte de uma "massa sobrando". Daí a necessidade de identidade clara para participar e ser aceito nesse real diferenciado.

A participação na construção do real societário passa pelo *trabalho* no qual o objetivo não é mais a *paz*, como nos grupos de pré-modernidade, mas a *felicidade*. A satisfação resultante da paz estava centrada principalmente na ordem e na harmonia, vindo essencialmente da experiência religiosa; não exclui mesmo o sofrimento se este fizer parte da ordem das coisas. A felicidade, por seu lado, é entendida na modernidade como a satisfação sensível que resulta da resposta dada a necessidades (bens presentes, materiais ou culturais). Torna-se assim inconciliável com miséria, dor, sofrimento, sacrifício. As necessidades se transformam em direitos quando penetram no campo político e o trabalho é o meio para ter acesso a eles.

Finalmente, a visão secularizada do real retira de um grupo ou pessoa a capacidade de normatizar as relações e os comportamentos a partir de um ponto de vista único. A modernidade é plural e pluridisciplinar, integrando elementos de diferentes culturas, de diversas ciências, de religiões variadas. Isso é *negociado* de forma constante e democrática entre as partes, sendo suas expressões concretas decifradas no transcorrer do caminhar histórico do grupo a partir, principalmente, da *experiência*.

2. Deliberação

Esta noção de busca e caminho própria das sociedades de modernidade supõe uma intensa *participação* dos seus membros. Quanto menos de modernidade exista num dado grupo, tanto menos participativo ele será. Por conseqüência, ajudar um grupo no rumo da modernidade supõe iniciá-lo na participação em todos os níveis, particularmente o político.

A participação implica, desde logo, que os valores ordenadores e regras do grupo social são buscados em um *processo* em que nada está terminado, estático ou previamente fixado. Com isso, tudo é discutível,

exige negociação, capacidade de elaborar novos arranjos, no inevitável entrelaço de opiniões diversas. É compreensível, portanto, que a sociedade ou grupo de modernidade viva em conflito permanente. Esse fato tem sido interpretado por muitos como "crise" da modernidade, falando alguns na existência de uma etapa já de "pós-modernidade". É importante perceber que dizer "modernidade" implica afirmar "crise".

Deliberação se associa com pesquisa, superação de limites de qualquer natureza, o que gera uma ética instável e pluralista por essência, pois não se ordena em função de algo unanimemente aceito, mas está continuamente em busca dos fundamentos do seu agir. Apesar dessa aparente fragilidade de valores, é interessante notar que os grandes problemas éticos da modernidade recente foram repensados não por iniciativa das grandes religiões ou mesmo da vida religiosa, mas pelos próprios participantes desse mundo. Tal coisa aconteceu com o movimento ecológico, por exemplo, só recentemente recuperado por certa ala religiosa e alguns grupos que haviam ficado sem bandeiras... Da mesma forma, a questão da experimentação genética, em que a sociedade se antecipa ao debate ou crítica religiosa para fixar uma "postura ética" diante dessas possibilidades de ação do ser humano. A modernidade parece tratar de seus problemas e incoerências de forma bem mais eficaz do que seus críticos...

Percebe-se, nesta seqüência de pensamento, que a modernidade exige a vivência de processos democráticos, num quadro onde nenhum indivíduo pode prevalecer-se da legitimidade do poder se este não lhe tiver sido conferido e reconhecido pelos demais.

3. Centramento no indivíduo

Na sociedade pré-moderna o indivíduo é compreendido em relação a seu lugar no

conjunto social, no grupo familiar ou de trabalho, que condiciona as suas possibilidades de escolha. Assim a profissão, o matrimônio, o lugar de moradia deixam de ser de livre decisão do indivíduo para ser escolhidos em função do grupo ao qual se filia. Quando os domínios globais, de tipo religioso ou político cessam de ter eficiência sobre o conjunto social e deixam as pessoas atuarem com sua própria autonomia, surge um equilíbrio instável mas viável, cuja referência primeira e última é o indivíduo e sua realização de felicidade. Para satisfazer essa meta cabe ao indivíduo encontrar o seu lugar na sociedade, pois não é mais o grupo que o insere nesse ou naquele sistema organizacional.

Valorizam-se, assim e fortemente, a questão da iniciativa pessoal e a garantia de espaços para que esta se exerça na realidade. Além disso, em todo tipo de relação que se estabelece há uma busca de garantias prévias ("certezas"), de negociação entre afetividades, de reformulação dos "simbolizados".

O que permite a um grupo social constituir-se como tal é a existência de um patrimônio comum que podemos denominar "simbolizantes", constituído por valores, práticas relacionais, tradições, religião, concepções familiares etc. No transcorrer do tempo, os simbolizantes são formulados em *simbolizados*, expressões históricas daqueles e, por isso mesmo, variáveis. Até mesmo por certa necessidade psicológica de estabilidade, o simbolizado tende a ganhar caráter de permanência, podendo ser confundido e chegar a tomar o lugar do simbolizante. O passo mais fácil é constituído pela identificação do simbolizado com a expressão do sagrado, o que o torna intocável. Na sociedade pré-modernidade é bastante comum a existência desse fenômeno, enquanto a modernidade tende a reduzir o número dos simbolizantes e questionar a formulação temporal dos simbolizados. Um exemplo interessante é o sim-

bolizante "condição feminina" que recebeu, entre outros simbolizados, o da "maternidade" como sinal histórico de plenitude do ser-mulher. Em um mundo de modernidade será não rara a situação de alguém decidir que o seu pleno viver não inclui a maternidade, e nem por isso considerará prejudicada sua condição feminina. Igualmente a aparência (corte de cabelo, uso de enfeites e cores determinadas) também tem na pré-modernidade fronteiras nítidas para a caracterização simbolizada dos simbolizantes "masculino" e "feminino", que são facilmente rompidos numa interação de modernidade. Essa característica da modernidade, que gera uma crítica constante do quadro referencial do grupo, faz com que seus críticos aí identifiquem uma "ausência de valores", o que evidentemente não corresponde à verdade.

A prioridade dada ao indivíduo faz com que haja diversidade muito maior de simbolizados, quer no nível pessoal, quer no nível de subgrupos sociais, tornando difícil a possibilidade de comportamentos uniformes e padronizados.

II. MODERNIDADE E FORMAÇÃO PARA A VIDA RELIGIOSA

O mundo da modernidade se expressa numa determinada cultura, entendida como realidade dinâmica e social que engloba os critérios de juízo, os valores, os pontos de interesse, as linhas e modelos de pensamento e ação que constituem a síntese vital de um grupo humano amplo. A vida religiosa entra necessariamente em contato com essa cultura, principalmente por causa de sua dimensão universalizante, e pelo fato de seus novos membros serem marcados pela modernidade mesmo quando provenientes de meios rurais ou marginalizados. Formar hoje exige ter presente esse contexto cultural que durante um longo período havia sido possível ignorar.

Nesta segunda parte de nosso texto gostaríamos de fazer uma projeção das características apresentadas anteriormente como significativas e suas conseqüências concretas e imediatas para a vida religiosa e o processo formativo.

1. Conseqüências resultantes da secularização

A primeira exigência que resulta da secularização é que a VR apresente sua "especialização". O que o mundo da modernidade cobra de qualquer um é a contribuição específica na construção do tecido social. Religiosos nos tornamos, desde épocas bastante antigas, em uma presença múltipla, principalmente através de ações que foram sendo assumidas por outros grupos profissionais. Tanto é assim que muitos, na vida religiosa, tendem a buscar uma profissão justamente como instrumento para situar-se no mundo da modernidade. Como o atual Papa insiste muitas vezes, a "especialidade" do religioso/a reside, antes de tudo, no próprio SER religioso, o que vai levar à afirmação de que a vida religiosa é evangelizadora por si mesma, e não pelo que faz ou realiza. Trata-se da questão da *identidade*, que não é evidentemente resolvida a partir de essencialismos, mas supõe maior clareza da participação específica na construção da história da humanidade. Isso suporá da parte do formador não só a experiência do carisma da vida religiosa mas também do carisma congregacional, internalizado de tal forma que lhe permita reconhecer na diversidade das experiências vividas e expressadas pelos formandos/as a mesma identidade.

Um segundo elemento que a secularização aporta para a vida religiosa é a necessidade de participação no mundo do trabalho. Creio que não é mais sustentável a posição daqueles/as que dizem que o tempo de formação não permite tempo disponível para o trabalho. Somos desses poucos privilegiados que se podem dar a este

luxo, e que afeta mesmo aqueles que, provindo de estamentos sociais mais simples, tendem a se aburguesar dentro da vida religiosa. Além disso, seria importante que a experiência de trabalho na formação já qualificasse a pessoa para seu auto-sustento e contribuição para o bem comum congregacional, dando-se atenção a uma inserção na economia informal, que permite justamente uma disponibilidade de tempo que não afeta as exigências próprias do período formativo. Finalmente, caberia ao formador/a coadunar o exercício do trabalho com a missão própria da vida religiosa, evitando-se quanto possível buscar um sustento econômico vinculado às obras tradicionais da congregação ou da estrutura paroquial ou diocesana. Deve ser discernido com igual cuidado a eventual vinculação contratual com o emprego público ou qualquer outra forma que impeça a vida religiosa de concretizar seu projeto profético.

No campo da pastoral vocacional a secularização nos desafia a procurar candidatos para a vida religiosa no mundo urbano prioritariamente (mas não exclusivamente, é claro), já que 75% da população brasileira se encontra nas cidades. A modernidade exige uma pastoral que anuncie o *prazer* de ser religioso/a, mais do que uma sofrida e sacrificada vida. Trata-se aqui de *suscitar o desejo* para que o grande apelo, chamamento à vocação universal para a santidade, encontre como resposta concreta à opção feita pelo jovem uma possibilidade de vida prazerosa.

Embora secularizada, a sociedade de modernidade é extremamente sensível ao espiritual, percebendo-se uma efervescência ora reativando as instituições religiosas tradicionais em nome de uma volta tradicionalista às fontes, ora ultrapassando as instituições rumo a seitas, esoterismo, magia, astrologia etc. Essas efervescências compreendem dois grandes grupos:

a) *que desconfiam das religiões estabelecidas* — pois estas desfigurariam o espiritual com seus dogmas e o aprisionariam em práticas morais restritivas. Isso provoca diversas formas de gnose (a salvação vem através do conhecimento da tradição secreta, da ciência), meditação transcendental, bioenergia, clarividência, telepatia etc;

b) *formas de captar energias salvíficas* — (sensitivos, pedras, cristais, florais etc.)

Em geral os membros das Igrejas vêm pouca incompatibilidade entre suas crenças religiosas e essas práticas. Tudo está na ótica de um domínio sobre o destino pessoal, atingindo camadas cultas e os jovens mais do que os adultos. Espera-se do formador/a uma *serenidade* ao detectar um quadro similar entre seus formandos/as, propondo-se um caminho de experiência espiritual que possa acessar Deus como Absoluto e como Pai através da abertura ao outro, principalmente o mais pobre. Será importante aqui o respeito aos itinerários pessoais, percebendo que Deus pode tocar a pessoa através de realidades não diretamente religiosas.

2. Conseqüências resultantes da deliberação

Deliberação implica participar, o que transforma o formando/a, de imediato, em sujeito do processo. Não único e exclusivo, mas ao lado de outros sujeitos, inclusive da equipe de formação. O formador também é sujeito do processo formativo e não pode alienar essa responsabilidade, como se o formando estivesse “criando” a vida religiosa do nada. O processo formativo é, *também*, introdução numa cultura preexistente, num carisma que foi dado primariamente ao fundador/a numa história congregacional que se fez pela adesão de muitos no transcorrer dos tempos. Daí a sua natureza *dialogal*. Seria de se temer por situações em que o formando/a e sua

realidade sejam o referencial básico do processo formativo, manifestando-se como situação oposta e extrema daquela anterior, em que ele/a era completamente ignorado.

Para que haja *diálogo* torna-se indispensável a existência de espaços de debate em que formandos e formadores entram sem apresentar soluções elaboradas por antecipação, mas engajando-se com todos para descobrir as implicações reais e os riscos das soluções propostas e até relançando o debate quando este cessar. O diálogo verdadeiro e honesto dispõe as liberdades a se tornarem livres e responsáveis. Por isso, a contribuição do formador é apresentada com as *razões* que mostram sua permanência efetiva e o seu sentido concreto no caso em pauta.

Percebe-se que há um desafio efetivo ao formador para ser o *promotor da participação* real e democrática dos formandos. Pelas próprias características psicológicas da idade, o desejo de participar nos processos decisórios com as respectivas conseqüências é, com freqüência, coerente e durável da parte dos formandos, precisando, assim, ser relançado pelo formador em diferentes ocasiões.

A participação abrange as mais diferentes dimensões do processo formativo: a organização da vida comunitária (particularmente os espaços de revisão e confronto), os horários, as práticas espirituais em comum e pessoais, a gestão do cotidiano (divisão das responsabilidades, alimentação, lazer, apresentação pessoal, organização econômica etc.), a formação intelectual, a assimilação do quadro religioso congregacional e conseqüentes práticas éticas próprias do estilo de vida assumido. A flexibilidade do formador enquanto superior religioso dependerá muito da internalização que tenha feito dos simbolizantes próprios da vida cristã, religiosa e congregacional, evitando confundi-los com simbolizados históricos que seu próprio viver possa ter

assimilado. Um pequeno exemplo poderá, talvez, explicitar melhor essa situação. O simbolizante "pertença ao grupo" é expressado em simbolizados os mais diversos, sendo que nas sociedades de características predominantemente rurais está muito vinculado à uniformidade de atividades em comum, como, por exemplo, a partilha do alimento. Daí, para identificar "vida comunitária" com o estar presente a uma refeição, é um passo. Pode até ser que o simbolizado desse simbolizante *possa* ser caracterizado pelo grupo como esse tipo de presença. Só não podemos esquecer que na sociedade urbana marcada pela modernidade a "pertença familiar" já é vivida pelos jovens através de outros simbolizados. Daí a necessidade de negociar o quadro de simbolizados que, num grupo concreto, seja o sinal simbolizante "pertença comunitária". Isso será ainda mais exigente em grupos religiosos que tenham uma presença mais universalizada, em contato com culturas muito diversas.

É importante ter presente ainda que a caminhada dos formandos é um *processo*, não sendo necessário que todos os simbolizantes sejam assimilados numa dada etapa, mas apenas aqueles suficientes para que a etapa seja vivida em profundidade.

Participação implica igualmente na experiência do novo. Já que nada é estático ou previamente fixado, permitindo busca, pesquisa, reformulação, o formador procurará discernir sobre tudo aquilo que a comunidade de formandos possa vir a elaborar, atento às "sementes de Verbo", que eventualmente poderão revelar uma nova articulação da experiência de formação. Contribuirá, por seu turno, proporcionando experiências que ajudem o formando a trabalhar sua identidade e sua história no novo contexto que assumiu, assim como contatar diferentes realidades (e não exclusivamente o mundo popular) a partir de instrumental crítico socioeconômico, po-

lítico, cultural, religioso que lhe permita um posicionamento maduro.

3. CONSEQÜÊNCIAS RESULTANTES DO CENTRAMENTO NO INDIVÍDUO

Importa afirmar desde logo que, quando falamos no "centramento no indivíduo", não se está fazendo uma apologia do individualismo mas, simplesmente, afirmando a importância de ter a pessoa como referencial dos processos.

O processo formativo deixa de ser algo abstrato e aplicável por si e passa a ter como ponto de partida a pessoa tal como *é e está*. As fases da caminhada influenciam e são influenciadas umas pelas outras, não há prazos fechados e rígidos. Com isso seria necessária até mesmo uma revisão canônica de normas que não permitem essa flexibilidade, tais como aquelas que fixam prazos para votos, duração das etapas etc. Procurando fazer a imagem de Deus mais visível em cada formando, o formador estará atento a integrar as distintas dimensões da pessoa com a sua vocação, graça e vida em Cristo, na comunidade e no mundo, criando possibilidade para desenvolver o potencial espiritual e humano do formando (social, cultural, religioso, comunitário, intelectual, volitivo, emocional) em um ambiente de apoio mútuo, confiança. A tônica é que o próprio formando é o agente principal de seu crescimento, cabendo ao formador pôr o processo em movimento e acompanhá-lo.

A valorização da pessoa como referencial faz pensar ainda no problema dos planos de formação elaborados de modo distante das situações culturais dos diferentes formandos. Não seria necessário ter apenas um conjunto de princípios genéricos

para a formação, elaborados a partir da experiência congregacional fundante, e que seriam personalizados nas diversas realidades culturais onde a congregação se inserisse? Outro desafio correlato é a releitura do carisma, que teve sua experiência fundamental e posterior institucionalização inicial em uma dada cultura, nos diversos quadros culturais para os quais se deslocou a congregação.

Sintomaticamente, ter a pessoa como referencial de base exige que as diferentes etapas da formação sejam conduzidas por uma *equipe*, para que dentro de cada etapa de formação e entre uma etapa e outras haja ligação e coordenação dos objetivos gerais tendo em vista uma unidade global. Continuidade crescente supõe interdependência sem que as "regras" sejam alteradas ao arbítrio de cada formador. Cada etapa da formação não pode ser unidade autônoma sob o risco de "esquizofrenizar" a experiência do formando.

A própria pastoral vocacional ganha contorno próprio ao necessitar estruturar-se de forma a propiciar condições para um relacionamento afetivo com os eventuais candidatos e candidatas. Para isso é imprescindível o envolvimento das comunidades religiosas concretas, tornando-se casas abertas em que, no inter-relacionamento pessoal, os jovens possam "vir e ver"... Tudo isso propiciará uma experiência prazerosa na qual a pessoa poderá confirmar o seu desejo de seguimento de Jesus Cristo.

Sem menosprezar as evidentes incoerências e dificuldades da modernidade, enquanto modo global de relacionar-se com o real, creio que essa aproximação desenvolvida nesse contexto deixa cada um de nós envolvidos na bela missão da formação mais confiantes em perceber que, também aqui, estão plantadas "sementes de Verbo".

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL DO TEXTO OU O DEBATE EM COMUNIDADE.

1. Consideradas as características da modernidade que parecem mais influir no momento atual sobre os eventuais can- didatos que se apresentam à vida reli- giosa (secularização, deliberação, cen- tramento no indivíduo), qual parece ter maior influência sobre os jovens de sua comunidade?
2. O que permite um grupo social consti- tuir-se como tal é a existência de um patrimônio comum que podemos deno- tar como "simbolizantes", formado por va- lores, práticas relacionais, tradições, re- ligião, concepções familiares etc. Tendo presente sua congregação, quais seriam os "simbolizantes" principais e em que "simbolizados" são expressos?
3. Tendo presentes as consequências da modernidade na formação para a vida religiosa, elencadas pelo autor, que cri- tica você poderia fazer a elas, quer rejei- tando, quer acrescentando outras?

CONGRESSO INTERNACIONAL DA USG SOBRE A VIDA CONSAGRADA — CONVICÇÕES E PROPOSTAS

As profundas mudanças socioculturais e eclesiais que transformaram radicalmente o mundo exigem nova formulação da identidade da Vida Consagrada, tendo sempre em conta as exigências próprias de inculturação.

Celebrou-se em Roma, nos dias 22 a 27 de novembro de 1993, promovido pela União dos Superiores Gerais (USG), um Congresso Internacional sobre a **vida consagrada hoje: carismas na Igreja para o mundo**. Participaram mais de quinhentas pessoas de cento e cinquenta nacionalidades; cento e vinte e cinco eram Superiores Gerais, acompanhados não poucos por membros dos seus institutos; outros cinquenta figuravam como presidentes ou representantes das conferências internacionais e nacionais de religiosos(as) e muitos eram teólogos. Acrescenta-se a todos eles a presença estável dos Superiores Gerais e de algumas

teólogas da União Internacional das Superiores Gerais (UISG), cuja participação enriqueceu nossa reflexão.

Foi uma profunda experiência de comunhão, diálogo e confrontação entre carismas, tradições e culturas diferentes. Estiveram presentes também vários membros dos dicastérios romanos e alguns cardeais, bispos e leigos. A audiência com o Santo Padre veio sublinhar uma nota da igreja em comunhão.

Essa primeira experiência de um Congresso de tais dimensões sobre a vida consagrada pós-conciliar representou um momento de gozosa tomada de consciência de nossos carismas na Igreja e abriu horizontes alvissareiros diante dos desafios do momento atual.

Analizou-se a vida consagrada (VC), a partir da realidade, sob três aspectos fundamentais: **união, comunhão, identidade**, consideradas não como três realidades paralelas, mas como três pontos de vista de uma só, rica e complexa realidade. A síntese é fruto do Espírito que, mediante o carisma, impulsiona os membros da VC até a consecução de uma unidade vital.

Nas manhãs, além das grandes conferências que reassumiam o trabalho de dois anos da USG, havia mesas-redondas para aprofundar os temas a partir do ponto de

vista geográfico-cultural, carismático e eclesial. À tarde, subdivididos em trinta grupos linguísticos, associados posteriormente em cinco constelações, os participantes seguiam aprofundando as exposições da manhã. Orientaram-se as reflexões segundo os continentes, obedecendo a quatro perspectivas particulares: **cultura, carisma, formação, futuro.**

As convicções e propostas que aqui se recolhem são as majoritariamente presentes no Congresso. Não pretendem dar uma visão completa da extensa problemática da VC hoje. Fazem, por um lado, referência à síntese teológica e se completam, por outro, pelos membros da USG assistentes do sínodo. Pensou-se mais em particular, em questões importantes, como a problemática de hoje sobre os votos, profissão, o sentido e o exercício do sacerdócio ministerial por parte dos consagrados e o papel da VC na promoção, entre os fiéis, da multiplicidade de ministérios na Igreja.

A finalidade do presente documento é dar a conhecer as esperanças, convicções, preocupações e expectativas dos membros da USG diante do Sínodo, a partir de sua experiência de governo e de tudo o que foi abordado em suas assembleias semestrais, durante estes últimos anos, assim como o recente Congresso sobre "A vida consagrada hoje".

Os destinatários do documento são a Secretaria geral do sínodo dos bispos e cada bispo participante da próxima Assembleia Sinodal Ordinária sobre "A vida Consagrada e sua missão na Igreja e no mundo". Dar-se-á também a conhecer aos demais bispos, sacerdotes, religiosos, religiosas e leigos.

A. A SITUAÇÃO DA VIDA CONSAGRADA

Abriu-se o Congresso com a tomada de consciência sobre a situação da VC hoje,

através da apresentação de duas pesquisas científicas sobre o tema: a primeira sobre a VC nos EUA e a segunda, elaborada na Espanha, concernente a uns duzentos mil religiosos(as) de diferentes países do mundo.

Tais apresentações, unidas à experiência direta dos participantes, projetaram luz sobre as dificuldades e as esperanças, a dedicação e a busca de mais de um milhão de religiosos(as) no mundo, uma quinta parte dos quais são varões.

Variedade de situações e carismas

Os trabalhos do Congresso evidenciaram a variedade de situações em que se encontra a VC. Em algumas partes estamos assistindo à diminuição e ao envelhecimento de membros de muitos Institutos, ao mesmo tempo com uma preocupante escassez de novas vocações. Por outro lado, em outras partes, predomina a juventude e as vocações estão aumentando. Encontramos luzes e sombras em todas as partes; porém, apesar de todas as dificuldades, é evidente na VC um dinamismo apostólico e carismático, fruto especialmente da renovação pós-conciliar.

Dentro desse fraternal ambiente de reflexão e de intercâmbio de valores, aparece como evidente a riqueza de nossa variedade carismática, fruto do Espírito que distribui seus dons para o bem da Igreja. Tal diversidade nos faz viver a experiência pentecostal de uma sincera comunhão na pluralidade.

Variedade de perspectivas:

Pudemos constatar como a riqueza carismática aglutina as perspectivas teológicas às diferenças espirituais, nascidas umas e outras ou alimentadas por experiências, culturas e tradições diversas.

O pluralismo nas posições teológicas na VC dá lugar a novas interpretações, que enfocam de formas distintas, porém

complementares, a vida, a comunhão e a missão; aí está testemunhada a síntese teológica conclusiva do Congresso. Convém não perdê-la de vista, para melhor compreender o dito com linguagem mais prática e mais sensível.

É a experiência do Deus da vida — iluminada e interpretada através de sua Palavra e vivenciada à luz dos carismas fundamentais — que tornou possível tal pluralidade teológica, que a tem mantido e fomentado, como resposta ao Espírito, que nos interpela sem cessar.

B. NÚCLEOS CENTRAIS DA VIDA CONSAGRADA

Seguiremos subdivisão seguida nos trabalhos do Congresso e a síntese teológica: **missão, comunhão, identidade.**

O Congresso preferiu começar pela **missão e comunhão** da VC, porque, desta maneira, a **identidade** aparecia mais vital e mais concreta que numa apresentação teológica dedutiva.

A missão

A Igreja é missionária por natureza. A missão é parte essencial e vital de todas as formas de VC. Ancorada na vocação cristã, a missão se diferencia segundo os carismas. A VC realiza tal missão a partir de uma experiência de Deus, pela oração, pelo testemunho da vida fraterna, pelo anúncio corajoso do Evangelho e pelo compromisso na promoção humana.

Os desafios da inserção em novas situações culturais, a consciência planetária, a irrupção dos pobres na Igreja, a queda dos grandes messianismos, a nova fome de transcendência, a ecologia e outros fatores, criaram novos areópagos para a missão na VC, chamada como está a ocupar, hoje como ontem, os postos de vanguarda na Evangelização (EN 69).

No esforço de discernir e responder às chamadas do Espírito, devemos ter presente as perspectivas teológico-práticas que devem tornar-se vida e ser mais aprofundadas. Sublinhamos, entre elas, o testemunho, o profetismo, a opção preferencial pelos pobres, a inculturação, o diálogo e a solidariedade. Elas urgem e nos orientam à participação responsável no compromisso eclesial na nova evangelização na perspectiva do Reino de Deus sob seus múltiplos aspectos (cf. RM 13-20).

À luz da situação e com o próximo Sínodo à vista, expressamos as seguintes convicções e propostas:

Nossas convicções

a. Sentimo-nos urgidos pela força do Espírito a realizar, cada qual segundo o carisma específico do próprio Instituto, a missão evangelizadora da Igreja, sabendo que a VC é já anúncio do Reino (cf. Lg 44). É-nos essencial viver conscientemente os aspectos carismáticos e proféticos da VC, que incluem: anúncio, denúncia, libertação, solidariedade, esperança...

b. Consideramos essencial à nossa missão na Igreja e no mundo de hoje a experiência do Espírito, dom do Pai às testemunhas do seu Filho, reavivada pela oração pessoal e comunitária, estimulada pelo discernimento dos sinais dos tempos e lugares. A oração nutre a ação apostólica, a qual, por sua vez, vivifica a oração.

c. Queremos responder ao chamado da nova **evangelização** e nos sentimos urgidos a realizá-la a partir da particular existência e do peculiar serviço que nossa vida de consagrados exige.

d. O fato de grande parte da humanidade não reconhecer Cristo como o salvador do mundo nos obriga a realizar um esforço de incrementar a ação missionária "ad gentes" por parte de nossos Institutos, assim como a dar continuidade à criatividade

e fortaleza que manifestaram nossos fundadores em suas opções missionárias de vanguarda.

e. Estamos convencidos de que a VC deve estar aberta às novas urgências pastorais dentro de seus respectivos e diversos contextos culturais, para que cada Instituto possa dar respostas, segundo o próprio carisma, mas sendo sensível ao testemunho, ao ecumenismo, à opção preferencial pelos pobres, com um estilo de vida simples e inserida em seu ambiente, mediante o trabalho de fronteira e de inculturação.

f. Queremos deixar-nos interpelar pelas novas pobreza e situações de marginalização (AIDS, droga, refugiados...) que exigem um novo estilo de vida e serviços criativos.

g. Insistimos sobre o compromisso de conversão dos corações e a transformação das estruturas que geram e mantêm as injustiças e multiplicam os pobres na sociedade, fazendo-os promotores dos valores evangélicos.

h. Na atividade evangelizadora queremos fomentar a abertura às culturas e à inculturação nos diversos contextos sociais, respeitando o pluralismo e a universalidade. Devemos aprofundar as condições e exigências pessoais e coletivas de uma autêntica inculturação.

i. É preciso reforçar o compromisso ecumênico e o diálogo inter-religioso a partir da própria experiência de Deus e da pluri-forme busca de sua presença, reconhecendo e valorizando as "semina verbi" e a obra do Espírito em todos os povos e culturas.

Algumas propostas:

a. Reconhecer nos membros dos Institutos os protagonistas e sujeitos ativos da renovação da VC.

b. Esclarecer o valor da vida contemplativa na missão evangelizadora da Igreja.

c. Continuar promovendo o diálogo e a colaboração entre todos os agentes da evangelização, para efetuar uma verdadeira pastoral de conjunto.

d. Apoiar os membros dos Institutos de VC que estão trabalhando em prol da evangelização em situações particularmente difíceis e em meio a grandes perigos.

e. Que se reconheça a experiência do martírio da VC hoje, particularmente provocada pela solidariedade com os pobres, oprimidos e perseguidos. Tal experiência enriquece e amplia o tradicional conceito de testemunho de sangue derramado e a vida sacrificada por Cristo e por seu evangelho.

f. Insista-se, especialmente em ordem à nova evangelização, sobre a importância e a atualidade dos Institutos de VC comprometidos na educação cristã dos jovens, da escola ou em outros ambientes, e de seus contextos familiares.

A comunhão

Temos insistido durante a etapa pós-conciliar em uma nova valorização da comunidade como comunhão e das relações interpessoais. O modelo de comunidade tradicional, baseado prevalentemente na observância regular e na estrutura, está dando passo a uma vida de fraternidade mais profunda. Agora se vêem estruturas comunitárias a partir de uma maior simplicidade e uma maior proximidade do povo. Descobre-se a dimensão missionária da comunidade e se valoriza inclusive o aspecto humano e cristão do viver em comunidade. Apareceram novos modelos de comunidade, com novo estilo de animação espiritual e de autoridade, e maior co-responsabilidade, que favorecem uma nova espiritualidade e um novo estilo apostólico.

A comunhão-koinonia, essencial à Igreja, é dom e manifestação da vida trinitária. Ainda que imperfeitamente vivida, testemunha na Igreja a presença transformadora e unificadora de Cristo e do Espírito, que

a faz missionária e a enriquece com múltiplos carismas.

A vida fraterna, ainda que através dos diferentes modelos de comunidade segundo os carismas, é elemento essencial da VC. Desenvolve-se sob seu aspecto humano, cristão e religioso-apostólico, através dum processo sempre aberto.

As comunidades de VC não podem fechar-se sobre si mesmas. Devem viver a própria comunhão, abertas a uma comunhão mais ampla com todo o povo de Deus: leigos, outros consagrados, sacerdotes e bispos.

A convicção sobre a centralidade da comunhão na VC nos leva a sublinhar os seguintes pontos:

Vida fraterna

a. Cremos que se deve insistir na espiritualidade comunitária, que se baseia no primado da Palavra e da celebração do mistério pascal.

b. Sentimos a necessidade de satisfazer a exigência do novo modelo de vida comunitária na formação inicial e permanente, segundo os diversos carismas. Há de educar, principalmente, para a escuta e o diálogo recíproco, para a revisão e a prestação de contas, para o discernimento comunitário, para valorização e projeção do apostolado, para a prática da misericórdia e da mútua emulação.

c. Comprometemo-nos a fomentar comunidades que sejam sinal evangélico nos diversos ambientes, em especial para os jovens, e ofereçam à Igreja local as riquezas da universalidade e à igreja universal a riqueza das Igrejas locais. Vive-se cada vez mais a internacionalidade em nossos Institutos.

d. Sustentamos que se deve promover a igualdade e a fraternidade de todos os membros de nossas comunidades, no devido respeito à natureza de cada carisma.

Desta perspectiva, cremos necessária uma revisão do Direito Canônico no concernente aos Institutos compostos por clérigos e não clérigos. As responsabilidades do governo deles devem ser igualmente acessíveis aos não clérigos.

Comunhão e colaboração entre os diversos institutos

a. Comprometemo-nos a promover encontros, relações de amizade e colaboração entre os diversos Institutos de VC.

b. Deseja-se que os Institutos que participam de um mesmo carisma ou com vínculos jurídicos ou afinidades espirituais encontrem caminhos para uma melhor colaboração, dentro do devido respeito à própria autonomia, e estejam abertos a uma eventual convergência (fusão, união, federação) em ordem a uma maior fecundidade na espiritualidade, no serviço e na cultura.

Comunhão orgânica

a. O Espírito de *Mutuae Relationes* deve estender-se a todas as categorias eclesiais: sacerdotes diocesanos, diáconos, leigos, eclesiais, tendo presente a natureza específica de cada uma delas.

b. Queremos promover na Igreja relações inspiradas na comunhão e a ela atraídas: estima e respeito mútuo, consulta e diálogo, subsidiaridade e justa autonomia.

c. Desejamos que se intensifique a participação dos membros dos Institutos de VC em organismos consultivos da Igreja (Conselhos Pastorais, Conferências, Sínodos, Comissões teológicas...).

d. Convencidos de que a comunhão deve ser uma das preocupações fundamentais da Igreja, vemos a necessidade de aprofundar as relações entre consagrados e leigos, consagrados e sacerdotes diocesanos, para fomentar a comunhão eclesial, dentro do respeito mútuo, mantendo cada um a sua identidade.

e. Sentimos a necessidade de esclarecer a relação entre religiosos e agregações eclesiais (grupos, associações, movimentos), buscando critérios e orientações que favoreçam um diálogo construtivo nesta mesma comunhão.

f. É preciso animar os leigos a que participem, segundo a sua própria identidade, do carisma específico dos Institutos de VC, e promover diferentes formas de associação e colaboração dentro da autonomia de encarnação e desenvolvimento correspondentes ao estado laical.

A identidade

As profundas mudanças socioculturais e eclesiais transformaram radicalmente a visão de mundo, a cultura, os modelos de Igreja, a teologia, inclusive os protagonistas. A experiência de tais mudanças e a reflexão teológica provocaram um processo de discernimento que exige uma nova formulação da identidade da VC, tendo sempre em conta as exigências próprias de inculturação.

Entre os esforços para renovar a VC que ajudaram a encontrar novas formas de entender e expressar sua identidade, podemos destacar o retorno ao carisma originário, a celebração dos Capítulos gerais, a renovação das Constituições, a abertura a novas experiências, a crescente sensibilidade missionária e o diálogo entre os distintos Institutos.

A Igreja é "convocação santa" que "vive em Cristo". Renova-se sem cessar através da pluriformidade de carismas que o Espírito distribui para rejuvenescê-la, a fim de que cada um viva como protagonista o próprio chamado à santidade e à comum dignidade da consagração batismal. Nesse contexto se insere e se entende a VC, que se funda na consagração batismal e deve viver em comunhão com as demais vocações da Igreja.

A tradição teológica da VC sublinhou diversos núcleos que ajudam a interpretar

este carisma e sua identidade eclesial. Recordemos, entre outros, a **sequela Christi**, vivida em radicalidade, a **profissão pública** e os **conselhos evangélicos**, a vida de **oração** e a busca de Deus (**quaerere Deum**); a presença atuante do Espírito que transforma a pessoa em Cristo, a **consagração**, como pertença absoluta a Deus, a perspectiva **escatológica**, o compromisso de tender à **santidade evangélica**, a proposta de recriar a **comunidade apostólica** das origens cristãs, a **renúncia** ascética inspirada no Evangelho e nas diversas formas de **serviço**.

Uma significativa categoria teológica que hoje parece unificar a variedade de perspectiva é o **carisma**. Cada Instituto surge sob o impulso carismático do Espírito dado aos Fundadores e por eles ou a partir deles transmitido aos seus discípulos. O carisma implica um modo específico de ser, uma específica missão e espiritualidade, um estilo de vida fraterna e uma estrutura do Instituto a serviço da missão eclesial. Tal dom do Espírito é impulso dinâmico e se desenvolve sem cessar em sintonia com o Corpo de Cristo em crescimento perene. É entregue ao Instituto para ser vivido, interpretado, fecundado e testemunhado em comunhão com a Igreja em seus diversos contextos culturais.

Acerca de nossa **identidade**, queremos expressar algumas convicções:

a. É mister respeitar a especificidade dos carismas, fomentando seu discernimento e as oportunas iniciativas, em ordem a uma fidelidade criativa e a sua encarnação no tempo e nas diversas culturas.

b. Devemos cultivar as atitudes e usar os meios necessários para acolher o carisma, interiorizá-lo, reinterpretá-lo e fazê-lo crescer durante a formação inicial e a formação permanente, nas relações e nos compromissos comunitários, na animação e nos Capítulos.

c. A história mostra, igualmente, que os Institutos nascidos de um carisma não

têm o monopólio de sua encarnação nem de sua permanência no tempo. Experiência e situações históricas novas e impulsos do Espírito podem levar a novas e inéditas expressões do carisma. Até pode-se falar, em alguns casos, de certa "refundação".

d. A prioridade dada à **qualidade** de vida, sem dicotomias entre ação e contemplação, salvaguardará e fomentará grandemente a identidade carismática.

A formação e as vocações

A renovação da VC, sobretudo em tempo de mudanças profundas, passa necessariamente através da formação inicial e permanente de seus membros, seja no compromisso **missionário** da Igreja, seja na sentida exigência de uma cada vez maior **comunhão**, seja em busca de uma nova **identidade**. A formação mesma nesta etapa de transição e de busca pôs em evidência claros valores e provados caminhos (PI).

A formação é um convite a um processo vital centrado na pessoa de Cristo, assim como um aprofundamento no compromisso batismal de seguir o mesmo Cristo numa forma particular de vida evangélica. Nesse processo, são essenciais as interações entre formadores e formandos, tendo sempre presente as riquezas de cada cultura e nação.

É clara a necessidade da continuidade entre formação inicial e formação permanente, como processo incessante de maturação e discernimento: uma formação adequada, integral e específica, é condição para a autenticidade da renovação permanente da VC.

À luz do sobredito, expressamos as seguintes convicções e propostas:

Convicções

a. Sublinhamos a importância de uma formação integral segundo o próprio carisma. Tal afirmação deve centrar-se na ex-

periência de Deus, nutrir-se de sua Palavra e encontrar sua culminância na liturgia Eucarística. A formação para o seguimento de Cristo, sob a ação do Espírito, deve ser humana, progressiva, inculturada; deve "iniciar" na comunidade, entendida esta como comunhão na Igreja, e preparar os candidatos para a missão mediante contato com a vida real.

b. A formação reconhece as seguintes urgências: o seguimento radical de Jesus, que tem suas típicas expressões na VC, a espiritualidade, o diálogo e o testemunho recíproco, a educação da afetividade e para as relações interpessoais, o discernimento pessoal e comunitário, o respeito às pessoas e a compreensão dos dinamismos sociais, a opção preferencial pelos pobres e o conhecimento dos mecanismos de opressão.

c. Consideramos urgente experimentar novas formas de **iniciação** à VC em jovens procedentes de minorias étnicas e de grupos marginalizados.

d. A constituição de comunidades formadoras é uma necessidade, a preparação de formadores que sejam ao mesmo tempo testemunhas, mestres e educadores, capazes de trabalhar em equipe. Cremos que, na medida do possível, a formação deve se realizar no lugar e os formadores devem ser nativos, radicados na cultura de origem.

e. É indispensável uma formação permanente que respeite a cada um e tenha em conta as diversas etapas da vida, os diversos contextos socioculturais e eclesiais, para o desenvolvimento das pessoas e a inculturação dos carismas.

Propostas

a. Dada a importância capital da formação para o futuro da VC em todos os continentes, sugerimos que o Sínodo reconheça o serviço da formação como ministério prioritário e apóie os formadores em sua perseverante busca de uma formação que responda às novas exigências da VC.

b. Os candidatos à VC são numerosos em alguns países e escasseiam em outros: confirma-se como princípio indispensável em cada caso a **qualidade** das pessoas e a conseqüente exigência de um verdadeiro discernimento vocacional.

c. A opção preferencial pelos pobres é uma característica da VC; reconheça-se a oportunidade de tempos formativos em comunidades inseridas em ambientes pobres (PI 28).

d. Num mundo rico em mudanças e intensas comunicações, os contatos inter-religiosos tornam-se cada vez mais frequentes. Propomos que o ecumenismo e o diálogo inter-religioso tenham uma indispensável presença na formação.

e. Apresenta-se a VC aos jovens como uma opção de vida e como uma resposta a Deus e aos desafios de hoje. Insista-se sobre a responsabilidade que cada membro de nossos Institutos deve ser crível e interpelante testemunho do carisma recebido, a fim de que os jovens possam sentir-se atraídos pelo referido carisma.

f. A formação exige estima das demais vocações eclesiais. Propomos que se dê lugar a uma maior colaboração entre os Institutos de VC e os bispos na formação de todas as vocações; em particular, propomos a criação de centros de estudos e a realização de encontros de colaboração entre membros de Institutos de VC, do clero diocesano e do laicato.

g. Propomos que nos seminários diocesanos e nas faculdades teológicas se tenham cursos sobre a teologia da VC e que em nossas casas de formação se promovam estudos sobre as diversas vocações (PVD, MR).

Algumas esperanças mais gerais

a. Pedimos ao Sínodo uma postura que parta do vivido da VC, como realidade viva, dinâmica e diversificada na Igreja e animada sempre pelo Espírito, que a inter-

pela e a inspira um testemunho de fidelidade a Cristo e a seu Evangelho.

b. Convidem-se, autorizadamente, pessoas que presidem organismos responsáveis pelo acompanhamento da VC a defender e a promover, antes de tudo, a fidelidade à vontade do Fundador e ao reto caminho histórico dos Institutos, mantendo ou recuperando a identidade original e desenvolvendo-a como fidelidade criativa, de modo que a identidade e os carismas não se vejam debilitados ou deformados por posições jurídicas e teológicas particulares.

c. Pedimos ao Sínodo uma palavra de estima e outra de alento para viver em plenitude a vocação e missão a que fomos chamados, segundo os diversos carismas. Desejamos que o Sínodo promova o conhecimento, a autenticidade e a renovação incessante da VC, a fim de que esta possa, em coerência com sua própria identidade, dar respostas às esperanças e aos desafios de nossos contemporâneos nos diferentes contextos culturais, sociais e eclesiais.

d. Os carismas da VC devem ser acolhidos e promovidos em respeito à pluralidade de formas ditas VC, em sua especificidade e complementaridade, em comunhão com todas as realidades do povo de Deus, impulsionando sua criatividade e seus novos caminhos na liberdade e no discernimento segundo o Espírito, sem medo das mudanças e do imprevisível.

e. A inculturação evangélica da VC deve promover-se em cada Igreja local com a devida atenção à cultura do lugar, com uma legislação aberta que mantenha sua atuação com critérios norteadores, com uma apropriada formação inicial e permanente.

f. O Sínodo deverá ajudar a descobrir e delinear novos caminhos de diálogo entre bispos, consagrados, sacerdotes e leigos, com o Espírito de comunhão orgânica que teve lugar nos últimos Sínodos, para poder assim encarnar melhor o dom do chamado à comunhão eclesial em um intercâmbio dos dons do Espírito.

g. Deseja-se que as "propositiones" que o Sínodo apresentará ao Santo Padre ao terminar o seu trabalho façam suas esperanças refletidas no presente documento, e se sugere que em atenção ao documento pós-sinodal tenham um tom inspirador e prático, alentador e interpelante.

Conclusão

O Congresso mostrou-se muito atento à situação histórica da VC. Sentimo-nos confortados pelas Palavras dirigidas pelo Santo Padre aos membros do Congresso: "A vida religiosa experimenta hoje um momento particularmente significativo de sua história, com motivos para ampla e exigente renovação que as combiantes condições socioculturais, às portas já do terceiro milênio da era cristã, lhe impõem".

As conclusões e propostas aqui apresentadas são oferecidas como parte da contribuição da USG ao próximo Sínodo. Expressam a consciência, hoje amplamente difundida, da necessidade de chegar a "uma síntese radical e vital da consagração e missão", como oportunamente nos tem recordado o santo Padre.

Expressamos a esperança de que o Sínodo seja um momento significativo no caminho da renovação da VC e contribua para um melhor conhecimento deste dom do Espírito à sua Igreja, para um relançamento vocacional e a uma renovada vitalidade.

O Papa compreendeu muito bem as aspirações de muitíssimos membros da VC, ao dizer, na última parte do seu discurso: "Os Fundadores souberam encarnar no seu tempo, com valor e santidade, a mensagem evangélica. É necessário que, fiéis ao sopro do Espírito, seus filhos espirituais prossigam no seu tempo dando testemunho, imitando a sua criatividade, com madura fidelidade ao carisma das origens, na escuta incessante das exigências do momento presente".

Oferecemo-nos para colaborar com todo empenho com nossos pastores na preparação, celebração e aplicação do Sínodo sobre a VC, acolhendo-nos sob a intercessão da Virgem Maria, de nossos Fundadores e santos do oriente e ocidente, para que nos inspirem uma nova criatividade espiritual e missionária em vista da grande tarefa da nova evangelização.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL DO TEXTO OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. O fato de grande parte da humanidade não reconhecer Cristo como o salvador do mundo nos obriga a realizar um esforço de incrementar a ação missionária "ad gentes" por parte dos nossos Institutos, mesmo aqueles que não sejam especificamente missionários. O que você acha dessa posição?
2. Deseja a CLAR que os Institutos que participam de um mesmo carisma ou com vínculos jurídicos ou afinidades espirituais encontrem caminhos para uma

melhor colaboração, dentro do devido respeito à própria autonomia. Na região em que vive sua comunidade, o que poderia ser feito para esta "intercomunicação missionária"?

3. A formação para a vida religiosa exige estima das demais vocações eclesiais. Propõe a CLAR que se dê lugar a uma maior colaboração entre os Institutos de VC e os Bispos na formação de todas as vocações. O que você observa na vida religiosa presente em sua diocese quanto a essa atitude?

CARISMAS NA IGREJA PARA O MUNDO SÍNTESE TEOLÓGICA APRESENTADA À USG

José Cristo Rey Garcia Paredes, CMF

O magistério é uma graça especial para a Vida Consagrada. Mas as mútuas relações com a hierarquia têm sido e seguem sendo, às vezes, difíceis. Quase sempre por mútuo desconhecimento, por percepção diversa de elementos importantes da Igreja, por falta de experiência de comunhão, por deficiências no diálogo e no discernimento.

Fazer uma síntese tem algo a ver com o Reino de Deus. É tensão e reconciliação, é pluralidade e unidade. A síntese perfeita não existe, porque sempre aparecem novos elementos que integram e ao mesmo tempo desajustam todo o anterior. Há uma ecologia das idéias, que estão em contínuo dinamismo. Quem trabalhou nelas (quero mencionar sobretudo os PP. Jesús Castellanos, ocd, e Michael Amaladoss, sj, e também as sugestões dos

PP. Secondin, Zago, Maccise) teve uma experiência de diálogo muito rica. E cada um de nós ao dialogar interiormente com a profusão de palavras que foram ditas nesses dias, palavras carregadas de sabedoria e experiência. Foram levadas em conta todas as relações e comunicações, os resultados dos trabalhos em grupo e as constatações. Nesta última redação incluímos também as reações que tiveram lugar no momento da leitura da síntese teológica.

Nossa intenção não foi fazer um resumo nem pôr em relevo contraposições de pensamentos; tentamos fazer uma síntese dinâmica, na qual se possa perceber como a VC¹ vai caminhando, ainda que com diferentes estilos e ritmos, porém, todos juntos, para o futuro. Depois esta síntese morrerá e dará lugar a outra síntese. Essa é a vida e estar aberto à vida é crescimento espiritual.

I. QUANTOS SOMOS. EM QUE MOMENTO NOS ENCONTRAMOS²

Se contemplamos a VC como marco da Igreja católica, vemos que está constituída por uma pequeníssima minoria de cristãos³: só 0.12% do total⁴. Por outro lado, os leigos constituem a grande maioria ecle-

sial, são 99.88%⁵. Não obstante, esta pequeníssima minoria que é a vida consagrada tem um rosto muito plural. Segundo os dados do Anuário Pontifício de 1992, existem 1423 Institutos de VC femininos⁶ e 250 Institutos de VC masculinos⁷. Esses mesmos dados indicam que a VC é em sua grande maioria laical (82,2%), feminina (72,5%), masculina (27,5%) e clerical (17,8%)⁸. Chama a atenção que o grupo minoritário está capilarmente presente na maioria das Igrejas particulares e nas fronteiras da missão e exerce grande parte dos serviços da Igreja.

1. Nos países do hemisfério norte a VC está envelhecendo e diminuindo ostensivamente. Nos países do hemisfério sul, porém, dá-se o processo contrário: ali a VC se faz cada vez mais jovem e aumenta seu número. A VC desloca-se do norte ao sul, do ocidente ao oriente. Está penetrando em novas culturas e povos. Entretanto, o processo não está consolidado. Suscita uma séria preocupação o acertar com um tipo de iniciação carismática ou formação inicial que saiba conjugar a fidelidade ao carisma fundacional e a fidelidade à cultura. Quando o processo estiver mais adiantado, é de supor que a VC terá um rosto pluricultural e estará menos determinada pelos esquemas tradicionais.

2. As análises sociológicas — que nos foram apresentadas neste Congresso — mostram que a VC está vivendo, nestes anos, um processo de transformação⁹ ou mudança¹⁰ muito forte. As tradições estão sendo transformadas, seu mundo simbólico e cultural; desaparecem velhas instituições enquanto emergem novas presenças. O motor dessas mudanças foi o Espírito Santo, através do Concílio Vaticano II, com os postulados básicos: volta às origens carismáticas e ao **aggiornamento**, ou adequação aos sinais do Espírito, no momento histórico e no lugar geográfico. A mudança apresentava-se como um caminho inexplorado e aventureiro¹¹.

3. Na medida em que a VC foi entrando nos caminhos da renovação viu-se confrontada com situações caóticas¹² e submergida na incerteza. Da mesma forma também viu-se afetada por suas incoerências e pecados. Tudo isso afetou o governo e a formação. A falta de “clareza de identidade”, as dúvidas a respeito da definição tradicional da nossa identidade como VC, as novas experiências de vida, inclusive nossos fracassos e erros foram um requisito prévio e necessário para dar o passo para um novo modelo de VC, um novo modelo simbólico que já começou a despontar. Contudo, a tentação do restauracionismo continua presente, ameaça os impacientes, é alentada inclusive por aqueles que menos compreendem a VC e seus ciclos históricos. Não basta, por conseguinte, apenas reafirmar o processo de renovação; há uma renovação pendente, que deve afetar com mais radicalidade as instituições, os sistemas demasiados complicados de vida e governo, o aburguesamento e perda da fé que sofremos. Alguns se atrevem a chamá-la “refundação” ou “revitalização”¹³. Em todo caso, trata-se de uma volta ao fundamento carismático.

II. EM QUE MUNDO VIVEMOS E COMO NOS DESAFIA

4. Estamos chegando a uma nova etapa, não por meras exigências internas da VC, mas porque estamos inseridos na história do nosso mundo. A VC desafia a nossa criatividade e é percebida como clamor do Espírito. Reconhece-se, em primeiro lugar, como o Reino de Deus avança e se faz presente em nossos povos e culturas. O alento do Espírito de Deus e as sementes do Verbo atuam e se expressam em nossos povos e em suas criações culturais. Também presenciemos uma tensão constante entre as forças da mal-aven-

turança e bem-aventurança¹⁴. Poderia ser sintetizada nos seguintes pontos:

a. Os pobres aumentam e continuam tornando-se cada vez mais pobres; os ricos cada vez mais ricos, mais egoístas e mais pervertidos, emergem novas pobreza. São os pobres, apesar de tudo, que mantêm os mais ricos valores humanos e é a partir deles que se deve procurar a regeneração.

b. A violência é cada vez mais cruel, mais onipresente nas instituições, grupos, pessoas. O movimento pela não-violência apresenta uma lógica distinta e vitoriosa.

c. As grandes religiões possuem um enorme potencial para gerar um mundo novo para aqueles que vivem sem sentido; porém o fundamentalismo as fecha sobre si mesmas e as converte em violência sagrada; quem estabelece diálogo de vida e de experiência entre elas, quem se enriquece com sua moral e suas expressões de fé purifica o coração do mundo e vê a Deus.

d. O fenômeno da pós-modernidade denuncia a insatisfação ante a tirania da razão, da máquina, da auto-suficiência. Esse fenômeno pode, outrossim, converter-se num fácil consolo, que desista de lutar pela justiça, e numa religião "light", dominada pelo aparato científico-tecnológico, que é o ídolo escondido; os que têm fome e sede de justiça são julgados como os primeiros cristãos, "os sem Deus".

e. Há uma cultura, sustentada pelo poder econômico e político — a cultura do aparato científico tecnológico —, que quer se impor idolatricamente. Simultaneamente emergem, com força, novas culturas e culturas não integradas e novos protagonistas culturais: a mulher, os indígenas, os pobres, aqueles que lutam pelo diálogo das culturas.

f. O dom da liberdade, como expressão da dignidade pessoal da mulher e do homem, é freqüentemente seqüestrado nas

sociedades e nas religiões; aqueles que lutam pela liberdade são perseguidos e calados.

5. As comunidades humanas, os povos da América Latina, África, Ásia e do Pacífico, da América do Norte e Europa do Leste e do Oeste são os protagonistas deste momento histórico. Falta muito para conseguir a grande comunhão. As tensões e conflitos entre o norte e o sul, o leste e o oeste deixam o nosso mundo numa situação em que é necessário clamar pela chegada urgente do Reino de Deus e do Senhor. Este é o desafio da missão da Igreja.

III. VC: ESTÍMULO PROFÉTICO- -ESCATOLÓGICO NA MISSÃO DA IGREJA

6. Aqueles que pertencem à VC estão implicados na missão da Igreja. São muitíssimos os carismas e ministérios através dos quais realizamos a nossa peculiar contribuição nos cinco continentes. Os desafios da missão são tão impressionantes e tão complexos e a missão é tão misteriosa, que nunca nos damos por satisfeitos.

— A missão que vem de Deus

7. A missão é misteriosa porque não é propriedade da Igreja. A missão procede e vem de Deus. Nela atua visivelmente a missão do Espírito Santo; missão que, de forma misteriosa, dinamiza o caminhar dos povos até o Reino de Deus. O Espírito é o grande missionário do Pai e de Jesus, o Senhor. Com gemidos inenarráveis, com sinais e prodígios testemunha o amor de Deus Pai-Mãe por seu povo e sua criação, atualiza e reinterpreta a missão de Jesus no tempo da Igreja. Por meio do seu Espírito, Jesus, que é a Palavra por quem o mundo foi criado e é levado à culminância, se faz presente em toda palavra de revelação concedida a homens e mulheres,

porém, e sobretudo — se faz presente em sua Igreja. Consagrado pelo Espírito, Jesus não só passou fazendo o bem com sinais e prodígios, proclamou o Evangelho do Reino, deu sua vida por todos na cruz e foi ressuscitado, mas continua presente e atuante na Igreja que é o seu Corpo no mundo em que foi constituído Senhor.

8. Por isso, somos conscientes de que a missão não é uma atividade justaposta à Igreja, é o seu ser mesmo. Corresponde à Igreja ser sinal e instrumento dócil e humilde da missão do Espírito: ser testemunha do Amor de Deus para o mundo, anunciar e tornar presente Jesus Cristo, comprometer-se na reconciliação e na fraternidade de todos os homens e mulheres da terra.

O Espírito concede a cada um seu carisma na missão

9. Formar parte da Igreja, ser **christi fidelis** é ser **missionário, criatura do Espírito**. Cada qual recebe seu dom, seu carisma em vista da missão. Ou, dito de outra maneira, cada batizado-confirmado é consagrado no Espírito — através dos mesmos carismas que o Espírito concede — para ser missão na Igreja.

a. Alguns são consagrados por meio de um **dom pessoal**, intransferível.

b. Outros, por meio de um **dom dual**, compartilhado na conjugalidade.

c. Outros são consagrados por meio de um **carisma comunitário**, no qual muitos e distintos se encontram e se comunicam. O mesmo Espírito suscita na Igreja uma admirável diversidade de carismas coletivos, através de pessoas e ou grupos.

— Há carismas coletivos dentro do ministério ordenado, dentro da vida laical-secular (movimentos eclesiais) e dentro da vida consagrada.

— Alguns carismas coletivos são concedidos pelo Espírito a pessoas em distin-

tas formas de vida; por isso, podem ser vividos e traduzidos em formas de vida laical-secular, ministerial e consagrada.

— A esse tipo de carisma pertence o dom da vida consagrada. O Espírito Santo, através dele, faz memória e representa na Igreja Jesus, célebre, pobre e obediente ao Reino. Os conselhos, ou melhor, **carismas evangélicos**, são três aspectos de um único carisma que constitui o dom da vida consagrada. A ele respondemos pessoal e comunitariamente, chegando assim ao cumprimento, em nós, de uma aliança de amor.

d. Em sua complementaridade dão visibilidade à memória que o Espírito faz do Senhor em seu tempo em vista da missão. Ainda que os carismas sejam muitos, uma é a missão. As diferenças carismáticas não se medem pelo critério mais ou menos, mas na **“mutua relatio”** dentro da única missão.

10. No momento atual da Igreja, todas as formas de vida consagrada reconhecem que sua razão de ser é traduzir, na ação, paixão e testemunho a missão do Espírito a partir da peculiar perspectiva em que lhe foi concedido.

a. A **vida contemplativa** é missão de testemunho e irradiação daquela experiência-fontal humana de Deus que a Jesus foi concedida pelo Espírito ao longo de sua vida e a ele continua sendo concedida agora.

b. A **vida consagrada apostólica** reconhece que a ação e a paixão comunitária pelo Reino pertencem ao seu próprio ser e, portanto, se sente chamada e habilitada para viver a unidade de vida que Jesus viveu sem dicotomias.

c. As **sociedades de vida apostólica e os Institutos missionários** ressaltam seu ser missionário prescindindo de qualquer amarra institucional que, de alguma maneira, o limite; representam assim o Jesus itinerante, pregando o Reino em outros lugares.

d. Os Institutos seculares são missão em dispersão a partir da individualidade pessoal. Em meio à situação secular, fazem individualmente presente Jesus através dos carismas evangélicos.

O que o Espírito quer de nós em missão

11. Cada forma de VC deve situar-se aí onde o Espírito quer conduzir hoje sua Igreja. E aí colaborar com outros carismas e ministérios do povo de Deus, sem renunciar à própria identidade ministerial, porém sem prejudicar a unidade da missão.

a. O anúncio de Jesus Cristo: na missão "ad gentes", lá onde é necessária uma primeira evangelização (Ásia, África), lá onde muitos abandonaram a fé e se faz necessária uma segunda evangelização ou uma nova evangelização (os que se afastaram da fé); ou a evangelização permanente do povo crente, especialmente das comunidades cristãs abandonadas, sem pastor e sem eucaristia. A VC realiza essa evangelização a partir de suas múltiplas possibilidades: o testemunho comunitário e pessoal, o ministério da Palavra, a diaconia da caridade, segundo o próprio carisma.

b. A opção pelos pobres (enquanto carisma de compaixão e acolhida) há de ser fator determinante em todo projeto missionário do Reino. Através dessa pobreza carismática e compassiva a VC superará o aburguesamento e anunciará as bem-aventuranças dos pobres. A VC descobriu, como expressão qualificada da opção pelos pobres, a missão a partir da inserção. As comunidades inseridas demonstram ser um caminho do Espírito para reviver a experiência de Jesus evangelizador do Reino e para encarnar-se de verdade na condição dos irmãos e irmãs que clamam pela chegada do Reino. Assim a opção pelos pobres se converte em profecia para os não pobres e impulsiona a evangelização através da denúncia e do anúncio.

c. A opção pela não-violência e pela vida dá um novo rosto à VC. Denuncia as guerras, os conflitos armados, as formas de violência tão cotidianas da vida social e familiar. Aparece como aliada da vida, da paz. Por isso, cuida dos anciãos, das crianças abandonadas e maltratadas, dos carentes e sem motivos para viver; cura e assiste os doentes e deficientes; se compromete na luta pela justiça, a paz e a proteção da natureza, defende os maltratados ou os discriminados sexualmente.

d. A opção pelo diálogo de vida: i.é. diálogo com as religiões, com as culturas, para abrir assim os círculos cada vez mais fechados dos fundamentalismos e dogmatismos. No diálogo, a VC se faz servidora da Palavra: por ser servidora a escuta, acolhe e a pronuncia humilde e fraternalmente aos outros. Não pretende converter, mas peregrinar junto com os outros.

IV. A VC: UM DOM PARA A COMUNHÃO

12. Aqueles que pertencem à VC estão implicados também na comunhão da Igreja. Nossa presença em muitíssimas Igrejas particulares e comunidades eclesiais dos cinco continentes — através de milhares de comunidades ou fraternidades — nos permite oferecer ao povo de Deus um grande serviço no acontecer da comunhão. A comunhão é complexa e difícil, a comunhão é sobretudo mistério.

A comunhão que vem de Deus

13. A comunhão é mistério porque vem de Deus. A Trindade é a primeira comunidade, e com suas mãos a Trindade nos faz comunidade. Para isso, o Pai (Abba) enviou o Filho e o Espírito, para criar a comunhão na terra. Jesus entregou o seu Espírito à Igreja, fazendo-se por todos corpo entregue e sangue derramado; o Espírito se infundiu em Pentecostes para

que todos sejamos um em Cristo Jesus (Gl 3,28). Assim, a Igreja é o Corpo de Cristo em crescente dinamismo de comunhão, até ter um só coração, uma só alma e tudo em comum (At 4,32-34). Todos os carismas são chamados a integrar-se em comunhão.

14. A comunhão carismática é resultado da entrega. Não nasce espontaneamente. Passa pela cruz, pelo esquecimento de si para afirmar o outro como pessoa. A comunhão de vontades entre Jesus e o Pai teve o seu momento mais difícil e dramático no Getsêmani e no Calvário. A comunhão não nos poupa os conflitos e as tensões prévias e a concórdia mútua. A morte e a ressurreição de Jesus reuniram os filhos de Deus que estavam dispersos; assim, algo de morte e de vida há em todo acontecimento de reunião. Elemento constitutivo da comunhão é a compaixão, a disponibilidade para perdoar “setenta vezes sete”, a abertura mútua, o estabelecimento de autênticas relações interpessoais, a força da amizade.

Comunidade carismática

15. Um carisma coletivo requer especialmente uma intensa experiência de comunhão. A formação, tanto inicial como continuada, deverá preparar os membros do Instituto para viver em permanente comunhão, trabalhar em equipe, fazer projetos em comum. Esse foi o ensinamento de Jesus a seus discípulos e discípulas no caminho a Jerusalém. Esse foi o estilo que adotou: aprender a deixar tudo, ser o último e servidor de todos, amar o próximo como a si mesmo. E não esteve isento de conflitos internos com Judas, com Pedro. No final, “tendo amado os seus que estavam no mundo, os amou até o extremo”. Esse tipo de formação é tanto mais necessária quanto mais forte são as tendências ao individualismo.

16. A comunhão carismática faz-se mais fácil no caminho da fé, quando é

percebida pelos não crentes. Assim Jesus dirige-se ao Pai: “que sejam um para que o mundo creia”. Cada forma de VC é um modo carismático e existencial de “comunhão” no Espírito. É “comunhão para a missão e na missão”. A missão carismática se realiza juntos. Só assim torna-se crível o Reino.

a. Uns, com a estabilidade monástica, para ser comunhão como assembléia litúrgica permanente, ou liturgia existencial.

b. Outros, a partir da itinerância evangelizadora para ser **comunhão** na dispersão e na reunião.

c. A **communio charismatica** se vive de forma especialmente intensa em cada comunidade local. Aí se experimenta a fraternidade, nosso ser família no Espírito. A comunhão se cria no dia-a-dia com docilidade do Espírito, fazendo do amor a arma mais poderosa e procurando ser um autêntico grupo de amigos e irmãos.

17. O dinamismo da comunhão e da convocação se regenera na escuta e na acolhida da Palavra de Deus (lectio divina), na celebração da Presença do Mistério pascal eucarístico, na convivência fraterna, no discernimento, no viver conjuntamente um itinerário de vida espiritual, na mútua comunicação das próprias experiências e sentimentos, na ajuda recíproca, na alegria e no bom humor, na acolhida e na hospitalidade, especialmente daqueles necessitados que se aproximam de nós, no projeto comunitário para a missão.

Na comunhão da Igreja

18. Cada comunidade é um dom para as demais:

a. Em primeiro lugar, para as outras comunidades do **Instituto**. Por isso, não se fecha nos seus próprios interesses, compartilha seus bens, está disponível para o serviço e para a ajuda, acolhe a correção fraterna, aceita humilde e agradecidamente

3
1
0
1
0
0
1
0
1
0
0

as mediações da comunhão intercomunitária. É consciente de que todas as demais comunidades são também um dom para ela.

b. Cada comunidade torna-se assim um dom para as outras comunidades eclesiais, com as quais há de manter relações fraternas de mútuo enriquecimento. Pode e deve ser, sobretudo, dom para o povo, para as pessoas, a que oferece o melhor de si mesma, sabendo que, sendo assim, receberá muito mais do que dá.

c. Cada comunidade é principalmente um dom para a Igreja particular na qual está inserida. Ela é um carisma para a Igreja universal, cultivado na Igreja particular. E esta é para a comunidade o âmbito em que se experimenta o mistério de toda a Igreja. A comunidade de VC pode oferecer à Igreja particular a riqueza da tradição, da universalidade da Igreja.

19. A VC reconhece agradecidamente a dedicação da Igreja universal e das Igrejas particulares e seus ministérios em favor da renovação de sua existência. O magistério pontifício e episcopal é uma graça especial à qual a VC deve muito; porém está muito agradecida ao povo de Deus, donde brota a permanente energia e vitalidade que mantém a VC na sua vigência e generosidade. As mútuas relações com a hierarquia têm sido ou seguem sendo, às vezes, difíceis. Quase sempre por mútuo desconhecimento, por diversa percepção de elementos importantes da Igreja, por falta de experiência de comunhão, deficiências no diálogo e no discernimento, que deve ser característica de irmãos ou irmãs na fé. A VC deve empenhar-se, em virtude de sua identificação com a obediência de Jesus, consciente de que quem tem a última palavra é o Deus da história.

O exercício da autoridade

20. O serviço da comunhão e da comunhão para a missão corresponde de forma

peculiar à autoridade carismática da VC. Esse serviço tem como obrigação primeira velar pelo crescimento e formação continuada do Instituto e de suas comunidades, em fidelidade criativa ao carisma. Quem exerce esse carisma deve ser agraciado com o carisma de certa liderança, exercício de comunhão para a comunhão. Quem exerce a função de guia da comunidade necessita de autoridade moral e evangélica. Esta não é concedida pela mera nomeação oficial, mas por:

a. Sua identificação entusiasta com o projeto carismático do próprio Instituto, entendido como **sequela Jesu** e missão do Espírito.

b. Sua capacidade de "sentire cum ecclesia".

c. Pelo amor compassivo e a opção pelos pobres.

d. Pelo amor sincero aos irmãos e o respeito profundo da sua liberdade, seus carismas e seus direitos.

V. COMO EXPLICAMOS NOSSA IDENTIDADE CARISMÁTICA NA IGREJA

21. Quem pertence a VC nem sempre tem explicado a identidade teológico-espiritual da mesma maneira. O Concílio Vaticano II falou de nós na constituição sobre a Igreja; afirmou que pertencemos à estrutura da vida e da santidade da Igreja; ressaltou nossa condição carismática ao dizer que somos um dom do Senhor ressuscitado à sua esposa, a Igreja. Essa perspectiva nos levou não só a mudar os esquemas teóricos mas, sobretudo, a iniciar uma experiência mais rica de vida eclesial e de "mutua relatio" com outras formas de vida e ministério dentro do povo de Deus, inclusive fora da Igreja. Essas experiências e o conhecimento mais amplo de nossas tradições e raízes nos levaram a

expressar aspectos distintivos de nossa identidade carismática, evitando a simplificação, descrevendo-a a partir de diversas perspectivas: a história, as religiões, a opção por Jesus, a inserção na Igreja, a profecia e o símbolo.

O que nos diz a história

22. O que é a VC nos diz em primeiro lugar a história.

a. **Não é um fenômeno unicamente cristão.** Em outras sociedades pré-históricas havia sábios e gente santa que exerciam uma função importante na vida espiritual dos povos¹⁵. Apareceu o hinduísmo, já desde as origens de forte orientação monástica, que se cristalizou na figura de **sannyasi**¹⁶ ou em mulheres ascetas **sannayyasini**. O budismo surgiu como religião monástica¹⁷. O movimento monástico esteve também no judaísmo (terapeutas, essênios, recabitas, nazireus). Pouco depois de nascer o Islã apareceu o **sufismo**, século VIII, que atuava como força crítica de sua cultura¹⁸. Nas “novas religiões” de nosso tempo há grupos que expressam modalidades semelhantes¹⁹.

b. Como fenômeno cristão, a VC esteve presente na história da Igreja desde as suas origens, assumindo formas muito diversas²⁰. Homens e mulheres carismáticos — fundadores e comunidades fundacionais — intuíram as grandes necessidades espirituais e missionárias da Igreja e da sociedade do seu tempo e lugar; deram respostas através de minoritários e significativos projetos de vida e obras de serviço. Apesar de tratar-se de projetos reduzidos, sentiram a necessidade de inserir-se no tecido social da Igreja e pedir-lhe sua aprovação. Através da autorização hierárquica os diversos Institutos pertencem publicamente à vida e santidade da Igreja; surgem dela e a ela se orientam, evitando todo gesto sectário. Atualmente subsistem muitas dessas formas e emergem outras novas.

c. Como fenômeno ecumênico, nas igrejas orientais o monacato tem uma presença importantíssima, como expressão visível da dimensão monástica de toda a Igreja. Também na Igreja anglicana e na Reforma surgem cada vez com mais força formas diferentes de vida monástica e religiosa.

A perspectiva das religiões

23. Ao perguntarmos pela identidade da VC na Igreja, intuímos que, subjacente às diversas expressões de VC, nas religiões e na Igreja, há uma inspiração fundamental comum e uma inspiração compartilhada em todas as idades e culturas. Esses grupos minoritários e marginais exercem sobre a sociedade em que nascem uma função simbólica, crítica e transformadora. Respondem a uma tendência — própria da cultura humana — de encarnar de forma radical e profunda os valores mais profundamente apreciados, especialmente os valores sagrados. São grupos minoritários e radicais. Esses grupos projetam na sociedade suas esperanças, sonhos e aspirações. A VC em suas variadas formas e através das diferentes religiões é uma das primeiras e mais autênticas expressões da função simbólico-transformadora das minorias em maiorias. Cremos que essas formas de vida — não só no cristianismo, mas também fora dele — não estão à margem da ação misteriosa do Espírito do Senhor e das “sementes do verbo” nos povos.

A opção que tudo explica: Jesus, o Senhor e o Evangelho

24. A grande razão de ser da VC na Igreja é seguir a Jesus, o Senhor, a partir de uma peculiar inspiração do Espírito. Nesse sentido, possui uma novidade única em relação às formas de vida religiosa em outras religiões: a referência ineludível a um personagem histórico, Jesus de Nazaré, e sua mensagem.

a. Os que formam a VC na Igreja, sabemos que fomos escolhidos e habilitados (consagrados pelo carisma do Espírito) para estar com Jesus e ser enviados, como o foi a comunidade pré-pascal; nos sentimos chamados a dar visibilidade ao sonho de comunidade — um só coração, uma só alma e tudo em comum — que aparece nos sumários dos Atos dos Apóstolos.

b. A experiência dos séculos nos faz entender que Deus Pai quer a VC na Igreja para que os aspectos mais significativos da humanidade de seu Filho Jesus continuem presentes e atraiam todos ao Reino. E por ele o Espírito vai agraciando com o carisma evangélico do celibato, pobreza e obediência²¹ alguns dos seguidores de Jesus.

c. A pluralidade de carismas e as diferentes formas de VC são interpretadas por nós como intenção do Espírito de recordar alguns gestos existenciais de Jesus²², evocar alguns de seus ensinamentos²³ ou representar alguns de seus mistérios²⁴. Cada Instituto de VC destaca carismaticamente alguns aspectos do mistério do Senhor e se convertem em memória viva para a Igreja. Os membros da VC, mais que pelo estilo de vida e pelas atividades e empreendimentos que desenvolvem, são símbolo-memória do Senhor.

d. Seguimos a Jesus que também seguiu um caminho espiritual de crescimento. Nele não foi tudo simultâneo, mas histórico. Passou por etapas diferentes: da infância à cruz, do discurso inicial das bem-aventuranças ao discurso final escatológico-apocalíptico²⁵. Para nós, o seguimento é um processo de formação permanente, dirigido pelo Espírito e pela Palavra que nos vão identificando com nosso Senhor. A leitura do Evangelho e do conjunto do Novo e do Antigo Testamento, para traduzi-lo na vida, foi sempre de grande inspiração, a regra primeira da VC. Ela tenta ser assim uma biografia viva do seguimento “sine glossa”.

e. Todas as opções que definem nosso estilo de vida centram-se e se concentram-se em uma só: a opção pelo seguimento de Jesus, por viver o mistério do Jesus histórico em nosso tempo e em nosso lugar.

A perspectiva do princípio e do fim

25. Enquanto as formas de vida cristã secular encarnam os modos normativos-criacionais da vivência histórica da fé, as formas de VC — tal como se sublinhou sobretudo em suas origens monásticas — tentam ser memória do projeto originário de Deus — expressado nas primeiras páginas do Gênesis — e profecia da plenitude escatológica. Dado que a integridade e a unidade cósmica a que Deus projetou o ser humano se viu rasgada e impossibilitada pelo pecado, a VC movida pelo Espírito se sente chamada a representar — como Jesus — neste mundo caído aqueles aspectos do projeto originário de Deus que o pecado obscureceu. Por isso, renuncia àqueles bens que se extrapolaram. O celibato-virgindade, a pobreza e o serviço da obediência se convertem assim em sinais proféticos do projeto criador-escatológico, que se viu e se vê contraditado tantas vezes na história humana. Desta maneira, as formas proféticas de VC tentam equilibrar a existência histórica dos crentes seculares com a memória das origens e do fim. Participamos da impaciência de Nosso Senhor Jesus e da Igreja-Esposa para que irrompa o Reino o quanto antes em sua plenitude, para que chegue o momento culminante da aliança de Deus com o seu povo. Esse desejo torna-se mais impaciente, quando entramos no deserto, na fronteira, na periferia do mundo e nos compadecemos com aqueles que experimentam este tempo como condenação, morte, desencanto e tortura. O carisma evangélico do celibato, pobreza e obediência converte-se, neste contexto, em denúncia e anúncio.

A perspectiva das formas de vida na Igreja

26. Na Igreja confessamos que o Espírito — Fundador originário e permanente da VC — é quem desenha a identidade e a faz possível. Várias vezes a teologia e o direito tiveram de recorrer a expressões novas para poder acolher, dentro dos seus conceitos, toda a riqueza de formas novas da VC que o Espírito suscitava²⁶. Em nosso tempo, a emergência de uma nova consciência da vocação laical-secular e de suas possibilidades espirituais e missionárias nos obriga também a modificar a nossa compreensão teológica de VC²⁷. Ele indica que a definição da identidade da VC torna-se correlativa à identidade da vida cristã comum e secular e a todas as formas, e ao mesmo tempo se faz interdependente a elas. O que de fato seja existencialmente cada forma de vida redefinirá a outra.

27. A VC é um modo de configurar uma realidade comum e prévia, compartilhada por todos os membros da Igreja: ser christi fideles (comum condição dos filhos de Deus, seguidores de Jesus Cristo, consagrados e ungidos pelo Espírito, sujeitos ativos da vida e missão da Igreja). Os sacramentos da iniciação conferem a todos uma comum dignidade, uma fraterna igualdade e os orientam e impulsionam à perfeição do amor. As formas de existência cristã são os modos peculiares em que, sob ação do Espírito e a orientação da Igreja, cada pessoa individualiza sua vocação fundamental.

28. Quando se leva em conta a estrutura hierárquica da Igreja e se distingue entre ministros ordenados e o laicato, a VC aparece como majoritariamente laical. Só uma minoria são membros do ministério ordenado. Ser leigo ou ministro ordenado a partir da VC implica oferecer aos demais o próprio dom: o estilo de vida que brota da condição carismática e profética.

29. Depois de tudo o que acabamos de expor, percebe-se que a VC exerce uma função de símbolo, tal como reconheceu o Concílio (LG 44). Símbolo dentro duma Igreja, toda ela símbolo, em relação ao mundo, porque representa para ela a profecia existencial de Jesus. Sua função simbólica não a enaltece sobre os demais; a faz subsidiária e menor. Essa forma de vida se faz mais necessária lá onde a existência cristã se vê mais afetada pela desintegração e corrupção produzidas pelo pecado, lá onde se fazem mais necessários os sinais explícitos da ordem originária ou da ordem escatológica.

VI. O FUTURO NO ESPÍRITO DA VC

30. Não poucas vezes nos perguntamos sobre nosso futuro. Sabemos que está nas mãos de Deus. Porém a nós compete trabalhar com os talentos que nos foram concedidos, como servos fiéis, até que o Senhor queira. Para isso, temos de guardar e reacender o fogo carismático das origens, temos de remetermo-nos continuamente ao amor primeiro.

31. A espiritualidade, nascida em diferentes culturas, levará a sentir a experiência de Deus em meio às vivências dilaceradoras de nossos irmãos e irmãs no mundo, a partir da situação dos pobres, a partir do sem sentido dos que sofrem o desespero, a partir dos novos valores e interpretações do mundo.

32. Cada Instituto deverá reencontrar e assumir seu próprio itinerário de espiritualidade, dentro do caminho espiritual do povo de Deus. A revitalização carismática obrigará a reconsiderar os processos formativos de iniciação e configurará a formação continuada como autêntica re-iniciação carismática. Formar a partir de experiências fortes e pedagógicas na linha do carisma permitirá à VC redescobrir-se

numa nova época e cultura. No que nos diz respeito, grande parte de nosso futuro se joga na formação. Ela haverá de traduzir em processo de iniciação carismática os valores da missão e comunhão descobertos. Ela está chamada a possibilitar o contato com o fogo das origens evangélicas e carismáticas.

33. A vida consagrada espera que a Igreja lhe conceda um estatuto aberto que permita ser fiel à profecia escatológica que a caracteriza e que a estimule a situar-se nos desertos, periferias e fronteiras da missão para ser “**evangelica testificatio**”. Não pode permitir que se converta em recurso fácil para resolver os problemas pastorais ordinários.

34. Neste momento histórico de mudanças culturais, quando nos dispomos a celebrar o 2000º aniversário do nascimento de Jesus, relemos o grande sinal da Mulher que aparece no céu, mas que é da terra (Ap 12), como uma mensagem de esperança também para nós. É a Mulher que vai dar à luz. É a Igreja. Somos todos nós, nossas comunidades e fraternidades. São nossos sonhos tornando-se realidade. Porém damos gritos de dor. Já desejamos que rompam as trevas e se abra o dia, porque são dores de parto. O Dragão está adiante, disposto a devorar o nosso ser com

rosto humano. O dragão são as múltiplas forças negativas, fora e dentro de nós. É a semente do maligno que ainda não foi superada. Porém já se escuta a oração dos santos que cantam um hino de vitória, porque o Reino de Deus se consolida. A VC se sente consolada pelo seu Senhor que diz: “Não tema, pequeno rebanho, vi Satanás cair como um raio”. Assim ela também poderá consolar os demais com o mesmo consolo que recebe de Deus.

35. Neste contexto, como não evocar a Maria, a mulher símbolo de toda Novidade, o “modelo perfeito do discípulo do Senhor” (Mc 37). A VC carismática, chamada a ser profecia de um mundo distinto, se sente inspirada por Maria²⁸ e recebe dela uma misteriosa força espiritual. Sente-se consagrada pelo Espírito para formar parte da descendência da Mulher. Maria é para a VC um modelo de entrega total ao Reino de Deus: nela se descobriu o que significa escutar a Palavra na Escritura e na vida, e crer nela em todas as circunstâncias para viver suas exigências; inspirando-se nela que vive sintonizada com as necessidades dos irmãos (Lc 1,39-45; Jo 2,1-12; At 1,14).

Tradução: Roberto Jerônimo Gottardo, SJ

NOTAS

- (1) Com o termo “Vida Consagrada” (VC) queremos, neste documento, nos referir aos Institutos membros da União dos Superiores Gerais. Os Institutos da VC (Monges, cônegos regulares, Ordens mendicantes, Clérigos regulares e Congregações laicais) e as Sociedades de vida apostólica.
- (2) Enviou-se um questionário a todos os Institutos da USG e às Conferências dos superiores maiores do mundo (cinquenta e um Institutos e vinte Conferências responderam).
- (3) Os seguintes dados não foram facilitados pelos Estudos sociológicos — apresentados no Congresso — por isso tivemos de recorrer a dados que tínhamos em mãos que respondem a diferen-

- tes estatísticas dos últimos três anos. O número de membros de Institutos de VC foi facilitado, por telefone, pela Sagrada Congregação para os Institutos de Vida Consagrada. Sobre os demais dados, já indicamos a fonte. O que nos interessava era uma aproximação da proporção entre pessoas consagradas e leigas. Em todo caso, para maior precisão seria necessário atualizar a estatística com os últimos dados, aos quais não tivemos acesso.
- (4) Segundo os últimos dados da sagrada Congregação para os Institutos de VC e Sociedade de vida apostólica, os membros pertencentes a ela são atualmente 1.116.332 (obviamente não estão incluídos aqueles que pertencem a Institutos de

Direito Diocesano). Dos quais 875.332 são mulheres e 240.988 homens. O total de noviços e noviças é 28.340: 19.340 noviças e 9.000 noviços. Se o número global de católicos é 906.400.000, isto significa que as religiosas(os) representam 0,12%. Como elemento comparativo o anuário estatístico da Igreja de 1989 contava com 5.165.000.000 de habitantes, 906.300.000 de católicos. Assim distribuídos: 281.600.000 na Europa, 80.700.000 na Ásia, 85.600.000 na África, 451.500.000 na América e 7.000.000 na Oceania.

(5) Também é notadamente minoritário o ministério ordenado. Segundo os dados do Anuário Estatístico da Igreja Católica de 1989: os bispos religiosos no mundo eram 1.114; bispos não-religiosos 4.159. Total: 5.273. Os presbíteros diocesanos, 255.240.

(6) Femininos: — 1.370 Institutos religiosos:
— 59 Ordens e Institutos com casas autônomas
— 1.311 Institutos centralizados
— 42 Institutos seculares
— 11 Sociedades de vida apostólica

(7) Masculinos: — 6 Institutos de Cônegos regulares (uma federação e seis Institutos entre eles)
— 11 Institutos monásticos (21 Congregações na Federação Beneditina; 2 Congregações dos Mequitaristas; 12 Congregações dos Cistercienses; 4 Ordens dos Antonianos; 5 Ordens dos Basilianos)

— 17 Ordens mendicantes
— 8 Clérigos regulares
— 89 Congregações religiosas e clericais
— 33 Congregações religiosas laicais
— 10 Institutos seculares
— 28 Sociedades de vida apostólica

(8) É preciso considerar, não obstante, que entre os definidos como clericais pode haver um número considerável de irmãos leigos.

(9) "While this term transformation has been used in a variety of ways, in the organizational real it refers basivelly to qualitative discontionuous shifts in organizational men shared understandings of the organization, accompanied by changes in the organizations mission, strategy, and formal and informal strutures. In contrast to carrying out comparatively simple incremental changes, organizations undergoing transformation come to understand themselves and their mission very differently than they originally had". **Future of Religious Orders in the United States**, in **Origins**, September 24, 1992, Vol 22, nº 15, p. 259.

(10) "A mudança é mais profunda e transformadora do que se pode acreditar e menos espetacular do que às vezes se espera. A mudança não consiste em assumir novos fatos externos, invocações da sociedade... Aquilo que transforma radicalmente o homem e a mulher, as instituições, a sociedade

e a vida religiosa é a mudança da hierarquia de valores" J. LOPES, B. ISUSI, **La realidad actual de la vida religiosa**, p. 9.

(11) Os aspectos mais importantes verificados nas mudanças são: a) a centralidade da figura de Jesus, o Cristo e da Palavra de Deus, como inspiração fundamental para um novo modelo de vida religiosa. b) A recuperação do profetismo carismático dos fundadores e suas comunidades para possibilitar que o Espírito o refunde ou revitalize em novos contextos culturais e humanos. Também a expectativa de acolher novas formas de vida consagrada nascida em outra cultura ou em momentos de mudança cultural, sem recorrer à fácil dependência de formas de vida consagrada já conhecidas. c) lugar prioritário, onde se faz uma opção evangélica pelos pobres, como determinante para os estilos de vida e missão da vida consagrada e como inspiração de um novo tipo de teologia e espiritualidade. d) A valorização da pessoa humana com todos os seus carismas e possibilidades, dentro dum modelo de comunidade aberta e dialogante, como realidade que nunca será proposta pelas normas ou pelas instituições; isso leva consigo um novo modelo de autoridade e liderança que, por ser mais complexo, requer também novas estratégias. e) O novo papel da mulher na sociedade e na Igreja, que se verifica de modo especial na liderança carismática da mulher consagrada e nas iniciativas mais ariscadas da missão, na sua contribuição original e criativa na reflexão teológica e na sua resistência aos modelos teológicos e eclesiológicos que produzem discriminação e alienação. f) A valorização do leigo como sujeito da vida eclesial ante um clericalismo excessivamente protagonista e monopolizador; o qual repercute na vida consagrada laical nas suas legítimas reivindicações de autonomia e reconhecimento carismático, por um lado, e a necessária revalorização do laicato secular como autêntico co-sujeito da missão. g) A revalorização teológico-espiritual da secularidade e, com ela, todos os processos de inculturação, inserção e diálogo. h) A redescoberta do ministério simbólico na vida consagrada em meio a grande comunidade eclesial e a sociedade.

(12) O adjetivo caótico ou o termo caos não se refere àquela realidade informe, confusa, porém àquela em que há possibilidades, sementes. No pensamento bíblico se diz que o Espírito pairava sobre a realidade informe para, a partir daí, iniciar a nova criação.

(13) Onde mais se fala nesses termos é nas áreas de língua inglesa.

(14) Cf. A correlação entre as mal-aventuranças e as bem-aventuranças, no sermão da planície de Lucas, Cat 6 e o desenvolvimento das bem-aventuranças em Mt 5, oferece-nos um esquema

para ler a situação do tempo presente. A situação da mal-aventurança se vê contrastada com a bem-aventurança com aqueles que atuam de forma alternativa: esses não se confundem necessariamente com os cristãos.

- (15) Entre eles estavam os xamãs, personalidades nominoso-religiosas dos povos tribais, em contato com o sagrado e com poderes de cura.
- (16) Monge que vive só ou em comunidade — ashram —, ou em mosteiro — matha.
- (17) Buda era monge e transmitiu a seus seguidores um esquema monástico, tomado fundamentalmente do sannyasi hindu. As três grandes virtudes do monge budista eram a não-violência, a castidade e a pobreza.
- (18) Mais tarde organizaram fraternidades chamadas hoje ordens (tariquahs = seguidores do caminho).
- (19) Como ISKON (a consciência Krishna), os que afirmam o mundo como a cientologia e os que se acomodam ao mundo como os pentecostais/carismáticos. Muitos desses grupos assumem uma orientação monástico-religiosa-consagrada.
- (20) Foi se configurando como vida consagrada feminina ou masculina as figuras dos missionários itinerantes primitivos, os ascetas, os continentes e virgens, os monges (tanto eremitas como cenobitas), os cônegos regulares, os mendicantes, os membros das Sociedades apostólicas, Sociedades de vida comum sem votos, Congregações de vida apostólica ou Institutos seculares.
- (21) Trata-se de um carisma único em três dimen-

sões, como o afirmou sempre a tradição da vida consagrada.

- (22) Sua misericórdia diante dos pecadores, sua proximidade com os últimos e marginalizados, sua vida de oração, sua atividade evangelizadora, seus milagres em prol dos doentes e endemoninhados.
- (23) Caridade, Hospitalidade, Perdão.
- (24) Nascimento, vida em Nazaré, Paixão, Morte e Ressurreição.
- (25) Lucas e Marcos ressaltam esta perspectiva do caminho, itinerário.
- (26) A emergência do carisma minoritário de vida consagrada em cada uma de suas formas principais obrigou os pensadores da Igreja a resituar os demais grupos eclesiais em relação a ela. Assim, por exemplo, o fizeram os Santos Padres em relação ao monacado (João Crisóstomo, Basílio, Agostinho), ou os grandes teólogos medievais em relação aos monacados e às ordens mendicantes (T. de Aquino, Boaventura), ou os teólogos renascentistas em relação a todas as formas de vida religiosa, incluídas as formas emergentes daquele tempo (Francisco Suárez, Belarmino).
- (27) O Sínodo sobre a VC adquire sentido dentro desta perspectiva: aborda a VC depois que os três Sínodos anteriores trataram o tema do sacerdócio ministerial (*De sacerdotio ministeriali et de Iustitia in mundo* 1971), dos leigos (*Christi fidelis laici*) e da formação para o ministério ordenado (*Pastores dabo vobis*).

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL DO TEXTO OU O DEBATE EM COMUNIDADE.

1. Logo no início do artigo o autor nos fala do "mundo em que vivemos e como nos desafia" sintetizando em 6 pontos: pobreza, violência, fundamentalismo, pós-modernidade, novas culturas, perseguições. Quais desses desafios são mais significativos em sua realidade concreta e que características específicas aí se apresentam?
2. Cada forma de vida consagrada deve situar-se aí onde o Espírito quer conduzir hoje sua Igreja e aí colaborar com outros carismas e ministérios do povo de Deus, sem renunciar à própria identidade ministerial e sem prejudicar a uni-

dade da missão. Qual seria o modo próprio da vida consagrada realizar o anúncio de Jesus Cristo, a opção pelos pobres, a opção pela vida e pela não-violência? Você percebe sua comunidade concreta tendo percepção desse modo próprio de atuar carismaticamente?

3. O futuro de cada Instituto de vida religiosa dependerá de reencontrar e assumir seu próprio itinerário de espiritualidade traduzido em processos de iniciação carismática aos valores da missão e comunhão. Como isso é buscado em sua congregação?

UM OLHAR AO CONGRESSO DA USG NA PERSPECTIVA DA VIDA RELIGIOSA APOSTÓLICA FEMININA

Ir. Inés Laso González, F.I.*
Roma/Itália

Deus quis a mediação de uma mulher, MARIA, para transformar, salvar e redimir o mundo. Nós, Religiosas, também podemos ser na Igreja força viva de transformação evangélica.

Dois meses depois da celebração do Congresso Internacional sobre "A vida consagrada hoje: carismas na Igreja para o mundo", renovo o impacto que deixaram em mim aquelas intensas jornadas e o contemplo como um tempo privilegiado, porque nele experimentei a passagem do Espírito deixando as marcas de profundo enriquecimento e de grande entusiasmo para continuar percorrendo o caminho da vida religiosa hoje.

Particpei do Congresso como membro da União Internacional de Superiores Gerais (UISG), à qual a União dos Superiores Gerais (USG), organizadora e responsável da Assembléia, ofereceu ampla participação. Assumimos essa participação um grupo de Superiores Gerais e as teólogas que, então, trabalhavam conosco. Tendo em conta que, além disso, havia outras religiosas, membros de Conferências

Nacionais de Superiores Maiores, ou componentes do mesmo Congresso, junto a algumas leigas, as mulheres participantes éramos mais ou menos 65, dentro do número total de 500 pessoas, procedentes de umas 150 nações.

Contemprar esse acontecimento eclesial de grande alcance na perspectiva da vida religiosa é algo inspirador e muito atual. Se esta reflexão tivesse sido feita em equipe, desde a perspectiva das diversas formas de vida consagrada, teriam surgido reações e pistas abertas ao horizonte, com muita riqueza de iluminação e impulso. Por minha parte, devo limitar-me ao campo das religiosas de vida apostólica, único setor da vida consagrada que conheço profundamente, através da minha própria congregação e de outras com as quais mantenho um amplo campo de relações.

Desde esse enfoque, fiz uma releitura meditativa dos documentos do Congresso. Esses textos e o ambiente que os suscitou foram a plataforma da minha reflexão. Estão, por isso, no fundo e nas expressões da comunicação que compartilho neste artigo.

Por sua vez, a UISG, particularmente nos últimos anos, vem fazendo um valioso estudo sobre a vida religiosa apostólica feminina. Posto que me encontro em sintonia com o caminho que vem fazendo a UISG, seus textos me serviram, em muitos momentos, de luz, de apoio ou de confirmação.

A partir desses pressupostos e como fruto da minha contemplação crítica dessa grande Assembléia internacional, cheguei a formular meu pensamento sobre alguns pontos concretos e chaves, que me parece oportuno nuclear para seu desenvolvimento em torno a dois eixos, tendo em conta que:

— alguns deles brotam da experiência conjunta que tivemos durante aqueles dias e têm o caráter de constatações;

— outros são questionamentos ou apelos do Espírito, nascidos ou intensificados a partir da reflexão e dos diálogos projetados em direção ao futuro, com um dinamismo interno que pode ser traduzido na vida concreta.

I. O CONGRESSO, UMA EXPERIÊNCIA VIVIDA E COMPARTILHADA

1. EXPERIÊNCIA FRATERNA DE DIALOGO E MÚTUO QUESTIONAMENTO

Essa foi a tônica que dominou o ambiente do Congresso. O testemunho de comunhão entre nós superou as possíveis dificuldades provenientes do número de participantes, dos diferentes campos apostólicos, da teologia e da pastoral, da diversidade de línguas e procedências geográficas, das tradições e culturas.

Na raiz dessa experiência, encontram-se elementos comuns a religiosos e religiosas, tão básicos como a força da nossa vocação ao seguimento de Jesus, dentro de um projeto de vida consagrada; nossa sintonia praticamente total na compreensão deste projeto; o enfoque dos seus núcleos centrais, começando pela missão e continuando pela comunhão para concluir com a identidade, na convicção de que esta identidade, através desse caminho, fica bem definida e aparece mais vital e concreta do

que quando se parte do essencial, com base em um método dedutivo.

Em relação com esses núcleos centrais, ficou claro que a missão não é uma atividade sobreposta ao ser da vida religiosa, como não é ao da Igreja, senão que forma parte desse mesmo ser que cada Instituto assume na perspectiva peculiar do próprio carisma.

Unimos nossos esforços para interpretar o que significa estar em missão no mundo e para uma crescente compreensão teológica da vida religiosa apostólica, que já fez um caminho de especificação, mas tem ainda de continuar a fazê-lo.

Sentimo-nos implicados na comunhão da Igreja e em fazer das nossas comunidades religiosas um dom para os outros, um espaço de relações interpessoais e de fraternidade, um lugar de convergência e de impulso para a missão.

Tratamos de assimilar novas formulações da identidade da vida consagrada, tendo sempre a Jesus e sua mensagem como nossa razão de ser e ponto permanente de referência. É claro que a isso deve unir-se nossa abertura e crescente imersão nas interpelações que nos lança o mundo contemporâneo.

A comunhão no enfoque desses elementos fundamentais encontra sua concreção em um contexto prático de não poucos problemas. Dentro da variedade de situações em que nos encontramos, dá-se também nesse plano bastante coincidência entre nós, no referente a luzes e sombras, conquistas e dificuldades. Sentimos que atingem a todos nós um dinamismo e uma insatisfação construtiva, que são fruto do Espírito, e que arrancam particularmente da renovação pós-conciliar.

Esses denominadores foram, efetivamente, comuns no Congresso. Sobre eles pudemos dialogar abertamente religiosos e religiosas. Foi notável a comunicação em

verdade e na liberdade; entramos amplamente no desafio do questionamento e da busca conjunta; tivemos ânimo para perguntar-nos com realismo pelo amanhã da vida religiosa.

2. EXPERIÊNCIA DO VALOR ECLESIAL DOS NOSSOS CARISMAS

O Congresso foi ocasião oportuna para a tomada de consciência gozosa de nossos carismas. Sua variada riqueza constitui autêntica experiência pentecostal de unidade, dentro da pluralidade de dons que o Espírito comunica para o bem da Igreja.

Essa Igreja aparece enriquecida e adornada com os diferentes carismas de vida consagrada, os quais representam algum dos mistérios da vida de Jesus, ou evocam algum dos seus ensinamentos, ou recordam algum dos seus gestos existenciais. "Cada Instituto ressalta, exagera carismáticamente algum traço do mistério do Senhor e se converte em memória vivente dEle para a Igreja¹." Compete-nos deixar-nos invadir pela exigência vital que supõe o ser memória de Jesus, de acordo com o nosso carisma.

Ao mesmo tempo, a partir da especificidade e complementaridade carismática, sentimo-nos urgidos a viver em comunhão com as outras formas de vida que se dão na Igreja: todas as vocações são correlativas e interdependentes. De acordo com a fina sensibilidade que o Espírito desperta hoje, percebe-se em nós a preocupação de colaborar para que os leigos gozem do espaço e ação que lhes correspondem, segundo a sua vocação, no conjunto orgânico do Povo de Deus.

Além do mais, somos conscientes de que o conjunto dos religiosos, em meio à comunidade eclesial, constituímos uma pequena minoria, cuja contribuição carismática deveria parecer-se à do fermento na massa, e cuja missão, humildemente

assumida, deveria apontar para o Reino desde a totalidade do nosso viver e do nosso fazer.

3. EXPERIÊNCIA DE ABERTURA E ESPERANÇA

Contemplamos no Congresso a situação real da vida religiosa hoje. Ela passou, ao longo do período pós-conciliar, por profunda transformação, através de um processo difícil e, muitas vezes, tenso, levado adiante em meio a um mundo sacudido por mudanças constantes e aceleradas. Diante das dificuldades internas e dos desafios do momento atual, a vida religiosa está enfrentando uma crise que reveste características diferentes, conforme os lugares.

Em alguns, assiste-se à diminuição numérica dos membros e a seu envelhecimento; em outros, dá-se o predomínio da juventude e das novas vocações. Em todos, a vida religiosa, diante das consequências da modernidade e da pós-modernidade, necessita perfilar, com audácia e criatividade, caminhos de espiritualidade nova, que façam frente à novidade da situação. Em face da urgência das necessidades do mundo que nos sacodem fortemente, a vida religiosa sofre tensões, como a desproporção entre as forças evangelizadoras e os extensos campos de evangelização; a necessidade de reavaliar geográfica e socialmente nossos lugares de presença, a possibilidade de compartilhar a missão com os leigos e estender a eles a participação no carisma do Instituto.

Em meio a essas encruzilhadas, não poucas vezes nos preocupamos com o nosso futuro. É difícil contemplar esses e outros elementos da atual crise e manter o entusiasmo e a utopia. Contudo, longe de uma atitude de pessimismo, derrotismo ou desalento, respirou-se no Congresso, em todos os momentos, a confiança no Senhor que nos conduziu e nos conduz, fazendo conosco a história.

Como pessoas de fé, sentimo-nos abertos ao futuro. Mesmo contando com as insatisfações do presente, experimentamos o apelo a ser fermento no contínuo processo de crescimento, a alimentar e avivar o fogo carismático das origens, a voltar a nossa vocação primeira e manter seu frescor.

Deste modo, transmitimo-nos uns aos outros, atentos ao Espírito, uma mensagem de esperança teologal. Esperança que se manifesta nos sinais de vida que já existem entre nós; na prontidão para programar, com agilidade, nossa presença na Igreja e na sociedade; na disponibilidade para novos compromissos. Esperança que se expressa também nos grandes ideais de nossa missão; na certeza de que, algum dia, hão de realizar-se a fraternidade, a verdadeira igualdade, a libertação dos pobres. Esperamos porque o Reino há de ir consolidando-se e porque tudo é possível para o poder de Deus.

4. EXPERIÊNCIA DO CAMINHO PERCORRIDO PELA VIDA RELIGIOSA-APOSTÓLICA FEMININA

Em meio às grandes coincidências entre religiosos e religiosas em linhas, inquietações, dificuldades e horizontes, o Congresso nos ofereceu (a nós, religiosas) uma boa oportunidade para situar a vida religiosa feminina à luz desse evento eclesial que, em razão dos seus organizadores e da maioria dos participantes, logicamente estava marcado pelo selo masculino.

Primeiramente, vale a pena constatar que, dentro do grupo minoritário que forma na Igreja a vida consagrada, a grande maioria corresponde às mulheres, com uns 72,5% de membros, diante de 27,5% de homens. Além disso, o grupo feminino apresenta um rosto carismático plural, formado por 1370 Institutos religiosos, 42 Institutos seculares e 11 Sociedades de vida apostólica, que somam um total de 1423

famílias femininas de vida consagrada na Igreja.

A visão global desse conjunto oferece uma impressão positiva, porque o caminho percorrido durante estes anos foi construtivo. Avançamos com o Povo de Deus peregrino; vivemos uma experiência de renovação; tomamos, como pontos de referência para esta renovação, as fontes de toda vida cristã, os carismas fundacionais, as mudanças sócio-eclesiais e os sinais dos tempos. A partir daí, evoluímos muito em nosso estilo de vida, em nossos modos de fazer, na mesma realização da missão.

Concretamente no campo apostólico, fizemos grandes esforços para potenciar o valor evangelizador do nosso serviço educativo ou assistencial, por uma maior integração e cooperação com os leigos, por atingir a juventude com uma pastoral adequada.

Em consonância com os valores específicos da mulher, escutamos o chamado a colaborar na construção da fraternidade humana; deram-se mudanças de atitudes e realizações concretas; entre elas, é muito significativo o número de religiosas que vivem inseridas entre os pobres, em contato real com eles, acompanhando-os na luta contra os elementos que desumanizam ou destroem a vida, e, dessa maneira, colaborando para uma convivência digna e fraterna.

Além de tudo isso, vai melhorando a preparação das religiosas. Destaco, em concreto, a formação bíblica, pelas consequências positivas que dela decorrem. Segundo as estatísticas, uns 80% das religiosas jovens entraram nesta linha de intensa formação bíblica e chegam a uns 50% as de gerações médias. A Palavra de Deus é lida, interpretada e comentada. À luz da Palavra, vamos nos acostumando a ler a realidade pessoal e eclesial, ao mesmo tempo que interiorizamos mais a vida e a mensagem de Jesus. Nos círculos bíblicos e em outros grupos de cristãos comprometidos, fazemos presente a Palavra para iluminar os acontecimentos.

Esses, entre outros, são sinais importantes do nosso caminhar como religiosas hoje. Em maior ou menor grau, atingem-nos a todas. Mas há também outros sinais que se diversificam, segundo as circunstâncias dos diferentes lugares.

Se olhamos o mundo ocidental, percebemos que a vida religiosa está passando por uma profunda experiência pascal, geralmente interpretada como crise de identidade; o atual modelo de vida apostólica mostra-se ainda insuficientemente adaptado e renovado; a ausência de um incisivo e profético testemunho evangélico é frequentemente lamentada². Essas obscuridades são compatíveis com raios de luz tais como: uma grande sensibilidade diante das novas pobreza que surgem na sociedade moderna, descobrindo com criatividade evangélica canais de atenção e de compromisso; preocupação viva com a inculturação do Evangelho num ambiente marcado pelo materialismo e a descrença; um florescente voluntariado leigo, sobretudo entre a juventude, que se entrega generosamente ao serviço apostólico-humanitário em áreas de urgente necessidade.

Nos Estados Unidos, a evolução conduziu a uma vida religiosa mais dispersa: "A maioria de nós já não se veste uniformemente nem vive em grandes conventos. Ocupamos um número menor de lugares em nossos colégios e hospitais e muitas trabalhamos em projetos e instituições não patrocinados pela Igreja. A presença nas paróquias é mais adequada para funções pastorais ou administrativas que a presença nas escolas. As religiosas encontram-se frequentemente enfrentando novas necessidades, como os que carecem de casa, mulheres e crianças maltratadas, pessoas com AIDS, migrantes e refugiados. Um efeito imprevisto dessa dispersão é que as religiosas se fazem notar menos como força corporativa"³.

Por outra parte, "sinais de vida nova são fortemente destacados na Ásia, na

África e na América Latina. Fenômeno que se pode igualmente observar em algumas regiões da Europa oriental. Nesses países há um aumento do número de Irmãs, e os centros de formação aceitam e formam numerosas candidatas. Programas significativos intercongregacionais melhoram a formação, o ministério apostólico e o estilo de vida"⁴.

Através dos traços perfilados a partir de uns e outros países do mundo, cabe concluir que compartilhamos com os religiosos e com a Igreja em seu conjunto o ar esperançoso de alguns lugares e a necessidade de que ressurgam a vida em outros, concretamente na velha cristandade. Apesar das obscuridades e sombras, são motivo de estímulo os muitos sinais positivos que existem, assim como as novas luzes e enfoques que emergem das diferentes situações existenciais em que se encontram as religiosas na atualidade.

II. APELOS ÀS RELIGIOSAS DE VIDA APOSTÓLICA NA PERSPECTIVA DO CONGRESSO

1. APELO À RECIPROCIDADE ENTRE HOMEM E MULHER

A presença nas estruturas mais decisivas da realidade social e eclesial continua sendo predominantemente masculina. Através de toda a sua configuração e atuação, manifesta-se o modo próprio do homem de organizar, pensar, falar, decidir, atuar. Percebe-se ainda pouco a perspectiva feminina, que é outro modo de ser e de estar, de sentir e de intuir, de pensar e de expressar-se. Compete a nós, mulheres continuar abrindo caminho nessa direção.

É certo que vamos alcançando, cada vez mais, clara consciência da nossa identidade e dignidade; não se trata de buscar

a competição com o homem, senão de esclarecer a diferença e correlação entre ambos, segundo o projeto de igualdade do Gênesis, para o qual cada um dos dois sexos é um modo diverso de ser pessoa humana (cf. Gen 1,27).

Como afirma João Paulo II, “os recursos pessoais da feminilidade não são certamente menores que os da masculinidade; são só diferentes. Por conseguinte, a mulher — como por sua parte também o homem — deve entender sua realização como pessoa, sua dignidade e vocação, sobre a base desses recursos, de acordo com a riqueza da feminilidade, que recebeu no dia da criação e que herda como expressão peculiar da imagem e semelhança de Deus”⁵. Dir-se-ia que o Papa nos chama à fraternidade, a que cada um reconheça e admire o mistério do outro.

Por aqui chegamos a essa “cultura da mutualidade”, que deveria dar-se nos diversos níveis de relações, presença, tarefas... Nós — mulheres — devemos oferecer nossa mutualidade específica; corresponde ao homem contar com ela, de modo que, na realidade, não se perca a novidade de uma contribuição diferente. Como, logicamente, nos corresponde também acolher o enriquecimento da modalidade especificamente masculina.

Nessa mutualidade, somos chamadas a fazer caminho juntos e a entrar cordialmente no campo da colaboração e do diálogo. No mesmo processo de vida religiosa destes anos, fica claro aquilo que, como mulheres, oferecemos de presença, proximidade, integração fé-vida... e aquilo que os homens nos deram de reflexão, iluminação, segurança, estruturação... Em concreto, é responsabilidade das mulheres o elaborar nosso pensamento e experiências da maneira que nos é própria. Essa elaboração tem um espaço privilegiado na reflexão teológica. No fazer teológico da mulher se dá uma integração entre o rigor

científico e a sensibilidade, entre o dado experimental e a seriedade da investigação; há, além disso, uma tentativa de preencher conceitos abstratos com as realidades vividas. Constitui um trabalho de grande projeção a releitura que a mulher trata de fazer, desde o feminino, da teologia, da Bíblia, da história da Igreja...; a partir dessa iluminação, vamos matizando nossa espiritualidade, nossa ação pastoral, as próprias formas de vida religiosa⁶.

“A presença de mulheres no exercício profissional da teologia, como assessoras de comunidades, como professoras de teologia, elaborando textos teológicos, levou Paulo VI a afirmar: ‘a teologia é outra coisa diferente, quando passa pelo coração de uma mulher’.”

Em síntese, o “homem novo” em Cristo supõe que homens e mulheres, configurados pelo Espírito de Jesus em quem não há diferenças, vivamos na plenitude de nosso ser e na relação recíproca. E, para além de nós mesmas, todos coloquemos em primeiro plano as ações em favor de um mundo mais justo, onde nossas relações sejam igualitárias e somemos nossas energias em favor do projeto do Reino. Desse modo, estamos colaborando para a transformação renovadora e misteriosa que nos levará a formar a “humanidade nova” e “uma terra nova” em que habitará a justiça (cf. 2Pd 3, 13; Ap 21,1).

2. APELO A UMA CRESCENTE CONSCIÊNCIA DE NOSSA CONDIÇÃO DE MULHERES CONSAGRADAS

É lógico que influa na vida religiosa feminina o despertar da mulher e seu apreço cada vez mais profundo pela própria identidade. Ser hoje uma mulher religiosa é mais difícil que antes, mais exigente; mas também mais estimulante e cheio de sentido. Fizemos um longo caminho desde aquele princípio da “fuga mundi”, vigente

tempos atrás. E hoje nos encontramos dispostas a percorrer os caminhos que se abrem diante de nós.

Caminho, em primeiro lugar, de uma espiritualidade desenvolvida desde o ponto de vista da mulher; espiritualidade que não fica só numa relação vertical com Deus, senão que tende a ser integral, porque se configura pela oração, pela experiência relacional e por nossas mesmas lutas pessoais e sociais. "É unitária em vez de dualista. É risco em vez de segurança. É uma espiritualidade gozosa em vez de austera, ativa em vez de passiva, expansiva em vez de limitadora. É vibrante, libertadora, cheia de colorido⁸."

Nesse caminhar, as religiosas estamos descobrindo novas facetas da tarefa que Deus nos confiou na vida da Igreja. Por esta razão, quiséramos que continuasse "o diálogo empreendido pelo processo sinodal, que se buscasse a maneira de eliminar a dicotomia que se observa com freqüência entre as declarações oficiais da Igreja sobre a mulher e a atual prática de discriminação; que se tratasse de incluir amplamente mulheres competentes nos processos de decisão e nos ministérios eclesiais pastorais⁹."

Estamos percorrendo também um caminho de abertura ao mundo, para comprometer-nos a fundo com a sua transformação, para derramar nele vida e contribuir para a sua salvação. As religiosas de hoje devemos estar abertas ao radicalmente novo que Deus possa pedir-nos através das atuais situações históricas. Desde aí, nossa vida religiosa apostólica vai alcançando progressivamente nova configuração.

Para nós, religiosas de vida apostólica, adquire uma significação especial a solidariedade com tantas mulheres, irmãs nossas, que sofrem a marginalização na sociedade. Queremos colocar-nos ao lado das que se sentem discriminadas no trabalho e expostas a riscos de saúde nas fábricas,

companhias multinacionais e áreas de crescente exploração; buscar com as indígenas, mulheres do campo e mulheres racialmente discriminadas sua própria identidade, acolhendo-as com muito respeito; acompanhar as que se fazem operárias emigrantes em terras longínquas; estar próximas das que estão implicadas na prostituição, das que são seqüestradas ou torturadas, das que vivem no analfabetismo.

Neste momento de crescente consciência da dignidade da mulher, urge-nos buscar com aquelas que são marginalizadas, através de projetos concretos, a transformação pessoal e estrutural que lhes possibilite alcançar a necessária libertação.

Motivo de consolação e gozo para todas nós e particularmente para as que vivem essas situações dolorosas é o proceder de Jesus de Nazaré quando se encontra com diferentes mulheres no transcurso da sua missão. "Nos ensinamentos de Jesus, bem como no seu modo de proceder, não se encontra nada que reflita a habitual discriminação da mulher, própria do tempo; pelo contrário, suas palavras e suas obras expressam sempre o respeito e a honra devidos à mulher... Este modo de falar sobre as mulheres e com as mulheres e o modo de tratá-las constitui uma clara novidade em relação com os costumes dominantes então¹⁰."

Compete-nos às mulheres consagradas oferecer ao mundo imagens alternativas de mulher que se inspirem no Evangelho. Sobretudo constitui um desafio para nós oferecer uma imagem de mulher inspirada em Maria, a mãe de Jesus. "Maria projeta luz sobre a mulher, que, ao contemplá-la, nela encontra o segredo para viver dignamente sua feminilidade e para levar adiante sua verdadeira promoção¹¹."

Maria, em seu papel de mulher, foi a primeira em fazer presente a Vida, Cristo; a primeira que o deu a conhecer e o entregou aos pobres, aos pastores; a primeira

que o ofereceu a outras culturas, aos magos do Oriente. A mulher consagrada teria de apresentar ao mundo uma imagem alternativa de mulher, configurada com Maria, "a imagem mais perfeita da liberdade e da libertação da humanidade e do cosmos"¹². Deus quis a mediação de uma mulher, Maria, para transformar, salvar, redimir o mundo.

Nós mulheres consagradas de hoje, com Ela e seguindo a Jesus, pensamos que podemos ser na Igreja força viva e potencial de transformação evangélica. "No alvorecer do terceiro milênio, estamos conscientemente presentes na Igreja e no mundo de que formamos parte. Dirigimos nosso olhar à tradição feminina eclesial e nos sentimos, com simplicidade e com ânimo, prontas para a tarefa. Continuamos nas origens. Estamos em um novo começo"¹³.

3. APELO A UMA SÓLIDA FORMAÇÃO COMO PROCESSO CONSTANTE DE CRESCIMENTO

Precisamente porque a mulher consagrada manifesta consciência de seus dons e de sua dignidade humana e religiosa deve manter, em correlação, uma preocupação constante em formar-se. É "o desejo de instruir-se" (Sb 6,17), ou a atitude de aprender, como aprendia Maria de Betânia aos pés de Jesus.

Hoje "a formação permanente é olhada como a mais importante e que reclama toda a atenção. O desenvolvimento dos planos das congregações para todos os membros e a animação permanente estão na lista de prioridades. A falta de motivação pessoal de alguns membros para continuar sua própria formação é analisada com preocupação. O aumento do relacionamento com os leigos, da colaboração e do trabalho conjunto pede uma formação ampliada, que é também considerada como favorável ao crescimento"¹⁴.

Apesar disso, nem sempre sabemos reservar um tempo em que nossas pessoas estejam com vitalidade e dinamismo para dedicá-lo à formação, ou não atinamos com os meios adequados para poder entrar num processo constante de amadurecimento e crescimento. Não podemos esquecer que uma formação integral e específica que tenha em conta a pessoa em todas as suas dimensões e os diferentes contextos socio-culturais e eclesiais é indispensável para a nossa trajetória pessoal e para responder às urgências e desafios da missão.

A missão em concreto pede-nos conhecimento sério e atualizado da sociedade e do povo onde vivemos e trabalhamos; desenvolvimento da consciência crítica; formação sociopolítica. Necessitamos continuar cultivando esses e outros aspectos que nos capacitam para que nosso diálogo com o mundo seja eficiente e nosso serviço seja resposta adequada às necessidades de cada lugar.

Dentro do amplo campo da formação permanente, merece destacar-se o esforço das religiosas por adquirir uma formação teológica sistemática e uma preparação em catequese e pastoral. Sentimos a necessidade de conhecimento atualizado de Jesus e seu Evangelho e capacidade de comunicação e diálogo com o homem e a mulher de hoje, para transmitir-lhes a mensagem cristã.

Acrescentem-se a tudo isso outras urgências, como adquirir e manter uma preparação profissional adequada; crescer em capacidade de assimilação e sentido crítico diante dos meios de comunicação social e outros canais de informação; estar disposta a aprender de outras culturas, de outros países, de outras pessoas.

Esse é o panorama da formação no qual as religiosas das gerações jovens e médias entraram praticamente de cheio. Vale recordar aqui o pensamento de Inácio de Loyola, que recomenda com diligência uma

preparação sólida em tudo aquilo que se considere necessário para cumprir a missão própria do Instituto, tendo em conta, ao mesmo tempo, que “os meios que unem o instrumento com Deus e o dispõem para que se deixe conduzir por sua divina mão são mais eficazes do que aqueles que o dispõem para com os homens”¹⁵.

4. APELO A INTERPRETAR A VIDA RELIGIOSA-APOSTÓLICA DESDE OS TRAÇOS ESPECÍFICOS DA MULHER

4.1. Criatividade, intuição e sensibilidade ao Espírito diante do novo modelo de vida religiosa

Partimos de que a vida consagrada encontra-se numa encruzilhada; vive um processo de transformação muito forte; são questionados ou desaparecem elementos que foram válidos no passado; não servem mais as respostas de outros tempos. Intuem-se muitas coisas, mas ainda não acabam de perfilar-se; emergem novas presenças; a mudança se nos impõe; e nos interpela o desafio da novidade. Em tais circunstâncias, um novo modelo de vida consagrada está já começando a surgir.

Justamente neste momento crítico, atinge especial significado a liderança carismática da mulher consagrada nas iniciativas mais arriscadas da missão, em sua contribuição original e criativa à reflexão teológica e em resistência a modelos teológicos e eclesiológicos que se revelem discriminatórios¹⁶.

Em muitas religiosas, há uma impaciência crescente por acabar com o velho molde e por passar a algo novo orientado ao futuro... Enquanto esperam por isso ativamente, preocupam-se em buscar novas expressões como resposta às necessidades do nosso tempo e confiam em uma nova espiritualidade.

Espiritualidade que deve ser tradicional em suas raízes e atual em suas manifestações; a mesma de sempre e, contudo, com um rosto novo, já que novos são os desafios que deve enfrentar. É um momento decisivo que exige fidelidade aos aspectos fundamentais da identidade e criatividade para adaptar-nos ao novo modelo.

Entre as religiosas comenta-se que necessitamos de profetas, pessoas de visão, gente sensível ao Espírito, que é o grande protagonista deste momento de revitalização; necessitamos reapropriar-nos da identidade original, dando-lhe uma forma de expressão contemporânea.

“As perguntas que as religiosas nos fazem neste momento de nossa história são cruciais. Referem-se à identidade, atingem-nos profundamente e urge arriscar respostas, aceitando seu caráter de ensaio e sua vontade de luz... Agora é mais importante suscitar, sugerir, alentar a criatividade que ter à mão fórmulas definitivas ou perfeitamente estruturadas¹⁷.”

Ao repensar nossa identidade, encontramos-nos, antes de tudo, com Jesus, como nossa grande razão de ser. Segui-lo é a referência sempre nova, com uma novidade inesgotável. “Desde o princípio da missão de Cristo, a mulher demonstra para com Ele e seu mistério uma sensibilidade especial, que corresponde a uma característica de sua feminilidade¹⁸.”

A escuta de sua Palavra vai nos identificando com Ele. Como a Maria, compete-nos ser terra boa, capaz de acolher a semente da Palavra, de guardá-la no coração e de confrontar com ela os acontecimentos. É esse movimento de ida e vinda da Palavra à vida e da vida à Palavra o que nos mantém em atitude de discernir os novos caminhos de expressão para nosso carisma hoje.

Através dessa dinâmica de encarnação da Palavra e de abertura à realidade, nos

encontramos com o enorme desafio social que apresentam os pobres. Muitas religiosas, com aguda intuição e sensibilidade ao Espírito, deslocaram-se para viver com eles e entre eles em comunidades de inserção.

Essa opção preferencial e solidária é um questionamento à totalidade da vida consagrada, ponto de partida de uma nova experiência espiritual, caminho de retorno às origens do carisma fundacional. Constitui um novo modo de estar presentes e relacionar-nos com a sociedade, a partir dos pobres e marginalizados. Vem a ser um lugar a partir do qual o Espírito nos fala aos religiosos e religiosas e à Igreja ¹⁹.

Entrar no processo de transformação e de mudanças que hoje se dá; abrir-nos ao novo modelo de vida religiosa que já se vai intuindo; afirmar-nos com profundidade no seguimento de Jesus; deixar-nos atingir pela vida que surge do encontro com o pobre e comprometer-nos com ela; continuar à escuta de outras novidades imprevisíveis do Espírito; em síntese, acolher todo esse dinamismo renovador supõe um horizonte cheio de futuro e exige, ao mesmo tempo, uma forte experiência de despojamento e uma atitude permanente de êxodo e conversão.

4.2. Ternura e compaixão, receptividade e acolhida diante dos desafios da missão hoje

As religiosas de vida apostólica entregamo-nos sempre com entusiasmo e criatividade à transmissão da Boa Nova através do testemunho, do serviço, da compaixão e da esperança.

Hoje, nos encontramos diante de uma sociedade estruturada sobre valores técnico-científicos, baseados nas normas da eficiência, com o mercado como elemento racionalizador da economia; sociedade materializada, que prescinde de Deus e que esquece a empatia humana, a dimensão de

respeito ao outro, um desenvolvimento que tenha em conta as pessoas.

Perguntamo-nos como enfrentar os problemas da missão nessa sociedade penetrada de indiferença, secularismo, ateísmo prático, erosão de valores; como responder às emergentes necessidades dos oprimidos pela violência das nossas cidades ou a violência racial; como chegar até aqueles jovens que estão cada vez mais distantes de um projeto de esperança e de futuro; como capacitar o crescente número de marginalizados de nossa sociedade; como evangelizar os países recentemente saídos do regime comunista; que nova linguagem e que estratégias utilizar como mais adequadas à proclamação do Evangelho hoje.

Nossas tentativas de resposta diante dos pobres, oprimidos e marginalizados da sociedade brotam de nossa própria condição feminina, potenciada pela fé em Jesus. A atitude é a de ir para fora, ao encontro do povo, sem esperar que venham a nós; buscamos estar presentes nos lugares abandonados, na periferia, nas fronteiras; queremos ser, ao lado dos pobres, agentes de mudança, questionando as estruturas e os sistemas que geram pobreza e exclusão.

Há na mulher uma tendência que orienta sua pessoa aos outros; na consagrada, “esta orientação à pessoa dos outros dá-se de forma privilegiada em direção aos mais fracos e necessitados. Não é mera casualidade que, na vida religiosa, quem levou mais a sério a opção pelos pobres e a inserção foram precisamente as religiosas”²⁰. Trata-se de compreender o ser humano a partir da empatia com o frágil e o sofrido de sua existência. Nossa sensibilidade à dor dos outros, a capacidade de “sofrer com”, de solidarizar-nos, abre-nos à problemática alheia, à generosidade que compartilha, à luta por obter melhores condições de vida.

Na nossa opção pelo pobre, existe muito de uma experiência de ternura e compai-

xão, que se nutre da força das bem-aventuranças, traduzida em gestos de vida. Como não expressar-nos desde a compaixão e a ternura, quando nos atingem as pobreza do mundo, sabendo, além do mais, que desse modo comunicamos a um Deus que é, Ele próprio, atingido pelo mundo e suas pobreza?

Por outro lado, "se o objetivo da missão é a transformação da sociedade no Reino de Deus, interpelar aos não pobres é uma prioridade. Interpelar aos não pobres constitui uma maneira concreta e relevante de viver a ação pelos pobres"²¹.

Preocupa-nos como oferecer a Boa Nova de um modo convincente a esse mundo dos não pobres, saturado de tudo, também de palavras. Entendemos que essa oferta deve ser feita propondo-se novos valores de contraste; novas maneiras de olhar a Deus, aos outros e ao mundo; novas atitudes de vida; novos critérios para guiar nossas opções e relações. E essa cultura alternativa deve estar impregnada da perspectiva evangélica da solidariedade com os pobres.

Para essa evangelização, tão difícil como necessária, contribui nosso modo relacional de conhecer e transmitir, nossa condição existencial, chegando ao descobrimento daquelas dimensões da vida que são reveladoras de Deus e da sua mensagem de salvação. Trata-se de partir não de conceitos racionais senão da nossa própria experiência, dos encontros interpessoais, dos acontecimentos. Por aí podemos fazer sentir aos outros como é profundamente relacional qualquer pessoa, como é profundamente relacional o nosso Deus.

Igualmente compete-nos dinamizar a nossa imaginação criadora para renovar e inventar métodos e expressões que colaborem também para fazer mais próxima e inteligível a mensagem evangélica nas novas realidades culturais de hoje.

4.3. Animar e defender a vida diante de contextos de morte

A mulher foi dotada de qualidades que a capacitam para dar vida; de acordo com a sua própria feminilidade, gera a vida, a projeta e defende. Ela o faz como esposa e como mãe e também como consagrada. Além disso, a especial sintonia da mulher com a vida a leva a uma forte experiência do Deus da vida.

Por sua vez, a Igreja recebeu do Senhor a missão de dar vida e de dá-la em abundância (Jo 10,10). E nós constatamos que somos sinal de uma Igreja doadora de vida. Por isso, na Igreja e como Jesus, sentimo-nos chamadas a promover a vida e transmiti-la; a mostrar um rosto eclesial próximo à vida, isto é, próximo à realidade, às pessoas e suas experiências.

Ser aliadas da vida nos compromete a denunciar as guerras, os conflitos armados, as formas cotidianas de violência no contexto social e familiar; a acompanhar os anciãos, os que se sentem sós e sem sentido, os enfermos e deficientes; a cuidar da vida que está apenas começando, as crianças abandonadas e maltratadas. Fazemos isso através de nosso serviço direto e também apontando as causas da injustiça e do abuso social.

Nosso interesse pela vida deveria alcançar os novos campos da bioética, dos quais as religiosas estamos ainda bastante ausentes, e os problemas ecológicos, que, ainda que timidamente, começam a atrair nossa atenção, particularmente a propósito da conservação dos recursos e da ameaça de destruição da terra.

Há ainda outros sinais de morte em nossa sociedade, porque nela continuam inventando-se múltiplas formas de auto-destruição; busca de experiências sem retorno, evasões por meio das drogas, inclusive renúncia a querer continuar vivendo.

Diante desse panorama, voltamos a pensar que, no projeto de Deus, a mulher é fonte de vida desde o amor. Maria foi a mediação que o Pai quis escolher para que entrasse no mundo a Vida, Jesus, e se realizasse o mistério da salvação. À imagem de Maria, entra no plano de Deus que ofereçamos a vida com generosidade, encarnando o amor, para a transformação do mundo e que estejamos prontas a entregá-la totalmente até o martírio, como testemunho supremo desse amor, seguindo a Cristo, para que o mundo viva.

4.4. Gerar e alimentar comunhão diante das fragmentações e rupturas sociais

Na mulher acentua-se a estrutura própria do ser humano como ser-em-relação; esta estrutura vertebrada sua pessoa e sua realização; uma mulher se encontra a si mesma em relação e graças a ela. Desde essa base relacional, está capacitada a promover comunhão, reciprocidade, no dar e receber, integração entre corpo e espírito, pensamento e palavra, sentimento e ação. É notável a persistência da mulher, sobretudo da mulher do povo, em tecer comunhão.

Por outra parte, encontramos-nos diante da fragmentação e das rupturas do tecido social e eclesial. Dentro da grande comunidade humana, as tensões e conflitos entre o norte e o sul, o leste e o oeste nos estão dizendo que falta muito para conseguir a comunhão. E em outro nível mais concreto, todos nos sentimos implicados nos efeitos produzidos pelo individualismo, a falta de diálogo ou a superficialidade na comunicação. "Pertencemos a uma sociedade que perdeu em grande parte a confiança na palavra como meio de construir a sociedade, de buscar a verdade, de chegar a compreender as coisas²²."

Contudo, a todos nos atrai a utopia de uma sociedade inclusiva e solidária, na qual já não existam discriminações de nenhum

gênero. Muitos de nossos esforços vão encaminhados a criar centros de comunhão, que pré-anunciem de algum modo essa comunidade universal e ideal onde todos seremos um com Cristo como cabeça. Mas até que isso aconteça, empenhamo-nos em promover essa mesma dinâmica nos pequenos núcleos de nossas comunidades religiosas.

Pelo que se refere às mulheres consagradas, colocamos ênfase no modelo novo de comunidade, que busca a coesão interna do grupo através de elementos como: uma clara orientação missionária para estender os valores do Reino; estruturas ágeis e reveladoras de convergência no serviço apostólico; estilo de vida simples; inserção e inculturação no ambiente; um modo de exercer a autoridade a serviço da comunhão. Elementos constitutivos dessa coesão grupal são também os conflitos e tensões prévios à concórdia, a disponibilidade ao perdão, a participação na convivência fraterna. Particularmente o são a escuta atenta da Palavra de Deus e a celebração eucarística, como momentos privilegiados para criar comunhão em torno a Cristo.

Uma comunidade que vive essa integração e respira esperança, apesar de suas limitações, é boa nova de Jesus, é significativa, diz algo sobre o amor de umas pessoas pelas outras, suscita interrogações. Essa comunidade não pode fechar-se em si mesma; ao contrário, abre-se à comunhão ampla com todo o povo de Deus.

Abre-se às pessoas próximas, ao povo, a quem oferece o melhor de si mesma, comprovando que recebe mais do que dá. Nesse âmbito situam-se: a cooperação mútua e autêntica com os leigos; o esforço por mobilizar outras mulheres e colaborar com elas; envolver-se em movimentos humanitários em nível local, nacional e internacional.

Abre-se à comunhão com as comunidades de outros Institutos; esta experiência

intercongregacional favorece encontros, relações de amizade, intercâmbio de experiências, e leva à colaboração na missão, desenvolvendo trabalhos apostólicos conjuntamente.

Abre-se à Igreja particular, como o espaço em que se experimenta o mistério de toda a Igreja. Há muitos sinais positivos, por parte das religiosas, dessa integração e mútua confiança; manifestam entusiasmo por sua participação nos ministérios paroquiais e diocesanos; tomam parte em grupos ecumênicos; vivem, desde dentro da Igreja particular, os problemas da indiferença religiosa, o surgir de seitas e a prática de cultos secretos. Ainda que essas manifestações revelem uma rota já esboçada, é igualmente certo que falta muito caminho por recorrer, até o ponto de que se sente a necessidade de redefinir o lugar das religiosas de vida apostólica dentro das estruturas existentes na Igreja.

Em todos os campos mencionados, queremos realizar a comunhão, à qual nos sentimos chamadas desde a nossa própria feminilidade. Nossa preocupação é como revelar ao mundo, mais autenticamente, através de nossas comunidades, a mensagem de Jesus sobre a unidade e o amor.

4.5. Paciência e audácia, resistência e fortaleza diante das pressões e dificuldades da vida atual

De permanecer e de paciência sabem muito as mulheres. Trata-se de algo sumamente ativo: é aceitar a realidade, qualquer que ela seja, reconhecê-la tal como se nos apresenta, sem tentar negá-la ou mascará-la para nos enfrentarmos com ela.

Resistiu de modo surpreendente Maria, quando esteve de pé junto à cruz, vendo morrer Jesus (Jo 19,25). Nós, mulheres, sentimos-nos chamadas a resistir nos postos difíceis de serviço e diante dos conflitos e contradições que levam consigo a

dimensão pascal da vida consagrada. Constitui também um serviço, às vezes silencioso, da vida religiosa feminina, diante das pressões da atual conjuntura social, o resistir ou permanecer sem pressa junto às pessoas que passam dificuldades, sustentando-as a crescer passo a passo.

É toda uma gama de situações que se nos apresenta, nas quais podemos expressar nossa capacidade de resistência; abrange desde os gestos de apoio despretensiosos e, às vezes, despercebidos que vão surgindo ao longo do dia-a-dia, até o alento nas circunstâncias mais conflitivas ou de maior risco com que nos podemos encontrar.

Nossa projeção nesses casos tem múltiplas manifestações, como podem ser: sustentar a fé do povo, quando experimenta a tentação do desalento e a perda do sentido de transcendência; comungar com a dor dos homens e mulheres que, sob diversas formas, representam os crucificados da terra; dar apoio a quem está trabalhando pela evangelização em situações particularmente difíceis e em meio a grandes riscos; estimular, através dos recursos disponíveis, a ação missionária "ad gentes" e continuar fazendo novas opções nas vanguardas de Igreja.

Essa capacidade de resistência tem muito de fortaleza e audácia, de estímulo à luta no meio da dificuldade. É interessante observar que tanto a Bíblia como a história recente de nossos países revelam que mulheres se fazem visíveis, quando a situação envolve risco e perigo.

Entre as extraordinárias figuras femininas do Antigo Testamento, fazemos memória de Ester, que "simboliza a resistência ativa diante da injustiça, a solidariedade de uma mulher de fé com o destino de seu povo, a capacidade de enfrentar o risco ao defender a causa desse povo. Uma frágil órfã converte-se em líder que conduz à libertação"²³.

Recordamos también, con João Paulo II, o que sucedeu diante de Cristo crucificado: "No momento da prova definitiva e decisiva para toda a missão messiânica de Jesus de Nazaré, aos pés da cruz estavam, em primeiro lugar, as mulheres: dos apóstolos, só João permaneceu fiel; as mulheres eram muitas. Nesta, que foi a prova mais dura da fé e da fidelidade, as mulheres se mostraram mais fortes que os apóstolos; nos momentos de perigo, aquelas que 'amam muito' conseguem vencer o medo"²⁴.

Em continuidade com tantas figuras femininas da história, as mulheres consa-

gradas de hoje sentimo-nos interpeladas a continuar manifestando, diante das pressões e conflitos do mundo contemporâneo, resistência ativa, capacidade de risco, fortaleza no perigo, fidelidade na prova. Tendo como base uma mentalidade específica do nosso ser feminino, a razão de fundo que explica este modo de resistir e de lutar não é senão o "muito amor".

* Inés Laso González é Superiora Geral das Filhas de Jesus e membro do Conselho Executivo da União Internacional de Superiores Gerais (UISG).
Tradução: Ir. Adair Alice de Mattos; F.I.

NOTAS

- (1) Documento final del Congreso. "II Síntese teológica" GARCIA PAREDES, J. Cristo Rei. nº 25. Roma 1993.
- (2) Cf. UISG. "La Vida Consagrada y su Función en la Iglesia y en el Mundo". Visión de conjunto de las respuestas a los Lineamenta. LETOURNEAU, Marguerite. Roma 1993 (en prensa).
- (3) USG. "Los Religiosos y la Comunión Eclesial hoy". GOTTEMOELLER, Doris. Comunicación al Congreso. Roma 1993.
- (4) UISG. "Vida Religiosa apostólica femenina: Nueva Vitalidad y Nuevos Desafíos". Resumen de los informes. LETOURNEAU, Marguerite. Boletín de la UISG, nº 92, 1993, P 10.
- (5) JUAN PABLO II. "Mulieris Dignitatem". 10, 1988.
- (6) Cf. Seminário-Taller de la CLAR sobre la mujer. "Documento Final" Boletín NOTICONFERECRECER, p 40, diciembre 1993.
- (7) TEPEDINO, A. Maria y RIBEIRO BRANDÃO, Margarida. "Mujer Latino-americano. Mensaje de vida nueva" 1990.
- (8) USG. "Desde la perspectiva femenina, como podemos entender e presentar la Vida Consagrada en la Iglesia y en el mundo?" MANANZAN, Mary John. Comunicación al Congreso, 1993.
- (9) UISG. "Reflexión Teológica sobre nuestros 30 años de experiencia postconciliar de vida religiosa apostólica femenina". Grupo de reflexión teológica. Roma 1993.
- (10) "Mulieris Dignitatem", 13.
- (11) JUAN PABLO II. "Redemptoris Mater", 46 1987.
- (12) "Redemptoris Mater", 37.
- (13) NAVARRO, Mercedes. "La Vida Religiosa Apostólica vivida desde las Mujeres: una narración paradójica".
- (14) UISG. "La Vida Consagrada y su Función en la Iglesia y en el Mundo". Visión de conjunto de las respuestas a los Lineamenta. LETOURNEAU, Marguerite. Roma, 1993.
- (15) LOYOLA, San Ignacio de. Constituciones, 813.
- (16) Cf. USG. Documento final del Congreso. "II Síntesis teológica". GARCIA PAREDES, J. Cristo Rei. Nota nº 9 Roma 1993.
- (17) NAVARRO, MERCEDES. a.c.
- (18) "Mulieris Dignitatem", 16.
- (19) Cf. DE FREITAS, M. Carmelita. "Rasgos más significativos de una Teología de la Vida Religiosa en América Latina". Revista TESTIMONIO, nº 138, 1993, P 70.
- (20) ANTONCICH, Ricardo. "La Dignidad de la Mujer". Boletín de la CLAR. Marzo 1989.
- (21) USG. "Los religiosos en la Misión". AMALADOSS, Michael. Ponencia al Congreso, 1993.
- (22) USG. "La Misión Hoy". Retos a los Religiosos". RADCLIFFE, Timothy. Comunicaciones al Congreso, 1993.
- (23) ALEIXANDRE, Dolores. "Mujeres en la hora undécima". Madrid 1990.
- (24) "Mulieris Dignitatem", 15.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL DO TEXTO OU DEBATE EM COMUNIDADE.

1. Entre os apelos às religiosas de vida apostólica sugeridos no Congresso promovido pela USG encontra-se o da reciprocidade entre homem e mulher. Já que a presença nas estruturas mais decisivas da realidade social e eclesial continua sendo predominantemente masculina, manifestando o modo próprio do homem de organizar, pensar, falar, decidir, atuar, que mudanças iniciais seriam necessárias, tendo presente a realidade onde você atua, para que essa reciprocidade possa progredir?

2. Muitos grupos femininos falam de uma

espiritualidade desenvolvida desde o ponto de vista da mulher. Que sinais, que características você e seu grupo identificariam como peculiares dessa experiência espiritual a partir do feminino e que não poderia ser igualmente reivindicada pelos religiosos homens?

3. Na parte final de seu artigo, a autora apresenta o que, no seu modo de ver, são traços específicos da mulher, particularmente na vida religiosa. O que lhe parece mais significativo, mais pertinente com a realidade vivida por você e seu grupo?



Prezado Assinante:

Rio de Janeiro, RJ
Julho/agosto de 1994

A Conferência dos Religiosos do Brasil acaba de lançar o quinto volume da coleção *Tua Palavra É Vida*. Chama-se: *SEGUIR Jesus. Os Evangelhos*. São 270 páginas, graficamente bem apresentadas. Adquira o seu exemplar na sua CRB Regional. Ou peça à CRB Nacional. Não vai se arrepender de comprar, folhear, ler e estudar este livro. Os demais volumes são: *A Leitura Orante da Bíblia (I)*. *A Formação do Povo de Deus (II)*. *A Leitura Profética da História (III)*. *Sabedoria e Poesia do Povo de Deus (IV)*.

Numa antinomia positiva que dá a medida da grandeza da pessoa humana, somos obrigados a escolher porque *somos obrigados a ser livres*. Escolher é excluir. Na exclusão que a escolha implica se aprimora, cresce e se acrisola a liberdade. Escolher não escolher, uma péssima escolha. Lembra árvores à margem do rio. As águas passam e se vão. Elas ficam alheias ao fluxo e ao refluxo aceitando conviver com suas fronteiras movediças. Iludem-se, aguardando a última vaga de uma maré que não volta mais a bater nas praias de sua história.

A Vida Consagrada sempre nos impele a escolher. Escolher entre a verdade de Deus e a nossa. Escolher entre a verdade que vem de Deus e aquela que cada um constrói para seu consumo. Escolher requer definições que desatendam táticas que atendem a conveniências momentâneas. É difícil decidir-se. É um gosto generalizado estar à janela como observador permanente, sem se definir. Caráter excessivamente tático. Não é fácil vergar a espinha dorsal de uma moldura mental fortemente enraizada: deixar que tudo se resolva — sem ser resolvido — pela lei da inércia. Carta fora do baralho e do barulho.

Cada um por si. *A decisão é individual*. Cabe a cada um decidir. *Mas a solução só pode ser coletiva*. O todo é a soma das partes interagindo no processo. Cada um, pois, por si. E mais: você por mim, eu por você, a Província por todos nós. TODOS, de forma oral, documental e existencial, de direito, de fato e de verdade, fizemos uma escolha. Todos tomamos uma decisão: *viver a Vida Consagrada pelo que ela tem de substancial*. E lastreá-la com valores, convicções e atitudes vitais. Feita a opção, resta agora vivê-la com inflexível coerência, porque, no plano moral, o que mais conta é o exemplo.

Não perder a consciência da importância do exemplo como reflexo indispensável à convivência das pessoas e como canal de transferência de virtudes. A melhor escola é a do exemplo. *O modo de agir tem ressonância incomparável*. Um gesto vale mil palavras indignadas. As idéias, por si sós, mesmo se verticais e em profundidade, são incapazes de mover o coração e provocar a conversão. *Só imagens vivas e concretas despertam o afeto e transformam a existência*. Modelos para se imitar valem mais do que teorias para se entender. Imitar e SEGUIR mais do que compreender e assimilar.

Elemento substancial na Vida Consagrada que, solenemente, juramos viver é o SEGUIMENTO de Jesus Cristo. Uma leitura assídua, orante, reiterada, contemplativa dos EVANGELHOS é a melhor escola, a escola insubstituível para *conhecer, imitar, SEGUIR, continuar e prolongar Jesus Cristo em sua Missão*. Uma contemplação repetida das palavras e das ações, dos sentimentos e das opções, das atitudes e dos gestos de Jesus comove e converte o coração. Leva ao SEGUIMENTO. Leva a uma crescente identificação vital com ele. Para conhecer uma pessoa não basta um encontro. Nem o conhecimento chega através das idéias. São necessários muitos olhares contemplativos para que o amor se enraíze no coração.

O ato de SEGUIR representa uma profissão. Por isso, deve-se abandonar a que se exercia anteriormente. Ser SEGUIDOR é um estado de vida, uma situação permanente. Uma maneira de ser e de existir, não apenas ocasionalmente e por intervalos. Não se trata de aderir a uma doutrina abstrata como se os Evangelhos fossem um novo código de normas e obrigações ou uma lista de dogmas, ou um catálogo de deveres, ou um manual de organização de igrejas e instituições análogas.

SEGUIR é ligar-se a Jesus Cristo para SEMPRE. É partilhar sua vida e seu destino. Aceitá-lo como forma pessoal de vida. Não se vive e não se morre por uma idéia. Todavia, vive-se e se morre por JESUS CRISTO a quem se ama e se adora. Da encarnação ao nascimento e à circuncisão até a realização pascal morte-ressurreição, JESUS é, em todo o seu ser, o mistério inefável que dá à nossa vida um sentido totalmente novo.

Desejando-lhe toda PAZ e todo BEM, com fraterna amizade e renovada estima, subscrevo-me,

atenciosamente

Pe. MARCOS DE LIMA, SDB
Redator-Responsável/Convergência